



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

DANIEL DO ROSÁRIO CHAMA

O matrimónio como testemunho alegre do amor.

Um estudo teológico a partir da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor António Abel Rodrigues Canavarro

e sob co-orientação de:

Dr. José Nélio da Silva Gouveia.

Porto

2018

RESUMO

O presente trabalho é fruto de um estudo teológico sobre o significado unitivo do matrimónio (o convite a crescer no amor e no ideal de ajuda mútua) à luz da Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco. A nossa reflexão tem como suporte a fundamentação bíblica sobre o matrimónio, os documentos da Igreja sobre o matrimónio e a família, e os comentários a volta da *Amoris Laetitia*. Com isto, procuramos destacar a centralidade do amor no matrimónio – um amor aberto à vida, isto é, fecundo, que se manifesta e cresce – e a beleza de viver o matrimónio cristão à luz da palavra de Deus por meio de um discernimento que pressupõe acompanhamento e integração.

Palavras-chave: matrimónio, sacramento, amor, família, vocação, misericórdia, discernimento, acompanhamento e integração.

ABSTRACT

The present work is fruit of a theological study about the unitive meaning of marriage (an invitation to grow in love and ideal of mutual help) in the lighth of the Apostolic Exhortation *Amoris Laetitia* of Pope Francis. Our reflection has as support the biblical foundation of marriage, documents of the Church on marriage and family, and the commentaries around the Apostolic Exhortation *Amoris Laetitia*. With this we seek to emphasize the centrality of love in the marriage – a love opened to life, that is, fruitful, that manifests itself and grows – and the beauty of living christian marriage in the light of the word of God through discernment that presupposes accompaniment and integration.

Key-words: marriage, sacrament, love, family, vocation, mercy, discernment, accompaniment and integration.

SIGLAS E ABREVIATURAS

1 Cor	Primeira Carta de S. Paulo aos Coríntios.
Col	Carta de S. Paulo aos Colossenses.
Ef	Carta de S. Paulo aos Efésios.
Ex	Livro do Êxodo.
Ez	Livro de Ezequiel.
Hb	Carta aos Hebreus.
Is	Livro de Isaías.
Jo	Evangelho de S. João.
Jr	Livro de Jeremias.
Mc	Evangelho de S. Marcos.
Mt	Evangelho de S. Mateus.
Os	Livro de Oseias.
Rm	Carta de S. Paulo aos Romanos.
Sl	Salmo.
AAS	Acta Apostólica Sedis.
AAVV	Autores Vários.
ATEO	Atualidade Teológica.
CDC	Código de Direito Canônico.
CIC	Catecismo da Igreja Católica.
Cord	Coordenador.
Fasc	Fascículo.
GE	Declaração Gravissimum Educationis.
GS	Constituição Pastoral Gaudium et Spes.
N./Ns	Número/Números.
ONU	Organização das Nações Unidas.
Org	Organizador.
REB	Revista Eclesiástica Brasileira.
Vol	Volume.

INTRODUÇÃO

A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*, resultado dos dois Sínodos sobre a família – o Extraordinário de 2014 e o Ordinário de 2015 – tem como objetivo principal, a nosso ver, apresentar uma visão “atualizada” da família cristã fundada sobre o sacramento do matrimônio. Esta necessidade do Papa Francisco e dos bispos em propor na sua integridade a mensagem evangélica sobre a família¹, suscitou, em nós, um certo interesse, particularmente no que diz respeito ao matrimônio visto a partir do amor. Pois é este aspeto que nos chamou mais atenção; daí o querer aprofundá-lo mais através de um estudo teológico-pastoral, porque é nestes moldes que o Papa Francisco apresenta a sua reflexão.

É bem verdade que falar do sacramento do matrimônio como testemunho alegre do amor na família não é uma realidade nova, pois já o Vaticano II² fazia referência a isto quando definia a família como uma comunidade de vida e de amor. O mesmo se pode dizer da *Humanae Vitae*, que ao falar-nos do amor conjugal e das suas características³, apresenta o matrimônio como uma instituição sábia do Criador para realizar o seu desígnio de amor, e a *Familiaris Consortio*, que dos três documentos, é a que mais se detém nesta temática sobre o matrimônio e a família de forma ampla. Porém, apesar destes documentos anteriores a *Amoris Laetitia* fazerem já referência, notamos que o Papa Francisco acrescenta à visão que existe, sobre o matrimônio, novos e recuperados aspetos, embora reconheçamos que ele tem como suporte os Sínodos acima citados e os documentos dos seus antecessores, mormente a *Familiaris Consortio* da qual faz referência ao longo da sua abordagem.

Falar do matrimônio como testemunho alegre do amor é, sem dúvida, apresentar o matrimônio à luz da mensagem evangélica vivida na sua integridade. Certamente não é fácil vivê-lo de forma integral, isto é, vivê-lo na sua totalidade de acordo com as normas e as orientações da Igreja, mas cabe a cada um dos casais procurar os meios necessários que facilitem esta vivência tendo em conta algumas orientações teológico-pastorais e espirituais que o Papa Francisco nos propõe nesta sua Exortação.

¹ Cf. G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, in G. RAVASI (Cord.), *Papa Francisco. Que teologia?*, (Paulinas Editora, Itália 2017), p.192.

² Cf. GS 48.

³ Cf. PAULUS PP. VI, *Litterae Apostolicae Humanae Vitae*, in *AAS* (1968), 8-9.

O nosso objetivo, neste trabalho, é apresentar a partir de um estudo teológico, sobre a *Amoris Laetitia*, o matrimónio no seu aspeto unitivo (vivência no amor), pois «muitas vezes apresenta-se de tal maneira o matrimónio que o seu fim unitivo, o convite a crescer no amor e o ideal de ajuda mútua ficam ofuscados por uma ênfase quase exclusiva no dever da procriação»⁴. Daí a necessidade de centrarmos a nossa reflexão neste aspeto, mas sem olvidar, obviamente, o aspeto procriativo, pois é importante para a família enquanto tal.

Assim sendo, o nosso trabalho está dividido em três capítulos: a família e o matrimónio à luz da revelação bíblica, o matrimónio como sacramento de amor na *Amoris Laetitia* e o sacramento do matrimónio como fonte de crescimento e alegria espiritual.

No primeiro capítulo, intitulado “a família e o matrimónio à luz da revelação bíblica”, falaremos, em primeiro lugar, da situação atual das famílias, dos desafios que elas enfrentam, quer sejam internos ou externos, de algumas situações difíceis relacionadas com a cultura do individualismo que o Papa Francisco faz questão de sublinhar nesta Exortação, a falta de um diálogo saudável entre as famílias, mormente aos casais que se unem pelo sacramento do matrimónio, a falta de seriedade e de compromisso nas relações entre os cônjuges, a falta de solides nas relações matrimoniais, a interferência negativa do trabalho nas relações entre pais e filhos e o enfraquecimento das relações interpessoais entre as famílias.

Em segundo lugar, falaremos do matrimónio a partir da Sagrada Escritura. Aqui teremos como suporte para a nossa reflexão alguns temas bíblicos usados pela *Amoris Laetitia*. Começaremos pelo Antigo Testamento e depois passaremos para o Novo Testamento, para que a nossa reflexão seja feita de forma crescente e de acordo com o itinerário feito pelo Papa Francisco ao apresentar-nos a sua proposta na *Amoris Laetitia*. No Antigo Testamento teremos como centro da nossa reflexão os dois relatos da criação (Sacerdotal e Javista), isto porque é por meio deles que nos é dada a primeira referência do matrimónio a partir da revelação bíblica. Já no Novo Testamento iremos falar da proposta de Jesus sobre o matrimónio. Aqui procuraremos destacar a questão da unidade e indissolubilidade que Jesus nos recorda em Mt 19, confirmando o já prescrito em Géneses (cf. Gn 1 e 2).

⁴ FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostólica Amoris Laetitia*, in *AAS* 108 (2016), 36.

Em terceiro lugar, falaremos sobre a fecundidade matrimonial e sobre o matrimônio como uma vocação de amor. Aqui procuraremos destacar, não apenas a fecundidade matrimonial vista como um dom, mas também esta vocação de amor que os esposos são chamados a testemunhar no seu dia-a-dia.

No segundo capítulo intitulado “o matrimônio como sacramento de amor na *Amoris Laetitia*” a nossa reflexão centrar-se-á em três temáticas importantes que o Papa Francisco, partindo dos dois Sínodos acima citados e de algumas das suas catequeses sobre a família, faz questão de sublinhar nesta Exortação. Ei-las: o amor matrimonial, o amor fecundo e indissolúvel, e o amor que se manifesta e cresce. Na primeira temática iremos apresentar as características do amor conjugal, bem como as suas dimensões, pois são fundamentais na vivência do amor conjugal.

Na segunda, procuraremos sublinhar à luz da *Amoris Laetitia* que o amor que une os esposos no sacramento do matrimônio tem de estar aberto à vida e não fechado em si mesmo, tal como se começa a verificar em muitas sociedades, ambientes e mentalidades que não compreendendo bem a dimensão e a amplitude deste sacramento procuram reduzi-lo pura e simplesmente ao amor egoísta que não se abre à vida. Portanto, aqui iremos sublinhar a disponibilidade que o casal deve ter para acolher uma nova vida que chega no seu seio, bem como a aceitação e o cuidado que devem ter com esta nova vida, que é um presente de Deus. Outrossim iremos destacar a unidade e indissolubilidade do amor entre os cônjuges e a procriação responsável, pois não basta ter filhos é necessário que os pais estejam preparados para recebê-los.

Na terceira iremos apresentar as propostas do Papa Francisco relativas ao amor que se manifesta e cresce. Portanto, tais propostas referem-se a abertura ao diálogo e ao crescimento na caridade conjugal. Nestas duas propostas procuraremos sublinhar, com pormenor, a atenção ao próximo, pois trata-se de uma doação de uma pessoa a outra. Isto, por sua vez, supõe que os cônjuges se abram ao diálogo e vivam de forma fraterna, isto é, confiando um no outro. Trata-se, portanto, de uma vivência que tem por base a comunhão entre os cônjuges, a exemplo da comunhão trinitária que o Papa Francisco alude nesta Exortação ao afirmar que pelo matrimônio o homem e a mulher constituem uma comunhão de vida⁵.

⁵ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 71.

No terceiro capítulo intitulado “o matrimónio fonte de crescimento e alegria espiritual”, iremos centrar a nossa reflexão em três perspetivas fundamentais: espiritual, pastoral e missionária. Na perspetiva espiritual procuraremos abordar dois temas: a espiritualidade da comunhão matrimonial e a espiritualidade da solícita misericórdia. No primeiro iremos sublinhar a importância da comunhão entre os cônjuges, pois se trata de um meio para a união íntima com Deus⁶, tal como nos recorda o Papa Francisco ao refletir sobre a vivência de uma comunhão bem vivida. No segundo iremos sublinhar com afinco a questão da solícita misericórdia.

Na perspetiva pastoral iremos centrar a nossa reflexão nestas três temáticas: a fidelidade matrimonial; a dinâmica: discernir, acompanhar e integrar; e a educação dos filhos. Na primeira iremos falar da fidelidade conjugal. Aqui procuraremos acentuar a fidelidade como uma das exigências do matrimónio cristão. Ao amor livre e desinteressado de um homem e uma mulher que se unem no matrimónio, pede-se que seja fiel. Pois o laço que une os casais além de ser definitivo, tem de ser também exclusivo. Na segunda iremos apresentar os caminhos pastorais que o Papa Francisco propõe às famílias, para um encontro com o Senhor. Trata-se, na maior parte das vezes, de famílias em situações difíceis ou de fragilidade. Na terceira e última iremos destacar o papel dos pais na educação dos filhos, bem como a relação que deve existir entre eles. Portanto, sendo uma responsabilidade dos pais, procuraremos destacar que ela deve começar já desde o nascimento e ir até as outras fases da vida. Aqui é determinante o papel dos pais na formação e educação integral dos seus filhos.

Na perspetiva missionária procuraremos refletir sobre dois temas muito significativos para as famílias e para os agentes de pastoral. São estes: a beleza do matrimónio cristão e o testemunho alegre do matrimónio. Aqui nestes dois temas procuraremos sublinhar que a beleza do matrimónio cristão passa obviamente pelo testemunho credível das famílias e pela capacidade de viver o matrimónio à luz da mensagem evangélica.

É nestes moldes que a nossa reflexão se irá desenrolar ao longo deste trabalho que nos propomos estudar. Nestes três capítulos deste nosso trabalho intitulado “o matrimónio como testemunho alegre do amor” que se vive na família, teremos como ponto central da nossa reflexão o significado unitivo do amor, isto é, o convite a crescer no amor.

⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 316.

I CAPÍTULO: A REALIDADE DA FAMÍLIA E O MATRIMÓNIO À LUZ DA REVELAÇÃO BÍBLICA

A família percebida à luz da revelação bíblica é o reflexo vivente da Trindade que é comunhão de amor. A este propósito, diz o Papa Francisco, recordando as palavras de João Paulo II: «O nosso Deus, no seu mistério mais íntimo, não é solidão, mas uma família, dado que tem em Si mesmo paternidade, filiação e a essência da família, que é o amor»⁷.

Este amor que une os esposos no matrimónio é, segundo a Sagrada Escritura, querido pelo Criador desde o princípio, isto porque o plano do Criador desde o princípio, e mais tarde confirmado por Jesus, é que o homem e a mulher unidos em matrimónio (os dois passam a ser “um só”) fossem capazes de testemunhar o amor de Deus no seu dia-à-dia. Pois a família, enquanto comunidade de vida e de amor, encontra o seu significado em Deus, origem de todo o amor.

Tendo por base, a Exortação pós-sinodal *Amoris Laetitia*, neste primeiro capítulo, intitulado “a realidade da família e o matrimónio à luz da revelação bíblica”, começaremos por falar primeiramente dos desafios atuais da família, destacando alguns males que destroem o matrimónio e a família. Seguidamente iremos falar do matrimónio a partir da Sagrada Escritura. Na nossa abordagem sobre o matrimónio e a família, partiremos do Antigo Testamento para o Novo Testamento, isto porque «a aliança sponsal inaugurada na criação e revelada na história da salvação, recebe a plena revelação do seu significado em Cristo»⁸. Portanto «de Cristo, através da sua Igreja, o matrimónio e a família recebem a graça necessária para dar testemunho do amor de Deus e para levar uma vida de comunhão»⁹. Por conseguinte, uma vez redimidos por Cristo e restaurados a imagem da Trindade, mistério da qual brota todo amor autêntico¹⁰, é importante que as famílias vivam o seu matrimónio com amor e a partir do amor, pois o casal (homem e mulher) é criado por amor para viver e testemunhar este amor que é comunhão.

⁷ FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostólica Amoris Laetitia*, 11.

⁸ RELATIO FINALIS – XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos – *A vocação da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, (Cidade do Vaticano 2015), 44.

⁹ RELATIO FINALIS 2015, 44.

¹⁰ Cf. RELATIO FINALIS 2015, 46.

1. Os desafios das famílias

O bem da família é decisivo para o futuro do mundo e da Igreja. É salutar prestar atenção, diz o Papa Francisco, à realidade concreta da família, porque «os pedidos e apelos do Espírito ressoam também nos acontecimentos da história através dos quais a Igreja pode ser guiada para uma compreensão do inexaurível mistério do matrimónio e da família»¹¹.

O Papa Francisco aponta como desafios enfrentados pelas famílias, a falta de diálogo resultante da atividade educativa que deixa os pais cansados e sem vontade de conversar, a «toxicoddependência como um dos flagelos do nosso tempo que faz sofrer muitas famílias»¹², o individualismo exagerado que o Sínodo destaca como «a cultura individualista da posse e do gozo que gera no seu interior dinâmicas de intolerância e de agressividade, às vezes ingovernáveis»¹³, a solidão, a prática da poligamia que vigora ainda em algumas sociedades¹⁴, a violência verbal, física e sexual que, às vezes, se exerce sobre as mulheres em alguns países bem como as várias formas de escravidão¹⁵, a ausência dos pais na vida da família que acaba por penalizar não só a vida familiar, mas também a educação dos filhos e a sua integração na sociedade¹⁶.

Um outro desafio apontado pelo Papa Francisco é a chamada ideologia de género (gender), «que nega a diferença e a reciprocidade natural de homem e mulher. Prevê uma sociedade sem diferenças de sexo e esvazia a base antropológica da família»¹⁷. Esta ideologia de género apontada pelo Papa Francisco como um dos grandes desafios atuais, incide de maneira grave na possibilidade de construir uma família fundada no matrimónio¹⁸. Daí a preocupação do Papa por este desafio cultural.

Um outro aspeto apontado pelo Papa Francisco é a cultura do relativismo que reduz o outro a um objeto, subjugado a todo tipo de exploração¹⁹. Segundo o Papa

¹¹ FRANCISCUS PP, *Amoris Laetitia*, 31.

¹² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 51.

¹³ RELATIO FINALIS 2015, 8.

¹⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 53.

¹⁵ Cf. M. B. BUÑUEL, “Amoris Laetitia. El sacramento del matrimonio hoy”, in *Phase 56*, (N. 337, Enero-Febrero, Barcelona 2017), p.35.

¹⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 55.

¹⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 56.

¹⁸ Cf. C. D. HIDALGO, “Claves de política pública de familia planteados por Amoris Laetitia: comentario al capítulo segundo «realidade y desafios»”, in *Medellín* (Vol. XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016), pp.286-287.

¹⁹ Cf. G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.147.

Francisco, «esta cultura do relativismo é a mesma patologia que impele uma pessoa a aproveitar-se de outra e a trata-la como mero objeto, obrigando-a a trabalhos forçados, ou reduzindo-a à escravidão»²⁰.

Estas “grandes dificuldades” com que muitas famílias se confrontam nos nossos dias não permitem que se tenha uma vida familiar estruturada²¹. Além do «crescente perigo representado por um individualismo exagerado que desvirtua os laços familiares, acabando por considerar cada componente da família como uma ilha»²², o Papa Francisco faz questão de sublinhar também o stresse, a organização social e laboral como alguns dos fatores culturais que colocam em risco a possibilidade de opções permanentes ao ritmo da vida atual. Além destes aspetos, podemos dizer que circunstâncias opostas tais como a pobreza ou a riqueza, o trabalho ou o desemprego, a beleza ou a fealdade, o morar num palácio ou numa cabana, podem da mesma maneira causar dificuldades numa determinada família²³. Tal como nos diz o relatório final do Sínodo:

«Constata-se nos mais diversos contextos culturais, o receio dos jovens de assumir compromissos definitivos, como o de constituir uma família. Em geral, observa-se a difusão de um individualismo extremo que põe no centro a satisfação de desejos que não levam à plena realização da pessoa»²⁴.

Famílias há que «consideram difícil ou mesmo impossível ligar-se a uma pessoa por toda a vida»²⁵, daí optarem pela rutura como uma forma de quebrar a rotina, de tal modo que se possa ter novas experiências e poder viver de acordo com o que a sociedade lhes oferece. Muitas famílias defendem que a rutura de um compromisso definitivo não constitui, de antemão, um abandono ou uma traição condenável, mas, apenas um gesto de coragem e um acto de profunda sinceridade²⁶ pois desta forma abrimo-nos a novos horizontes, vivendo novas experiências que nos permitem sermos felizes. No fundo o que está em causa é o medo do compromisso permanente ou «definitivo»²⁷, daí as indicações de diversas justificações, como subterfúgio das ruturas ou divórcios constantes a que assistimos em nossos dias.

²⁰ Cf. G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.147.

²¹ Cf. W. KASPER, *O Evangelho da Família*, (Paulinas, 2014), p.7.

²² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 33.

²³ Cf. E. ELL, *Matrimónio e Sexualidade*, (Paulistas, Lisboa, 1972), p.256.

²⁴ RELATIO FINALIS 2015, 7.

²⁵ IOANNES PAULUS PP., *Familiaris Consortio*, in *AAS* 74 (1982), 34 – 37.

²⁶ Cf. A. SARMIENTO, *El Matrimonio Cristiano*, (EUNSA, España 1997), pp.310 – 311.

²⁷ RELATIO FINALIS 2015, 7.

Segundo o Papa Francisco, das várias causas existentes que levam as roturas matrimoniais a que assistimos atualmente, uma delas «é ter expetativas demasiado altas sobre a vida conjugal»²⁸. De acordo com o Papa Francisco, «quando se descobre a realidade mais limitada e problemática do que se sonhara, a solução não é pensar imediatamente na separação, mas assumir o matrimónio como um caminho de amadurecimento, onde cada um dos cônjuges é um instrumento de Deus para fazer crescer o outro»²⁹.

Um dos graves problemas atuais é o facto de as pessoas confundirem, segundo Papa Francisco, liberdade genuína com a ideia de que cada um julga como lhe parece, como se para além dos indivíduos, não houvesse verdades, valores e princípios que nos guiam, como se tudo fosse igual e tudo se devesse permitir³⁰. Se pensarmos desta forma, «o ideal matrimonial como um compromisso de exclusividade e estabilidade acaba por ser destruído pelas conveniências contingentes ou pelos caprichos da sensibilidade»³¹.

Um outro desafio que as famílias enfrentam atualmente é o desemprego. As famílias sofrem bastante, pois nota-se uma certa exclusão social no atual sistema económico de alguns países³². Uma das camadas mais afetadas são os jovens cujas ofertas de trabalho além de serem pouquíssimas não são bem remuneradas. Além do difícil acesso ao emprego, constata-se também em certos países uma certa seleção, que é prejudicial, a nosso entender, pois não prima pela competência como um dos requisitos primordiais de emprego, todavia tem em conta outros requisitos ou exigências, tais como as amizades ou mesmo os laços familiares.

1.1 As relações interpessoais

Dos vários desafios apontados pelo Papa Francisco, as relações interpessoais apresentam-se, também, como um dos grandes desafios que as famílias enfrentam no seu dia-a-dia.

Dadas as tensões existentes entre as famílias, principalmente nas famílias atuais “ditas modernas”, é recomendável – de acordo com o Papa Francisco – que os casais, onde quer que estejam, façam um discernimento e uma auto-avaliação a sua vida

²⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 221.

²⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 221.

³⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 34

³¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 34

³² Cf. RELATIO FINALIS 2015, 15.

hodierna, para que consigam ultrapassar a divisão, o egoísmo, o individualismo, o complexo de superioridade e outros tantos aspetos negativos existentes dentro das famílias e que dificultam as relações interpessoais. Diante disto, é importante sublinhar que a força da família «reside essencialmente na sua capacidade de amar e ensinar a amar. Por muito ferida que possa estar uma família, ela pode sempre crescer a partir do amor»³³.

Se um dos membros da família parece mal-humorado ou desanimado, é importante que os outros membros estejam especialmente atentos e disponíveis para o ajudar, sem perguntas indiscretas, mas proporcionando uma eventual abertura de alma. Cada um dos membros da família deve aprender a saber interpretar os humores e temperamentos dos outros. No respeito efetivo pelas saudáveis diferenças, deve-se evitar exprimir atitudes de desconfiança, de faltas à verdade ou de revelar ciúme ou azedume, que são apanágio dos frágeis e que podem desestabilizar o outro. Embora tais procedimentos sejam deveras desafiantes, é importante tê-los presente na convivência diária.

É mais saudável primar pela transparência e nunca tomar decisões sem ser de explícito comum acordo em vista do bem do casal³⁴. No reconhecimento dos aspetos positivos do outro, é útil reconhecer e verbalizar esses aspetos, desenvolvendo uma atitude otimista da vida em casal, apoiando os processos de renovação e ajustamentos nas várias fases da vida sabendo adaptar-se sem desistir de construir a felicidade e a santidade³⁵, pois «a família é um bem de que a sociedade não pode prescindir, todavia precisa de ser protegida»³⁶ e amada.

As relações familiares devem ter como sustento o amor, para poderem crescer da melhor maneira. É na família «que se aprende que o homem é eminentemente relacional»³⁷. Deste modo, percebe-se que «sem as relações que estabelecemos ao longo da vida, nas suas mais diversas formas, não existe nem se pode desenvolver a riqueza da pessoa. Isto, por sua vez, acontece porque a pessoa é, por definição, uma existência em relação»³⁸.

³³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 53.

³⁴ Cf. B. DOMINGUES, *Sacramentos e vida cristã coerente, saudável e operativa*, (Porto 2009), p.135.

³⁵ Cf. B. DOMINGUES, *Sacramentos e vida cristã coerente, saudável e operativa*, p.136.

³⁶ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 44.

³⁷ G. L. MÜLLER, *A esperança da família*, (Paulinas, Madrid 2014), p.46.

³⁸ G. L. MÜLLER, *A esperança da família*, p.46.

1.2 A solidão e o isolamento no ambiente familiar

O amor conjugal, apegando-nos ao texto conciliar *Gaudium et Spes*, é muitas vezes profanado pelo egoísmo, pelo hedonismo e outras práticas ilícitas contra a geração³⁹. É necessário que as famílias, onde quer que estejam, evitem este tipo de «pobreza mais profunda»⁴⁰ e vivam no amor, pois é na aceitação e na vivência do amor de Deus que as famílias conseguirão ultrapassar a solidão e o isolamento a que muitas delas se encontram mergulhadas. Muitas vezes temos a sensação de que vivendo sozinho/a, distante dos outros é a melhor maneira de vivermos bem e sem quaisquer preocupações. Quando pensamos desta maneira, enganamo-nos a nós mesmos, pois esquecemo-nos de que além de sermos seres sociais somos chamados a viver em comunhão.

Viver na solidão e no isolamento é uma das realidades mais tristes e pobres que o homem ou a mulher pode experimentar dentro de um lar. Embora a solidão, fruto da ausência de Deus na vida das pessoas e da fragilidade das relações⁴¹, seja «uma das pobreza mais profundas que o homem pode experimentar»⁴², se olharmos bem para a realidade veremos que «as outras pobreza, incluindo a material, também nascem do isolamento, de não ser amado ou da dificuldade de amar»⁴³. Outrossim parece-nos que tanto a solidão como o isolamento assim como outras atitudes “desastrosas” existentes dentro das famílias são causadas, pelas atuais condições de vida das famílias. Para que o isolamento seja ultrapassado é necessário que, por um lado, o homem e a mulher não se centrem unicamente em si⁴⁴, mas que se abram aos outros, «pois o homem valoriza-se a si mesmo relacionando-se com os outros e com Deus»⁴⁵. Por outro lado, é necessário que as comunidades cristãs se convertam - para as famílias - em espaços de encontro⁴⁶, onde as pessoas se sintam acolhidas, acarinhadas e, acima de tudo, amadas.

Na busca de melhores condições de vida, nota-se amiúde a ausência dos pais devido a questões de trabalho, e isto se tem refletido na educação dos filhos. Dada a

³⁹ GS 47.

⁴⁰ BENEDICTI PP. XVI, *Litterae Encyclicae Caritas in Veritate*, in AAS 101 (2009), 53.

⁴¹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 43.

⁴² BENEDICTI PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 53

⁴³ BENEDICTI PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 53

⁴⁴ Cf. V. PAGLIA, “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”, in *Eborensia*, (Ano XXIX, n.50, 2016), p.20.

⁴⁵ BENEDICTI PP. XVI, *Caritas in Veritate*, 53

⁴⁶ Cf. E. SHOCKENHOFF, “O futuro da família. Fundamentos antropológicos e desafios éticos”, in A. AUGUSTIN (Cord.), *Matrimónio e Família*, (Paulinas, 2014), p.30.

ausência dos pais, assiste-se hoje um “cenário” que deixa muito a desejar: os filhos, que necessitam de maior presença e relação com os pais⁴⁷, limitam-se apenas a televisão e a alguns jogos, que às vezes não ajudam, mas apenas distraem. Efetivamente, lá se vai o tempo que os pais teriam a oportunidade de estar com eles e de os acompanharem no seu crescimento, perdendo obviamente a oportunidade de transmissão da fé⁴⁸ que se vê dificultada pelos horários de trabalho dos pais e pelo ritmo frenético que muitas famílias levam para poder sobreviver⁴⁹. Vezes há em que os pais chegam a casa completamente cansados sem vontade nenhuma de conversar por causa da carga horária que tiveram ao longo do dia. Isto, por sua vez, faz com que os pais não assistam e nem presenciem o crescimento dos seus filhos.

1.3 O silêncio e a comunicação

A dificuldade de relação e comunicação em família são apontados atualmente como um dos nós críticos mais relevantes⁵⁰. Estas dificuldades relativas a família, resultam não só da falta de confiança e de identidade ao domínio de um cônjuge sobre o outro, mas também dos conflitos geracionais entre pais e filhos⁵¹. Portanto, nestas situações «o drama revelado é o progressivo desaparecimento da possibilidade de diálogo, de tempos e espaços de relação»⁵².

Fruto desta falta de partilha e de comunicação - que faz com que cada um enfrente as próprias dificuldades na solidão ou seja em silêncio, sem qualquer experiência de ser amado e, por sua vez, de amar⁵³ - vemos, atualmente, uma comunicação “defeituosa” ou mesmo a inexistência dela no seio de algumas famílias. Pois, ouve-se amiúde este casal não se fala, naquela casa acabaram-se as conversas por isto ou por aquilo; coisas que as vezes são tão mesquinhas mas acabam mesmo por destruir a família. A estas dificuldades de comunicação existentes nas famílias, a *Relatio Synodi* denomina-as de situações críticas internas à família⁵⁴.

⁴⁷ Cf. A. MORÃES, “Desafios e perspectivas à pastoral familiar a partir da *Amoris Laetitia*”, in *ATEO*, (Rio de Janeiro, Vol. 20, n. 54, Setembro-Dezembro 2016), pp.584-585.

⁴⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 287.

⁴⁹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 287.

⁵⁰ Cf. RELATIO SYNODI – III Assembleia Geral Extraordinária do Sinodo dos Bispos - *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, (Cidade do Vaticano 2014), 64.

⁵¹ Cf. RELATIO SYNODI 2014, 64.

⁵² RELATIO SYNODI 2014, 64.

⁵³ Cf. RELATIO SYNODI 2014, 64.

⁵⁴ Cf. RELATIO SYNODI 2014, 64.

Todo o material, tanto sensorial como intelectual, que o homem elabora, todas as emoções que experimenta podem ser comunicadas por meio da palavra. E quando se nota a falta dela, cria-se um isolamento, uma reclusão da pessoa no cárcere do silêncio. Portanto, tudo isto acaba por ser deveras destrutivo, pois no matrimónio quando isto acontece o casal acaba por viver na desconfiança⁵⁵. É verdade que às vezes escasseiam as palavras por causa de uma excessiva timidez, ou por um estreitamento do campo dos próprios interesses, o que causa um hiato entre os dois mundos: o homem vive no mundo do trabalho ou dos seus negócios e a mulher no mundo do seu lar⁵⁶ ou mesmo da sua atividade profissional.

2. A teologia do matrimónio no relato da criação

A primeira referência sobre a família que a Sagrada Escritura nos apresenta, segundo o Papa Francisco, está presente nos dois primeiros capítulos do livro do Génesis, que «nos oferecem a representação do casal humano na sua realidade fundamental»⁵⁷. Esta referência sobre a família, a partir de Adão e Eva, presente nos dois relatos da criação é retomada mais tarde por Jesus no evangelho de S. Mateus (Mt 19). Daí ser pertinente a afirmação segundo a qual «Jesus não nos apresenta um novo modelo de família; todavia parte da mesma família como algo já estabelecido»⁵⁸.

A homenagem mais elevada que o Antigo Testamento concede ao matrimónio é a de conceber a união matrimonial como imagem da aliança de amor entre Yahweh e Israel. Olhando para as narrativas e para os dados jurídicos do Antigo Testamento, principalmente a ideia sublinhada na profecia de Oseias (cf. Os 2) e retomada nas profecias de Isaías (cf. Is 54,4s; 62,4s) e Jeremias (cf. Jr 2,2; 3,20) sobre a temática do amor, podemos obviamente dizer que o matrimónio no Antigo Israel era uma união baseada no amor⁵⁹. Embora os textos antigos não façam alusão a um ritual religioso, o israelita sabe muito bem que Deus o guia na escolha da sua esposa (cf. Gn 24,42-52)⁶⁰.

A reflexão teológica sobre o matrimónio na Sagrada Escritura é-nos apresentada nos dois relatos da criação: Sacerdotal (Gn 1, 26-28) e Javista (Gn 2, 18-25). Trata-se, portanto, de dois relatos com narrações diferentes e com características próprias. O relato

⁵⁵ Cf. J. A. SOBRINHO, *Casais em crise*, (BAC, n.62, Madrid, 1984), p.26.

⁵⁶ Cf. J. A. SOBRINHO, *Casais em crise*, p.26.

⁵⁷ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 10.

⁵⁸ H. ROTTER, - G. VIRT, *Nuevo Diccionario de Moral Cristiana*, (Herder, Barcelona 1993), p.263.

⁵⁹ Cf. J. MACKENZE, *Diccionario Bíblico*, (Paulus, S. Paulo, 1984), p.594.

⁶⁰ Cf. AAVV, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, (Editora Vozes, Petrópolis - RJ, 1977), p.137.

Sacerdotal (P), ou simplesmente fonte Sacerdotal, foi escrito no século IV antes de Cristo. O relato Javista (J), ou simplesmente fonte Javista, é mais antigo, foi escrito no século IX antes de Cristo. Apresenta-nos uma linguagem simbólica e serve-se de elementos literários comuns a outras culturas, reinterpretados à luz da fé no Deus único que se revelou ao seu povo.⁶¹ Portanto, estes dois relatos são fundamentais para a compreensão do matrimónio na Sagrada Escritura.

No relato Javista (cf. Gn 2) a intenção divina é claramente explicitada nestes termos: «Não é conveniente que o homem esteja só, vou dar-lhe uma auxiliar semelhante a ele» (Gn 2,18). Superior a todos os animais (cf. Gn 2,19s), o homem não poderia encontrar essa auxiliar senão naquela que é «osso dos seus ossos e carne de sua carne» (Gn 2,21ss). Deus criou-a para ele; por isso ao deixar pai e mãe, ele se une a ela por amor e eles se tornam «uma só carne» (Gn 2,14).

Comparativamente ao relato Javista, o relato Sacerdotal é-nos apresentado como sendo menos dramático. No relato Sacerdotal o homem criado a imagem de Deus para dominar a terra e povoá-la é na realidade o casal (cf. Gn 1,26s). Enquanto no relato Javista a sexualidade encontra o seu sentido em traduzir na carne a unidade dos dois seres que Deus chama a ajudar-se mutuamente no amor recíproco; no relato Sacerdotal, por sua vez, a sexualidade tem como fim a fecundidade, ou seja, neste relato a fecundidade aparece como o próprio fim da sexualidade⁶².

Um outro aspecto a ter em conta é o facto do relato Javista descrever a posse mútua do homem e da mulher: «a mulher é semelhante ao homem e ambos formam uma só carne» (Gn 2,21-24). A apresentação de um único casal monogâmico num mundo onde reina a poligamia é muito significativo, tanto mais que essa monogamia do primeiro casal é querida pelo próprio Criador. O relato Sacerdotal insiste com maior ênfase na monogamia e na dignidade dos dois componentes desse único casal que domina a criação. Todavia tal insistência coloca-se sobretudo na fecundidade, bênção de Deus (cf. Gn 1,28). Por conseguinte, podemos dizer que o relato Javista «privilegia o laço entre os cônjuges: “um homem deixa seu pai e sua mãe, se une à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (cf. Gn 2,24). Entre o homem e a mulher institui-se uma espécie de aliança. O relato

⁶¹ Cf. A. SARMIENTO, *El Matrimonio Cristiano*, p.76.

⁶² Cf. AAVV, *Vocabulário de Teologia Bíblica*, pp.134-135.

Sacerdotal, por sua vez, valoriza a fecundidade conjugal: “sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra” (cf. Gn 1,28)»⁶³.

As palavras: “por isso deixará pai e mãe para se unir a sua mulher e os dois serão uma só carne, são de grande alcance, pois revelam, em síntese, o ideal e a lei do matrimónio segundo a intenção de Deus. O vínculo que liga o homem à sua esposa é mais imperioso que os próprios vínculos de sangue que o ligam aos seus pais, pois deve abandoná-los para se unir a sua esposa. O efeito desta adesão, partindo do termo hebraico “dabaq” (que significa, pegar, aglutinar, aderir), é que o homem e a mulher vêm a ser uma só carne⁶⁴. Tal como o relato Javista no-lo descreve, o homem reconhece na mulher a mesma natureza humana e a igualdade pessoal (carne da minha carne), abandona assim a sua família de origem e une-se assim a sua mulher a fim de ser com ela “uma só carne”, para fundar uma comunidade de vida no amor (Gn 2,24).⁶⁵

O teólogo G. Müller, ao refletir sobre a teologia do matrimónio no relato da criação, diz-nos que «o relato Javista da criação acentua a relação paritária e pessoal entre o homem e a mulher. Por outro lado, o relato Sacerdotal da criação afirma que a natureza humana tanto masculina como feminina, é criada à imagem e semelhança de Deus»⁶⁶. Por este motivo, dir-se-á que a «relação intracriatural entre o homem e a mulher é, tal como no-lo diz G. Müller, sinal de toda a criatura com Deus»⁶⁷.

A teologia do matrimónio nestes dois relatos da criação centra-se, a nosso ver, nos seguintes termos: unidade, fecundidade e indissolubilidade, embora este último não seja tão evidente, se tivermos em conta os contextos e situações familiares no Antigo Testamento. Porém, embora a poligamia seja evidente no seio das famílias, tal como os relatos da criação referem, é importante salientar que o plano do Criador é, sem dúvida, que o homem e a mulher criados a sua imagem e semelhança (cf. Gn 1,26-27) sejam uma só carne, e constituam uma comunidade de vida e de amor. Tendo como centro o amor, o casal deve procurar viver e dar testemunho deste amor no seu dia-a-dia.

⁶³ E. A. SANTOS, “A relação matrimonial na atualidade”, in *REB*, (Vol.76, n.302, Abril-Junho 2016), p.336.

⁶⁴ Cf. P. ADNÉS, *El Matrimonio*, (Herder, Barcelona, 1969), p.28.

⁶⁵ Cf. G. L. MÜLLER, “O matrimónio: verdadeiro sacramento da nova aliança”, in G. AUGUSTIN (Cord.), *Matrimónio e Família*, (Editora Paulinas, 2014), p.100.

⁶⁶ G. L. MÜLLER, “O matrimónio: verdadeiro sacramento da nova aliança” p.100.

⁶⁷ Cf. G. L. MÜLLER, “O matrimónio: verdadeiro sacramento da nova aliança”, p.101.

Esta união entre o homem e a mulher do qual passam a ser «um só», é-nos explicada de forma pormenorizada, digamos assim, pelo Papa Francisco a partir do original hebraico, desta forma:

«no original hebraico o verbo «unir-se» indica uma estreita sintonia, uma adesão física e interior, a ponto de se utilizar para descrever a união com Deus... Deste modo, evoca-se a união, matrimonial não apenas na sua dimensão sexual e corpórea, mas também na sua doação voluntária de amor. O fruto desta união é “tornar-se uma só carne”, quer no abraço físico, quer na união dos corações e das vidas, e porventura no filho que nascerá dos dois e, em si mesmo, há-de levar as duas carnes unindo-as genética e espiritualmente»⁶⁸.

Nesta sua reflexão sobre o matrimónio no relato da criação, o Papa Francisco procura acentuar a união matrimonial baseada no amor entre os cônjuges. Segundo N. B. Pereira, o Papa Francisco qualifica estes dois relatos da criação de “grandiosos”⁶⁹, porque nos oferecem a representação do casal humano em sua realidade fundamental⁷⁰. Portanto, por um lado destacam-se os laços que unem os cônjuges, e por outro lado destaca-se «a capacidade que o homem tem de gerar»⁷¹, “crescei e multiplicai-vos”, como caminhos importantes para o desenrolar da história da salvação⁷².

2.1 O matrimónio e a fecundidade

Tendo em conta a revelação bíblica, o desejo de constituir uma família, esteve sempre presente no ser humano, o mesmo se pode dizer da realidade atual. Isto é visível, embora em menor número em algumas sociedades, entre os jovens. À luz dos dois relatos bíblicos que tivemos a ocasião de referir acima, tal constituição da família passa pelo matrimónio, pelas seguintes razões:

«O matrimónio é a forma suprema de comunhão, no centro de toda a comunhão humana e divina. Por isso, como comunhão de amor, a exemplo da comunhão trinitária, a comunhão entre os esposos não pode ser estéril e virada para si mesma. Como comunhão transbordante de amor, ela é intrinsecamente fecunda... É precisamente no dom da vida que a comunhão dos esposos se insere para sempre, no tecido da história, passando do presente ao futuro, colaborando no próprio

⁶⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 13.

⁶⁹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 10.

⁷⁰ Cf. N. B. PEREIRA, “A *Amoris Laetitia* e sua fundamentação bíblica”, in *REB*, (Vol.76, n.303, Julho-Setembro 2016), p.733.

⁷¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 11.

⁷² Cf. N. B. PEREIRA, “A *Amoris Laetitia* e sua fundamentação bíblica”, p.733.

dever da criação e na grande aventura humana, tornando-se carne e sangue numa nova existência humana»⁷³.

Olhando para o Antigo Testamento, concretamente para os relatos da criação, vemos predominar a ideia de fecundidade. A vida conjugal apresenta-se “inteiramente” ordenada a procriação. O amor entre o homem e a mulher não está encerrado em si, transcende-se a si próprio e concretiza-se nos filhos que nascem desse amor⁷⁴. O não ter descendência acaba por ser visto como um “pecado” ou “castigo pelos males cometidos”, pois o «valor decisivo que configura o matrimónio está na geração e educação dos filhos»⁷⁵. Uma outra preocupação pela procriação é a perpetuação da humanidade.

Na reflexão feita por P. Adnès, na sua obra intitulada “El Matrimonio”, depois do dilúvio, Deus renova com Noé, com os seus filhos e as suas esposas a bênção e diz-lhes: «crescei e multiplicai a terra...» (Gn 9,1). Com Abraão, pai dos crentes, Deus faz uma promessa: «Eu farei de ti uma nação grande... levanta os teus olhos ao céu e olha para as estrelas se as podes contar... assim será a tua descendência» (Gn 12,2;15,5)⁷⁶. À luz destas passagens veremos a preocupação do povo pela procriação. Todavia tal preocupação deve surgir do amor vivido no matrimónio, pois é na abertura de uma nova vida que o amor adquire a sua plenitude⁷⁷. Esta temática é outrossim reforçada pelo Concílio Vaticano II, na *Gaudium et Spes*, quando afirma claramente:

«que o autêntico exercício do amor conjugal e toda a estrutura da vida familiar que daí deriva, sem pôr de parte os outros fins do matrimónio, tendem a dispor os esposos a cooperar corajosamente com o amor do criador e salvador que, por eles faz crescer e enriquecer a sua própria família»⁷⁸.

Os esposos estão chamados a ser “uma só carne”, mas não devem esquecer que normalmente esta carne pode converter-se em “berço” de um filho que vem selar e encarnar de maneira natural o amor matrimonial dos pais⁷⁹. Dai a importância de enaltecer a dimensão da fecundidade, pois na vivência matrimonial o homem não se entrega a si mesmo a mulher que ama nem a mulher que ama entrega-se a si mesma ao homem que ama, todavia ambos entregam a sua capacidade de gerar e de serem pais.

⁷³ G. CERETI, *Amor, Amizade, Matrimónio*, (Paulistas, Lisboa, 1989), p.132.

⁷⁴ Cf. W. KASPER, *O Evangelho da Família*, p.16.

⁷⁵ H. ROTTER, - G. VIRT, *Nuevo Diccionario de Moral Cristiana*, p. 372.

⁷⁶ Cf. P. ADNÉS, *El Matrimonio*, p.33.

⁷⁷ Cf. E. FENOY - J. ABAD, *Amor e Matrimónio*, (Palabra, S.A Madrid 2001), p.150.

⁷⁸ GS 50.

⁷⁹ Cf. J. G. PAREDES, *O que Deus Uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, (Paulus, Lisboa 2013), p.463.

Embora o amor conjugal esteja ordenado à fecundidade, os esposos privados involuntariamente de ter filhos, terão de evitar o desespero, persuadindo-se da proeminência do amor, pois desta forma não se sentirá que o seu amor é reciprocamente fecundo para eles próprios e obviamente o pode ser para um grande número de pessoas⁸⁰. Portanto, «mesmo que faltem os filhos, tantas vezes ardentemente desejados, o matrimónio conserva o seu valor e indissolubilidade, como comunidade e comunhão de vida»⁸¹, pois o matrimónio não foi instituído só em ordem à procriação.

A ser assim, «a fecundidade não deve ser única e exclusivamente vista na sua dimensão biológica, pois a sexualidade humana enquanto tal não se esgota no seu sentido humano como instrumento apenas da propagação da espécie»⁸², é muito mais do que isso.

2.2 A ternura e o valor do trabalho na família

O trabalho é um meio essencial de que o homem dispõe não só para garantir a subsistência da família, mas também para contribuir para o bem comum da sociedade. Constitui o fundamento sobre o qual se edifica a vida familiar, «direito fundamental e vocação do homem»⁸³.

Citando o Salmo 128, o Papa Francisco apresenta o pai de família como um trabalhador que pode, com a obra das suas mãos, manter o seu bem-estar físico e a serenidade da sua família⁸⁴. Daí a importância e o significado que o trabalho tem para a família, pois é «uma parte fundamental da dignidade da vida humana»⁸⁵ tal como se pode deduzir das primeiras páginas da Sagrada Escritura, principalmente no livro do Génesis (cf. Gn 2-3).

A importância e o significado que o trabalho tem para o homem está bem patente no livro do Génesis: “comerás do fruto do seu próprio trabalho”. Por meio das palavras “dominai a terra e submetei-a” (cf. Gn 1,28), João Paulo II entende o trabalho nas suas dimensões objetiva e subjetiva⁸⁶. A concreta realidade do trabalhador, isto é, a dimensão subjetiva tem precedência sobre a dimensão objetiva. Na dimensão subjetiva realiza-se o

⁸⁰ Cf. B. HÄRING, *O cristão e o matrimónio*, (Editorial Perpétuo Socorro, Porto 1969), p.54.

⁸¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 178.

⁸² J. J. FARIAS, “Matrimónio: Sacramento “in fieri” do amor conjugal”, in *Jornadas de Teologia: O Divórcio: a unidade da família em questão?*, (1994), p.57.

⁸³ IOANNES PAULUS PP. II, *Litterae Encyclicae Laborem Exercens*, in *AAS* 73 (1981), 6-7.

⁸⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 23.

⁸⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 23.

⁸⁶ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Laborem Exercens*, 6-7.

“domínio” sobre o mundo da natureza que o homem é constantemente chamado a exercer. O próprio processo de “submeter a terra”, quer dizer, o trabalho sob o aspeto da técnica, é caracterizado no decorrer da história, e principalmente nestes últimos séculos, pelo desenvolvimento dos meios de produção. Tal fenómeno é vantajoso e positivo, contando que a dimensão objetiva do trabalho não predomine sobre a dimensão subjetiva, tirando homem ou diminuindo a sua dignidade e os seus direitos inalienáveis.

Nestes dois sentidos, o trabalho terá de ser visto não apenas no seu significado técnico, mas também no seu significado ético. Assim sendo, podemos dizer que, à luz do Génesis, o homem “submeteu” a si mesmo a terra, quando ele próprio, pelo seu comportamento, se tornou senhor e não escravo do trabalho.

O trabalho deve ajudar o homem a tornar-se melhor, espiritualmente mais maduro, mais responsável, a fim de que possa realizar a sua vocação sobre a terra, como pessoa absolutamente única na comunidade humana fundamental que é a família. A razão de ser da família, dizia, João Paulo II, «é um dos fatores fundamentais que determinam a economia e a política do trabalho»⁸⁷. Esses fatores conservam o seu caráter ético quando tomam em consideração as necessidades da família e os seus direitos. Com o trabalho o homem ganha os meios necessários à subsistência da sua família.

Ao refletir sobre o valor do trabalho na família, o Papa Francisco refere claramente que de uma pessoa séria, honesta o que de mais bonito se pode dizer é: “é um trabalhador”. Trata-se precisamente de uma pessoa que numa comunidade, qualquer que seja, não vive à custa dos outros, todavia procura por meio das suas próprias forças, dar o seu contributo, fazendo uma ou outra coisa que garanta o seu sustento⁸⁸. Pois, «o trabalho torna possível simultaneamente o desenvolvimento da sociedade, o sustento da família e também a sua estabilidade e fecundidade»⁸⁹. Entendido nas suas diversas formas, o trabalho tem em vista o bem comum.

Numa família, é necessário que os filhos, a partir do exemplo dos pais, aprendam o valor do trabalho e sejam educados nele. É na família onde se deve, com o apoio dos pais, começar a dar os primeiros passos na formação integral do homem. Mas, para isso, é importante que os pais sejam responsáveis – não permitindo que o trabalho se torne

⁸⁷ Cf. IOANNES PAULUS PP., *Homilia em Jasna Gora* (26 de Junho de 1979).

⁸⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, (Paulus Editora, Lisboa, 2016), p.97.

⁸⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 24.

numa paixão dominante, a ponto de se esquecerem praticamente dos seus deveres de pai/mãe, esposo/esposa - e se ajudem mutuamente, de tal sorte que consigam ser uma família sólida, unida e exemplar, que viva e testemunhe o amor. Na educação para o trabalho, é importante que as famílias procurem «partilhar ideias e responsabilidades no seu interior»⁹⁰ de tal modo que se favoreça um clima de comunhão.

Mas, para que isto aconteça, é importante que as famílias sejam realmente uma unidade básica da vida, de tal sorte que não se ponha em dúvida a fiabilidade do amor.

Todavia, «para que a família continue a ser uma unidade social básica da vida e os filhos possam crescer num lugar onde experimentem modelarmente a incondicional fiabilidade da vida, os próprios progenitores devem representar, na sua relação mútua, tal fiabilidade. Por isso, só a família vinculada ao matrimónio pode desempenhar a função de uma unidade básica no sentido pleno da palavra, que permanece insubstituível, inclusive em condições sociais transformadas»⁹¹.

Deste modo, reconhecendo a importância e o valor do trabalho para o bem-estar da família, compreende-se realmente a preocupação do Papa Francisco pelo «desemprego e a precariedade laboral»⁹² que atualmente afetam as famílias. Assim sendo, em relação às famílias, a gestão do emprego torna-se, ipso facto, uma grande responsabilidade humana e social, pois causar uma perda de lugares de trabalho significa obviamente provocar um grave dano social que pode causar discórdias, «sofrimento, como atesta o livro de Rute e como lembra Jesus na parábola dos trabalhadores sentados, em ócio forçado na praça da localidade (cf. Mt 20, 1-16)»⁹³, para muitas famílias.

2.2.1 Males a evitar

O trabalho que não for convenientemente ritmado arrisca-se a fazer com que a família se disperse. Embora, de antemão, saibamos que existem vários males que advêm do trabalho dentro de um determinado lar, vamos fixar-nos apenas em três males a evitar: a ambição, o interesse desmedido e a busca de evasão.

Um pai ou uma mãe, esposo/esposa, que procura atingir reputação ou poder financeiro ou qualquer outro tipo de poder a todo o custo sobre “os escombros do amor”

⁹⁰ J. R. FLECHA, *Família, lugar de evangelização*, (Edição Portuguesa, Gráfica de Coimbra 2, 2007), p.147.

⁹¹ E. SHOCKENHOFF, “O futuro da família. Fundamentos antropológicos e éticos”, p.23.

⁹² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 25.

⁹³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 25.

torna-se infeliz. A ambição torna-se ilegítima quando subverte os valores humanos, transformando-se em expressão elegante de um furor diabólico.

O outro perigo a evitar é o interesse desmedido, cuja expressão comumente usada é, obviamente, “a insaciável sede de dinheiro”. Nestes tempos de relações frenéticas e superficiais que as famílias vivem, diz o Papa Francisco, tem-se ignorado um pouco a virtude da ternura⁹⁴. Em lugar de um amor terno e de uma presença carinhosa, os esposos procuram presentear os filhos com bens materiais em lugar de equilíbrio humano e de uma educação cristã vigorosa. Com efeito, isto fará com que os filhos não saibam fazer outra coisa senão gozar da fortuna, pois não aprenderam a usá-la.

Relativamente ao terceiro mal que é “a tentativa de evasão”, «o trabalho surge como um derivativo para todos os dissabores que o homem possa experimentar, seja diante da incompreensão da sua mulher, seja ante as dificuldades inerentes à educação dos filhos».⁹⁵ Portanto, em vez de o trabalho tornar possível a estabilidade, o sustento e o bem estar da família, acaba por, de certa forma, prejudicar mais.

2.2.2 Possíveis soluções

Para um equilíbrio sadio entre o trabalho e a vida conjugal é importante que se tenha em conta que «o dever primordial dos esposos é a vida conjugal»⁹⁶. Assim sendo, quando surge um conflito, por causa do trabalho numa família, deve-se manter a primazia da família e jamais sacrificá-la. Que isso aconteça de quando em vez e por tempo limitado – consagrar-se um pouco mais ao trabalho - é coisa evidente e legítima⁹⁷. Todavia, é necessário que se faça um esforço de tal modo que o trabalho não interfira na vida da família como se fosse a coisa mais importante da vida. Além disso, é importante que se perceba realmente que o trabalho é apenas «um meio cuja razão de ser encontra-se, em boa parte, subornada às necessidades familiares»⁹⁸.

Portanto, deve-se «evitar necessidades materiais exorbitantes e desproporcionais ao trabalho normal do esposo ou da esposa»⁹⁹. Amiúde é recomendável, que se faça um sério exame de consciência a respeito disto. Se queremos exigir um padrão de vida que

⁹⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 28

⁹⁵ P. E. CHARBONNEAU, *Sentido Cristão do Casamento. Ensaio a respeito da espiritualidade conjugal*, (Herder, São Paulo, 1965), p.209.

⁹⁶ P. E. CHARBONNEAU, *Sentido Cristão do Casamento*, p.209.

⁹⁷ Cf. P. E. CHARBONNEAU, *Sentido Cristão do Casamento*, p.209.

⁹⁸ P. E. CHARBONNEAU, *Sentido Cristão do Casamento*, p.210.

⁹⁹ P. E. CHARBONNEAU, *Sentido Cristão do Casamento*, p.210.

obriga o marido ou a esposa a aumentar de forma considerável a sua renda, saiba-se já de antemão que isto implicará que se aumente o tempo de trabalho. Embora desta forma se consiga ganhar mais dinheiro, os esposos devem recordar-se de que um pouco menos de dinheiro e um pouco mais de amor bastam para assegurar a felicidade de pais e filhos¹⁰⁰, criados por Deus à sua imagem e semelhança (cf. Gn 1, 26) e «chamados a existência por amor»¹⁰¹.

Com isto não queremos limitar a ação da família, confinando-a pura e simplesmente à casa, de tal maneira que possa renunciar às atividades cívicas; longe disso. Aliás as atividades cívicas são importantíssimas quando não nos lançamos nelas desordenadamente. É necessário que se estabeleça uma hierarquia das atividades a serem feitas, uma ordem e um ritmo que fará com que tais atividades gravitem em torno do seio familiar. Pois «ser um mau chefe de família, sob pretexto de ser cidadão muito ativo, é prestar um desserviço a todos; a si mesmo, aos seus filhos e a sociedade»¹⁰².

Portanto, diante das relações frenéticas e superficiais¹⁰³ com que muitas famílias se deparam no seu dia-a-dia, o Papa Francisco pede que as famílias cultivem a virtude da ternura¹⁰⁴, pois além de ser uma característica de vários textos bíblicos que nos apresentam o relacionamento entre Deus e o seu povo “com traços de amor paterno e materno”, é fundamental para a família¹⁰⁵, porque faz com que se tenha realmente uma vida conjugal saudável. E é isto que se pede as famílias no exercício das suas atividades laborais. Que o trabalho, «atividade fundamental do ser humano»¹⁰⁶, seja um bem para a família e nunca um empecilho nas relações entre pais e filhos.

3. O matrimónio segundo o acontecimento cristão

No Novo Testamento o matrimónio é visto com uma outra intensidade, pois «Jesus dá-lhe um novo significado»¹⁰⁷. Importa, de antemão, sublinhar que «Jesus não dá ao matrimónio um novo rito, dá-lhe todavia um novo significado; pois em Jesus encontramos um novo fundamento, a pedra angular sobre a qual se constrói o novo

¹⁰⁰ Cf. P. E. CHARBONNEAU, *Sentido Cristão do Casamento*, p.210.

¹⁰¹ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 11.

¹⁰² P. E. CHARBONNEAU, *Sentido Cristão do Casamento*, p.211.

¹⁰³ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 28.

¹⁰⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 28.

¹⁰⁵ Cf. N. B. PEREIRA, “A Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, p.735.

¹⁰⁶ N. B. PEREIRA, “A Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, p.735.

¹⁰⁷ J. G. PAREDES, *O que Deus Uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, pp.380-381.

edifício do matrimónio»¹⁰⁸. Assim sendo, podemos dizer que no Novo Testamento a tónica recai no ensinamento de Jesus sobre o matrimónio, sem todavia, perder de vista o que tinha sido estabelecido pelo Criador.

O ensinamento de Jesus sobre o matrimónio limita-se à afirmação e defesa da sua unidade e indissolubilidade. Nesta afirmação, Jesus retoma a imagem do livro do Géneses (cf. Gn2,18-25) e classifica como instituição divina não só o matrimónio em geral, mas também cada matrimónio em particular (cf. Mt 19,4-6; Mc 10,6-8)¹⁰⁹. Nestes seus ensinamentos, Jesus retoma e confirma sem ambiguidades o sentido original da união do homem e da mulher desde o princípio queridos pelo Criador. Deste modo, podemos perceber à luz de Mt 19,8, que a autorização de repúdio de uma mulher, em caso de adultério, dada por Moisés, deve-se, responde Jesus aos fariseus que o queriam pôr a prova, à dureza dos corações. A união matrimonial é indissolúvel, tal como o Criador a quis desde o princípio: «por isso o homem deixará pai e mãe, para se unir a sua mulher e os dois serão uma só carne» (Gn 2,24). Esta indissolubilidade é afirmada e reafirmada por Jesus nesta perícopie: «o que Deus uniu não o separe o homem» (Mt 19,6).

Nos escritos paulinos, o matrimónio é entendido a partir da relação sponsal entre Cristo e Igreja. Isso, por seu turno, lança luz sobre a natureza da união matrimonial, que só alcança a sua plenitude quando os esposos se amam e se ajudam um ao outro como Cristo e Igreja se amam mutuamente¹¹⁰. Para S. Paulo a proibição do divórcio está no desígnio divino desde o princípio, pois homem e mulher unidos pelo matrimónio formam “uma só carne”. Esta unidade da aliança conjugal a que S. Paulo se refere é, obviamente, sinal da união indissolúvel entre Cristo e a sua Igreja (cf. Ef 5,22ss).

No Novo Testamento, o matrimónio toma um significado novo, uma “forma cristã” no dizer de J. Paredes¹¹¹. Só é possível compreender e viver o matrimónio como sacramento no âmbito do mistério de Cristo¹¹². Assim sendo, se ousarmos secularizar o matrimónio ou considerá-lo única e simplesmente como uma realidade puramente natural, o acesso à sua sacramentalidade permanece como que impedido.

¹⁰⁸ J. G. PAREDES, *O que Deus Uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, p.380.

¹⁰⁹ Cf. J. MACKENZE, *Dicionário Bíblico*, p.594.

¹¹⁰ Cf. J. MACKENZE, *Dicionário Bíblico*, p.595.

¹¹¹ Cf. J. G. PAREDES, *O que Deus uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, p.378.

¹¹² Cf. R. DODARO, *Permanecer na verdade de Cristo. Matrimónio e comunhão na Igreja Católica*, (Lucerna, Cascais, 2015), p.128.

O matrimónio sendo «um dom do Senhor» (1Cor 7,7), «que deve ser honrado por todos e imaculado o leito conjugal» (Hb 13,4), tal como o Papa Francisco faz questão de referir, tendo como suporte a Sagrada Escritura, vive-se de outra forma. A forma cristã dada por Jesus à vivência e missão do matrimónio além de permitir que o celebremos como sacramento, permite-nos também «vivê-lo como presença da graça transformadora e projetá-lo em missão para o nosso mundo e para a nossa sociedade»¹¹³. Estamos em presença de um sacramento propriamente dito.

As palavras centrais usadas pelo Novo Testamento quando se refere ao matrimónio são: unidade e indissolubilidade. As razões pelas quais o matrimónio é único e indissolúvel nos são dadas por Cristo, - «já não são dois, mas uma só carne; o que Deus uniu não o separe o homem» (Mt 19,6), - no Evangelho de Mateus, tendo como referência o livro do Géneses que diz: «o homem deixará pai e mãe, para se unir à sua mulher, e os dois serão uma só carne» (Gn 2,24). Os dois seres (homem e mulher) que se unem em Deus pelo matrimónio, passam a ser, aos Seus olhos, um só; e nesta união Deus se compromete com eles, ou seja, não os deixa sós, não os abandona. Trata-se de um compromisso de amor, pois «ao compromisso humano fundado no amor responde a ação de Deus nesse amor, liga os esposos»¹¹⁴.

Olhando para estes dois textos, acima citados, podemos, entretanto, dizer que o Antigo e o Novo Testamento se complementam nesta abordagem sobre matrimónio, na medida em que um nos remete para o outro. Por este facto é que ao abordarmos a doutrina ou os ensinamentos de Jesus sobre o matrimónio veremos que os textos primordiais, particularmente Mt 19 e Ef 5, referentes a esta temática remetem-nos sempre para as origens, isto é, ao Génesis.

Atualmente a doutrina relativa à indissolubilidade do matrimónio, que a Sagrada Escritura nos apresenta, encontra frequentemente incompreensões na sociedade, mormente em meios secularizados. Para muitos o estar unido a uma pessoa para toda a vida é visto como um “martírio”, pois nos prendemos a este ou aquele, cujo comportamento antes desconhecido não é exemplar, é amiúde nocivo, o que impossibilita que sejamos felizes. A procura de novas experiências, quiçá melhores que aquelas tidas antes ou mesmo aquelas que vão de encontro com os padrões que a sociedade em que

¹¹³ J. G. PAREDES, *O que Deus uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, p.378.

¹¹⁴ M. THURIAN, *Matrimónio e Celibato*, (Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1985), pp.39-40.

estamos inseridos exige, é para muitos o melhor caminho a seguir. Daí o medo de um compromisso definitivo.

Diante disto, é importante salientar que o matrimónio pertence enquanto sacramento à ordem da graça e está inserido na comunhão definitiva entre Cristo e a sua Igreja. Desta feita, os cristãos são chamados - segundo G. Müller - a viver o seu matrimónio no horizonte escatológico da vinda do Reino de Deus em Jesus Cristo, Verbo de Deus encarnado¹¹⁵.

3.1 Cristo e o amor conjugal

A ideia dominante nos ensinamentos de Cristo quando se refere ao matrimónio, é a união indissolúvel concretizada no amor total dos cônjuges. O amor de Deus por nós torna-se visível no Mistério da Encarnação e da Redenção (cf. 1Jo 4,9-10). Este dom do amor, torna-se presente no sinal do amor conjugal (cf. Ef 5,25)¹¹⁶. À luz do evangelho de S. Mateus (Mt 19,6), o Papa Francisco afirma que «a indissolubilidade do matrimónio não deve ser entendida primariamente como “jugo” imposto aos homens, mas como um “dom” concedido às pessoas unidas em matrimónio»¹¹⁷.

Por outro lado, a união indissolúvel deve entender-se mais como compromisso criador que há que manter continuamente, do que como lei. Segundo J. Paredes, «passar do modelo de matrimónio de união procriativa ao de união interpessoal leva a descobrir o carácter sacramental do matrimónio não só no amor, mas também na fé pessoal, ou no amor cheio de fé»¹¹⁸.

Entretanto, se tivermos presente que a sacramentalidade do matrimónio consiste principalmente no vínculo indissolúvel do matrimónio, podemos afirmar – segundo R. Dodaro – que a indissolubilidade não é realizada exclusiva e principalmente pela obrigação mútua assumida com o consentimento dos dois, mas pela ação de Deus, que inscreve o significado sacramental: «causa prima est divina institutio. Causa próxima est humana pactio»¹¹⁹.

¹¹⁵ Cf. R. DODARO, *Permanecer na verdade de Cristo. Matrimónio e comunhão na Igreja Católica*, p.128.

¹¹⁶ G. CERETI, *Amor, Amizade, Matrimónio*, p.165.

¹¹⁷ FRANCISCUS, *Amoris Laetitia*, 62.

¹¹⁸ J. G. PAREDES, *O que Deus Uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, p.229.

¹¹⁹ R. DODARO, *Permanecer na verdade de Cristo. Matrimónio e comunhão na Igreja Católica*, pp.143-144.

Com Cristo o matrimónio não é concebido apenas como dimensão jurídica, com a finalidade de assegurar a posteridade, todavia é considerado antes de mais como uma união entre dois seres humanos (homem e mulher) «pois a filiação espiritual já não se realiza pela descendência, mas pela adopção do homem em Cristo»¹²⁰. Portanto, a salvação pessoal já não se realiza pela união conjugal nem pelo nascimento segundo a carne, mas pela fé.

Jesus Cristo «recupera e realiza plenamente o projeto divino»¹²¹, restabelece o matrimónio na sua integridade original¹²² e eleva-o «a sinal sacramental do seu amor pela Igreja (Mt 19,1-12; Mc 10,1-12; Ef 5,21-32)»¹²³. Defende com firmeza a estabilidade original do matrimónio frente as opiniões que defendiam uma fácil separação conjugal (Mc 10, 6-9; Mt 19, 4-6)¹²⁴. Mas ao fazê-lo não anula o projeto já antes querido pelo Criador, todavia recupera-o e assume-o não como uma realidade nova, mas como uma realidade preexistente desde o princípio e que procura elevar e restituir à sua primitiva pureza:

«Na família humana, reunida em Cristo, é restaurada a “imagem e semelhança” da Santíssima Trindade (Gn 1,26), mistério de onde brota todo o amor verdadeiro. O matrimónio e a família recebem de Cristo, através da Igreja, a graça para testemunhar o Evangelho do amor de Deus»¹²⁵.

Portanto, à luz do mistério da revelação de Deus-Amor, compreende-se que o testemunho que se pede aos esposos não é apenas um testemunho de palavras, todavia de amor vivido¹²⁶: que os esposos «através da sua própria vida conjugal testemunhem que Deus é amor e tornem presente e visível este amor no seio da humanidade»¹²⁷. Daí o dever dos esposos de se amarem um ao outro no seu matrimónio¹²⁸; pois a partir de Cristo quem casa no Senhor, isto é, através do sacramento, toma consciência explícita da presença de Cristo na sua vida conjugal¹²⁹. Portanto, em Cristo e na sua Igreja «a aliança sponsal

¹²⁰ M. THURIAN, *Matrimónio e Celibato*, pp.56-57.

¹²¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 61.

¹²² Cf. V. MARCOZZI, *O Sentido do Amor*, (Paulistas, Lisboa, 1966), p.30.

¹²³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 71.

¹²⁴ Cf. J. R. FLECHA, *Família, lugar de evangelização*, p.78.

¹²⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 71. Cf. RELATIO FINALIS 2015, 38.

¹²⁶ Cf. N. B. PEREIRA, “Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, pp.734-735.

¹²⁷ G. CERETI, *Amor, Amizade, Matrimónio*, p.165.

¹²⁸ Cf. E. A. SANTOS, “A relação matrimonial na atualidade”, pp.337-338.

¹²⁹ Cf. L. OLIVEIRA, *A Família Cristã hoje*, (Editorial Perpetuo Socorro, Porto, 1991), p. 45.

inaugurada na criação e revelada na história da salvação, recebe a revelação plena do seu significado»¹³⁰.

3.2 O matrimônio cristão como resposta a uma vocação de amor

O matrimônio único e indissolúvel, cujas exigências estabelecidas por Cristo implicam um sacrifício real, é resposta a uma vocação¹³¹. Todavia, só quem for capaz de compreender a linguagem de Cristo, quem estiver realmente consciente das referidas exigências por Ele impostas e sentir-se chamado a essa vocação, é que poderá responder à vocação do matrimônio único e indissolúvel. Ao referirmos estas realidades (unidade e indissolubilidade) do amor humano que o matrimônio abrange, não queremos com isso “espiritualizá-lo ou idealizá-lo”¹³², todavia queremos simplesmente ressaltar que o matrimônio ao implicar as exigências de fidelidade total indicadas por Cristo, e ao ser um símbolo da sua unicidade com a Igreja, torna-se objeto de uma vocação de Deus, que é amor (cf. Jo 4,8).

A inserção do matrimônio no mistério da união esponsal entre Cristo e a Igreja, dá ao matrimônio um sentido vocacional¹³³. Aplicado aos cônjuges o termo “vocação” designa o chamamento de Deus a um projeto de amor, que afeta toda a sua existência. Portanto, o matrimônio é realmente uma vocação, pois é «uma resposta à chamada específica para viver o amor conjugal... Por isso, a decisão de se casar e formar uma família deve ser fruto de um discernimento vocacional»¹³⁴. A vocação conjugal é uma especificação da vocação cristã iniciada com o batismo¹³⁵, tal como o Papa Paulo VI, apegando-se ao discurso parenético da Carta aos Efésios (cf. Ef 5, 21-23) nos apresenta na Encíclica *Humanae Vitae*:

«os esposos cristãos, portanto, dóceis à sua voz, lembrem-se de que a sua vocação cristã, iniciada com o batismo, se especificou ulteriormente e se reforçou com o sacramento do matrimônio. Por ele os cônjuges são fortalecidos e como consagrados para o cumprimento fiel dos próprios deveres e para a atuação da própria vocação para a perfeição e para o testemunho cristão deles, que têm de dar frente ao mundo. Foi a eles que o Senhor confiou a missão de tornarem visível aos

¹³⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 63.

¹³¹ Cf. M. THURIAN, *Matrimônio e Celibato*, p.60

¹³² Cf. M. THURIAN, *Matrimônio e Celibato*, p.61.

¹³³ Cf. A. MIRALLES, *El matrimonio. Teología y vida*, (Ediciones Palabra, Madrid, 1997), pp. 193-194.

¹³⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 72.

¹³⁵ Cf. A. MIRALLES, *El matrimonio. Teología y vida*, p.195.

homens a santidade e a suavidade da lei que une o amor mútuo dos esposos com a sua cooperação com o amor de Deus, autor da vida humana»¹³⁶.

Portanto, de outro modo não podia ser obviamente, pois segundo A. Miralles, as vocações embora sejam pessoais coincidem na unidade do desígnio divino de salvação: «porque àqueles que Ele de antemão conheceu, também os destinou para serem uma imagem idêntica à do seu Filho, de tal modo que Ele é o primogênito de muitos irmãos (Rm 8,29)»¹³⁷. Sem negar a postura tradicional sobre os fins do matrimônio, K. Wojtyła vê o matrimônio sobretudo como uma vocação que consiste em situar-se de uma maneira concreta no plano de Deus¹³⁸.

A vocação ao amor forma parte do dinamismo interior do ser humano¹³⁹. Deus chamando-o à existência por amor, chama-o também, e ao mesmo tempo para o amor. Deste modo, «o amor é, portanto, a fundamental e originária vocação do ser humano»¹⁴⁰. O matrimônio - assim como a virgindade, embora em modos diferentes, - é deveras uma concretização da verdade mais profunda do homem, do seu “ser à imagem de Deus” e um dos «modos específicos de realizar a vocação da pessoa humana na sua totalidade ao amor»¹⁴¹.

Por sua própria natureza, o matrimônio é uma instituição querida por Deus para que o seu desígnio de amor se realize na humanidade. Todavia, só cumpre esta missão, querida por Deus, aquela relação conjugal que é deveras expressão da “recíproca doação pessoal” e uma vez sendo própria dos esposos, recebe o nome de amor conjugal¹⁴².

Como consequência deste sentido vocacional, os esposos são chamados a doar-se, entregar-se ao outro, negando-se a si mesmo, esquecendo os seus caprichos e prazeres com o objetivo de entregar-se totalmente. Aqueles que «são chamados por Deus para este caminho se incorporam plenamente - n’Ele e através d’Ele - aos planos que o Salvador tem para a salvação dos homens»¹⁴³. Para a felicidade dos esposos é muito importante que eles «projetem a sua existência fora dos limites do egoísmo e da comodidade; que não busquem compensações nem correspondência em pagar o que dão, pois eles não se

¹³⁶ PAULUS PP. VI, *Humanae Vitae*, 25.

¹³⁷ A. MIRALLES, *El matrimonio. Teología y vida*, p.195.

¹³⁸ Cf. K. WOJTYLA, *El don del amor*, (Ediciones Palabra, Madrid, 2000), p.15.

¹³⁹ Cf. A. SARMIENTO, *El Matrimonio Cristiano*, p.60.

¹⁴⁰ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 11.

¹⁴¹ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 11.

¹⁴² Cf. A. SARMIENTO, *El Matrimonio Cristiano*, p.60.

¹⁴³ E. FENOY - J. ABAD, *Amor y Matrimonio*, p.62.

entregam somente a um ser humano, mas a Cristo»¹⁴⁴. Deste modo, podemos realmente dizer que «o matrimônio é uma vocação de amor – com todas as suas implicações – que se traduz na ânsia de identificar-se com Cristo: “que vos ameis uns aos outros como Eu vos amei” (Jo 15,12), dando passo ao amor de Deus no querer-se mutuamente»¹⁴⁵.

¹⁴⁴ E. FENOY - J. ABAD, *Amor y Matrimonio*, p.65.

¹⁴⁵ E. FENOY - J. ABAD, *Amor y Matrimonio*, p.66.

II CAPÍTULO: O MATRIMÓNIO COMO SACRAMENTO DO AMOR NA AMORIS LAETITIA

Criado à imagem de Deus que é amor, vindo à existência como fruto de um ato de amor, o ser humano não pode viver sem o amor, o relacionamento de que ele têm necessidade é um relacionamento de amor¹⁴⁶, vivido e aperfeiçoado pelo sacramento do matrimónio¹⁴⁷.

Na *Amoris Laetitia*, o sacramento do matrimónio é descrito pelo Papa Francisco, como «um sinal precioso»¹⁴⁸, pois, quando um homem e uma mulher celebram o sacramento do matrimónio, Deus por assim dizer, “espelha-se” neles, imprime neles as suas características e o carácter indelével do seu amor. Daí o Papa Francisco afirmar que o matrimónio é o ícone do amor de Deus por nós¹⁴⁹. Além disso, diz-nos também que o mistério do sacramento do matrimónio radica na comunhão das três Pessoas Divinas, Pai, Filho e Espírito Santo), pois dos dois esposos Deus faz uma só existência. Isto, por sua vez, tem consequências muito concretas na vida diária, porque em virtude do sacramento, os esposos são investidos numa autêntica missão, para que possam tornar visível, a partir das realidades simples e ordinárias, o amor com que Cristo ama a sua Igreja, continuando a dar a vida por ela¹⁵⁰.

Podemos dizer que o Papa Francisco retoma, embora noutros moldes, o que o Concílio Vaticano II¹⁵¹ havia sublinhado ao definir o matrimónio como comunidade de vida e de amor, «colocando o amor no centro da família e mostrando, ao mesmo tempo, a verdade deste amor face às diversas formas de reducionismo presentes na cultura contemporânea»¹⁵². À luz desta proposta do Concílio Vaticano II, tornam-se pertinentes e atuais, a nosso ver, as palavras de L. Duarte sobre o matrimónio, quando afirma o seguinte:

«Cristo Senhor abençoou abundantemente este amor de múltiplos aspetos, nascido da fonte da caridade divina e construído à imagem de sua própria união com a Igreja. E como outrora Deus veio ao encontro do seu povo com uma aliança de amor e fidelidade, assim agora o Salvador dos homens e Esposo da Igreja vem ao

¹⁴⁶ Cf. G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.9.

¹⁴⁷ Cf. A. MORÃES, “Desafios e perspectivas à pastoral familiar a partir da *Amoris Laetitia*”, pp.587-590.

¹⁴⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 121.

¹⁴⁹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 121.

¹⁵⁰ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 121.

¹⁵¹ Cf. GS 48.

¹⁵² RELATIO FINALIS 2015, 47.

encontro dos esposos cristãos com o sacramento do matrimónio. O autêntico amor conjugal é assumido no amor divino, dirigido e enriquecido pela força redentora de Cristo e pela ação salvadora da Igreja»¹⁵³.

Deste modo, o matrimónio é visto ou focalizado não tanto no projeto de criação, mas no de relação de amor entre os esposos, à imagem das relações interpessoais em Deus¹⁵⁴, que o cria por amor e o chama ao amor, tal como nos diz o Catecismo da Igreja Católica: «o amor mútuo dos dois (homem e mulher) torna-se imagem do amor absoluto e indefetível como Deus ama o homem»¹⁵⁵. Deste modo, dir-se-á de acordo com G. Irrazábal que com o Papa Francisco, o amor no matrimónio deixa de ser apenas um ideal genérico para adquirir uma fisionomia clara e reconhecível, que conserva a sua força de atração sem excluir, obviamente, a presença inevitável dos seus limites e imperfeições¹⁵⁶.

O matrimónio por ser uma aliança de amor: só podem realmente casar aqueles que se escolhem livremente e se amam¹⁵⁷. Todavia importa salientar que «a aliança de amor entre o homem e a mulher, aliança para a vida, não se improvisa, não se faz de um dia para outro, é preciso trabalhar sobre o amor, é necessário caminhar, porque a aliança do amor do homem e da mulher aprende-se e aperfeiçoa-se»¹⁵⁸. Porém, além de ser um ato de amor, o Papa Francisco diz-nos que o sacramento do matrimónio é também um grande ato de fé, pois dá testemunho da coragem de acreditar na beleza do gesto criador de Deus e de viver aquele amor que nos impele a ir sempre além, além de nós mesmos e da própria família¹⁵⁹.

Portanto, o matrimónio é sacramento do amor, diz o Papa Francisco, porque a graça do matrimónio destina-se, antes de mais nada, à perfeição do amor dos cônjuges. Mas só podemos compreender plenamente este mistério da família cristã, à luz do amor infinito do Pai que se manifestou em Cristo entregue até ao fim e vivo entre nós¹⁶⁰.

Com base nestas palavras do Papa Francisco, tornam-se atuais as afirmações tanto, de B. Domingues, quando diz que o sacramento do matrimónio continua a ser e sempre será visto como uma aliança entre Deus e o casal que vive «do e no amor fiel e

¹⁵³ Cf. L. M. DUARTE, *Creio na família: proposta para casais*, (Paulinas, S. Paulo 1986), p.82. Cf. GS 48.

¹⁵⁴ Cf. J. G. PAREDES, *O que Deus uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, p.223.

¹⁵⁵ CIC 1604.

¹⁵⁶ Cf. G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia, un documento de transición?” in *Moralia* 39 (2016), pp.38-39.

¹⁵⁷ Cf. CIC 217.

¹⁵⁸ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, pp. 71-72.

¹⁵⁹ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.60.

¹⁶⁰ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 59.

indissolúvel»¹⁶¹ porque bem sacramentado¹⁶², quanto as de L. Duarte quando diz que o matrimónio é sacramento do amor de Deus para a humanidade e do amor entre os esposos¹⁶³, chamados a aceitar-se reciprocamente e a acolher a vida¹⁶⁴.

1. O amor matrimonial

O termo “amor” tornou-se, hoje, uma das palavras mais usadas e, até desrespeitadas, à qual associamos significados completamente diferentes¹⁶⁵. Porém, embora o termo “amor” abarque uma vasta gama de significados, «o amor entre o homem e a mulher, no qual intervêm indivisivelmente corpo e alma e se abre ao ser humano uma promessa e felicidade que parece irresistível, sobressai como arquétipo de amor por excelência, de tal modo que, à primeira vista, comparados com ele, todos os demais tipos de amor se ofuscam»¹⁶⁶.

Nesta Exortação Apostólica, o Papa Francisco, ao refletir sobre o amor conjugal, sublinha a necessidade viver seriamente o amor, não com pretensões individualistas baseadas somente no prazer e no desfrute¹⁶⁷, mas numa atitude de crescimento, com atenção ao próximo num espírito de abertura ao outro de tal modo que se viva «o amor recíproco»¹⁶⁸, pois «o amor é a via privilegiada pela qual a família pode, realmente, alcançar a sua plenitude»¹⁶⁹.

O Papa Francisco ao abordar esta temática (amor conjugal) parte das posições apontadas pelo Concílio Vaticano II¹⁷⁰ e pelas posições dos seus antecessores: Paulo VI na *Humanae Vitae* e João Paulo II na *Familiaris Consortio*.

Na Encíclica *Humanae Vitae* Paulo VI diz-nos que «o amor conjugal exprime a sua verdadeira natureza e nobreza, quando se considera na sua fonte suprema, Deus, que é amor, o Pai, do qual toda a paternidade nos céus e na terra toma o nome»¹⁷¹. Assim

¹⁶¹ RELATIO FINALIS 2015, 99.

¹⁶² Cf. B. DOMINGUES, *Sacramento e vida cristã coerente, saudável e operativa*, p.117.

¹⁶³ Cf. L. M. DUARTE, *Creio na família: proposta para casais*, p.82.

¹⁶⁴ Cf. RELATIO FINALIS 2015, 99.

¹⁶⁵ Cf. BENEDICTI PP. XVI, *Deus Caritas est*, 2.

¹⁶⁶ BENEDICTI PP. XVI, *Deus Caritas est*, 2.

¹⁶⁷ Cf. A. MORÃES, “Desafios e perspectivas à pastoral familiar a partir da *Amoris Laetitia*”, p.589.

¹⁶⁸ B. C. D’ALMEIDA, “A dinâmica e a realização do amor no quarto evangelho” in *Itinerarium* (Ano LXII, n.214, Janeiro-Abril 2016), p.85.

¹⁶⁹ A. MORÃES, “Desafios e perspectivas à pastoral familiar a partir da *Amoris Laetitia*”, p.589.

¹⁷⁰ Cf. GS 48.

¹⁷¹ PAULUS PP. VI, *Humanae Vitae*, 8.

sendo, ao falarmos do amor entre os esposos no matrimónio é importante que tenhamos presente esta afirmação de Paulo VI quando se refere ao matrimónio:

«o matrimónio não é, portanto, fruto do acaso, ou produto de forças naturais inconscientes: é uma instituição sápiante do Criador, para realizar na humanidade o seu desígnio de amor. Mediante a doação pessoal recíproca, que lhe é própria e exclusiva, os esposos tendem para a comunhão dos seus seres, em vista de um aperfeiçoamento mútuo pessoal, para colaborarem com Deus na geração e educação de novas vidas»¹⁷².

Vemos nesta posição de Paulo VI a preocupação pelos três bens do matrimónio, tal como Santo Agostinho os denominou na sua doutrina sobre o matrimónio. Porém, destaca-se mais a questão da geração e educação da prole. Assim sendo, podemos certamente dizer, à luz das palavras de Paulo VI, que o amor conjugal se for bem ordenado, é fonte profunda de uma procriação responsável e de um invencível amor para com os filhos.

João Paulo II ao refletir sobre a família, define o amor como princípio e força de comunhão¹⁷³. Enquanto princípio e força de comunhão sem o qual as famílias não podem viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas, «o amor entre o homem e a mulher no matrimónio é animado e impelido por um dinamismo interior e incessante, que conduz a família a uma comunhão mais profunda e intensa, fundamento e alma da comunidade conjugal»¹⁷⁴. Esta comunhão conjugal que em virtude do amor conjugal faz dos cônjuges «uma só carne» (cf. Gn 2, 24; Mt 19, 6) radica-se na complementaridade natural que existe entre o homem e a mulher, e alimenta-se mediante a vontade pessoal dos esposos de dividir num projeto de vida integral, o que eles realmente têm e são¹⁷⁵.

Embora o Papa Francisco reafirme a centralidade do amor conjugal a partir dos documentos acima citados, principalmente na *Familiaris Consortio*, G. Irrazábal diz que esta temática se encontra mais desenvolvida na *Amoris Laetitia* em uma chave pastoral e existencial nova para a linguagem do magistério¹⁷⁶. Segundo o Papa Francisco, «o matrimónio cristão é um sinal que não só indica quanto Cristo amou a sua Igreja na aliança selada na cruz, mas torna presente esse amor na comunhão dos esposos. Quando

¹⁷² PAULUS PP. VI, *Humanae Vitae*, 8.

¹⁷³ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 18.

¹⁷⁴ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 18.

¹⁷⁵ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 19.

¹⁷⁶ Cf. G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia y los divorciados en nueva unión”, in *Revista de la Facultad de Teología de Universidad Católica Argentina*, (Tomo LIII, n.120, Agosto 2016), p.153.

se unem numa só carne, representam a relação esponsal do Filho de Deus com a natureza humana»¹⁷⁷.

À luz desta afirmação do Papa Francisco, podemos dizer que o amor dos esposos deve ser o reflexo do amor de Cristo a Igreja, tal como S. Paulo alude na Carta aos Efésios: «Cristo amou a Igreja e se entregou por ela» (Ef 5,25). Aqui nesta Carta, encontramos a expressão plena da verdade sobre o amor de Cristo¹⁷⁸. Olhando para esta Carta aos Efésios, de modo particular ao capítulo 5, podemos dizer que a inteira existência dos esposos cristãos deve configura-se continuamente como uma comunhão de vida e amor, à imagem da comunhão de Cristo – Igreja; pois a nova criatura, que os esposos são por meio do batismo já antes recebido, no matrimónio há-de ser vivida como uma «unidade de dois»¹⁷⁹.

Uma vez que a participação dos esposos no amor esponsal de Cristo e da Igreja é real e não só intencional, segundo A. Sarmiento, dir-se-á, à luz desta reflexão, que no amor matrimonial dá-se já um dinamismo interior capaz de conduzir os esposos a viver segundo o estilo de amor de Cristo, representado na eucaristia¹⁸⁰.

Porém, convém lembrar que embora a analogia marido-esposa e Cristo-Igreja que o Papa Francisco faz na *Amoris Laetitia* seja realmente uma “analogia imperfeita”¹⁸¹, ela «convida a invocar o Senhor para que derrame o seu amor nas limitações das relações conjugais»¹⁸². Em relação a esta analogia, a *Amoris Laetitia* mostra, sem dúvida, uma clara consciência do carácter irrenunciável mas as vezes problemático, pois ao mesmo tempo que recorda que o matrimónio é a imagem do amor de Deus, e mais precisamente, da comunhão de amor entre o Pai, o Filho e o Espírito¹⁸³, aclara que «não convém confundir planos diferentes: não se deve atirar para cima de duas pessoas limitadas o peso tremendo de ter de reproduzir perfeitamente a união que existe entre Cristo e a sua Igreja, porque o matrimónio como sinal implica “um processo dinâmico, que avança gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus”»¹⁸⁴.

¹⁷⁷ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 73.

¹⁷⁸ Cf. A. SARMIENTO, *El matrimonio cristiano*, p.255.

¹⁷⁹ A. SARMIENTO, *El matrimonio cristiano*, 263.

¹⁸⁰ Cf. A. SARMIENTO, *El matrimonio Cristiano*, p.266.

¹⁸¹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 73.

¹⁸² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 73.

¹⁸³ Cf. G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia y los divorciados en nueva unión”, p.153.

¹⁸⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 122.

Portanto, em vez de exigirmos dos esposos uma imitação perfeita da união Cristo-Igreja, o Papa Francisco recorda-nos que «nenhuma família é uma realidade perfeita e confeccionada de uma vez para sempre, mas requer um progressivo amadurecimento da sua capacidade de amar»¹⁸⁵. Por conseguinte, é importante que os esposos vivam e testemunhem o amor no seu matrimónio, sem exigir-lhes, no entanto, que o vivam de maneira perfeita a exemplo das “relações interpessoais próprias do Reino definitivo”¹⁸⁶.

1.1 As características do amor entre os esposos

O amor conjugal é realmente um amor com características próprias que o distinguem de todas as demais classes de amor. Podemos dizer que se trata de um amor que se dá entre um casal (um homem e uma mulher) que são pessoas distintas e sexualmente complementares¹⁸⁷. Deste fuste, dir-se-á que as características que definem este amor conjugal são, em primeiro lugar, a aliança matrimonial, que é a celebração do matrimónio. Em segundo lugar, é necessário que seja eminentemente humano; e em terceiro lugar, é importante que este amor seja «uma participação singular no mistério da vida e no amor do próprio Deus»¹⁸⁸.

Quando a *Humanae Vitae*¹⁸⁹, em continuidade com o Concílio Vaticano II¹⁹⁰, expõem as características do amor conjugal dizendo que tem de ser humano, total, fiel-exclusivo e fecundo, não fazem mais do que expressar uma realidade, que está «escrita em nossos corações» (Rm 2,15). Desta maneira, os esposos se convertem, portanto, em dom sincero de si mesmos de uma forma mais complexa e radical: se afirmam em sua íntima verdade como pessoas¹⁹¹.

A fundamentação do amor numa perspectiva ou dimensão cristã é feita pelo Papa Francisco a partir do chamado hino à caridade de S. Paulo, onde são elencadas algumas características do verdadeiro amor: «o amor é paciente, o amor é prestável, não é invejoso, não é arrogante nem orgulhoso, nada faz de inconveniente, não procura o seu próprio interesse, não se irrita, nem guarda ressentimento, não se alegra com a injustiça, mas

¹⁸⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 325.

¹⁸⁶ Cf. G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia y los divorciados en nueva unión”, pp.153-154.

¹⁸⁷ Cf. A. SARMIENTO, *El Matrimonio Cristiano*, pp.252-253.

¹⁸⁸ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 29.

¹⁸⁹ Cf. PAULUS PP. VI, *Humanae Vitae*, 9.

¹⁹⁰ Cf. GS 49.

¹⁹¹ Cf. A. SARMIENTO, *El Matrimonio Cristiano*, pp.254-255.

rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta (cf. 1Cor 13,4-7)»¹⁹².

Com base no hino à caridade de S. Paulo, o Papa Francisco expressa com clareza o que as famílias cristãs devem cultivar no seu seio. Segundo o Papa Francisco, estas características do verdadeiro amor, «praticam-se e cultivam-se na vida que os esposos partilham dia-a-dia entre si e com os seus filhos»¹⁹³. Dada a importância destas palavras que o Papa nos convida a praticar e a cultivar dentro das famílias, procuraremos esclarecer à luz da reflexão do Papa, o significado de algumas destas expressões que o texto paulino nos apresenta. Assim sendo, teremos em atenção três características do amor conjugal: o amor é paciente, é uma atitude de serviço, é generoso.

Em primeiro lugar, quando se diz que o amor é paciente, o Papa quer com isto dizer-nos que somos chamados à moderação e à misericórdia¹⁹⁴. O termo usado por S. Paulo quando se refere a paciência é o verbo «*macrothymein*»¹⁹⁵, que literalmente significa ser longânime¹⁹⁶, «não se deixar levar pelos impulsos interiores»¹⁹⁷, pela raiva, mas “atuar com misericórdia”, saber conviver com o diferente¹⁹⁸. Esta característica do amor conjugal (paciência) «é uma qualidade do Deus da Aliança, que convida a imitá-lo também na vida familiar»¹⁹⁹; por isso é importante cultivá-la, porque «se não a cultivarmos, encontraremos sempre desculpas para responder com ira, acabando por nos tornar pessoas que não sabem conviver, antissociais incapazes de dominar os impulsos, e a família tornar-se-á um campo de batalha»²⁰⁰.

Em segundo lugar, ao dizer-nos que o amor é uma atitude de serviço, recorda-nos que todos somos chamados a fazer o bem, pondo o amor mais nas obras do que nas palavras²⁰¹. A atitude de serviço S. Paulo exprime-a com o verbo «*jrestéuetai*»²⁰², derivado de *jrestós*: bondoso, serviçal, prestativo²⁰³, indicando que «a paciência, nomeada

¹⁹² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 90.

¹⁹³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 90.

¹⁹⁴ Cf. X. CARRERO - F. DIAZ, “O nosso matrimónio através da Exhortación Apostólica *Amoris Laetitia*”, pp.65-66.

¹⁹⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 91.

¹⁹⁶ N.B. PEREIRA, “A *Amoris Laetitia* e sua fundamentação bíblica”, p.737.

¹⁹⁷ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 91.

¹⁹⁸ Cf. N.B. PEREIRA, “A *Amoris Laetitia* e sua fundamentação bíblica”, p.737.

¹⁹⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 91.

²⁰⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 92.

²⁰¹ Cf. X. CARRERO - F. DIAZ, “O nosso matrimónio através da Exhortación Apostólica *Amoris Laetitia*”, pp.65-66.

²⁰² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 93.

²⁰³ Cf. N.B. PEREIRA, “A *Amoris Laetitia* e sua fundamentação bíblica”, p.737.

em primeiro lugar, não é uma atitude meramente passiva, mas há-de ser acompanhada por uma atividade, uma reação dinâmica e criativa perante os outros»²⁰⁴.

Em terceiro e último lugar, quando se diz que o amor é generoso, o Papa Francisco quer que as famílias procurem mais a felicidade do outros, ou seja, que cada um dos membros da família se comprometa a tornar a vida agradável aos outros²⁰⁵. Pois este amor, por não ser invejoso, «leva a apreciar os sucessos alheios, descentrando-nos de nós mesmos, aceitando os dons diferentes dos outros»²⁰⁶. Portanto, aqui o Papa Francisco convida-nos a curar a inveja, o ciúme «zeloi»²⁰⁷, porque são atitudes contrárias ao amor²⁰⁸ que deve ser vivido nas famílias.

Centrando-se no texto do Papa Francisco, sobre o amor, R. Jiménez citando E. Rojas procura entender o amor partindo de algumas características enunciadas pelos pensadores gregos até se chegar realmente à forma atual de viver o amor²⁰⁹. Na sua opinião, o amor implica confiança, proteção, respeito, comunhão, ajudando deste modo ao crescimento emocional e espiritual²¹⁰. Na verdade, o amor conjugal consiste, à luz das características referidas pelo Papa Francisco, em compartilhar a vida com alegria, dialogar sobre as diferenças e preferências, e respeitar a integridade física, moral e espiritual da pessoa amada. Deste modo, entende-se o amor como o resumo e o resultado de todas as virtudes²¹¹. Certamente não é uma tarefa fácil vivê-lo de forma autêntica, mas o amor sendo uma vocação fundamental e inata do ser humano a única garantia possível de tornar uma relação conjugal saudável é procurar viver o amor de forma autêntica²¹².

Vivendo com autenticidade o amor, o matrimónio como a plenitude do amor que é capaz de tirar a pessoa do seu egoísmo para se unir totalmente a pessoa que ama, faz da

²⁰⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 93.

²⁰⁵ Cf. X. CARRERO - F. DIAZ, “O nosso matrimónio através da Exhortación Apostólica *Amoris Laetitia*”, pp.65-66.

²⁰⁶ N.B. PEREIRA, “A *Amoris Laetitia* e sua fundamentação bíblica”, pp.737-738.

²⁰⁷ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 95.

²⁰⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 95.

²⁰⁹ Cf. R. C. JIMÉNES, “El amor en el matrimonio. Capítulo IV Exhortación Postsinodal *Amoris Laetitia*” in *Medellín*, (Vol. XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016), pp.304-305.

²¹⁰ Cf. R. C. JIMÉNES, “El amor en el matrimonio. Capítulo IV Exhortación Postsinodal *Amoris Laetitia*”, pp.305-306.

²¹¹ Cf. R. C. JIMÉNES, “El amor en el matrimonio. Capítulo IV Exhortación Postsinodal *Amoris Laetitia*”, pp. 306-307.

²¹² Cf. R. C. JIMÉNES, “El amor en el matrimonio. Capítulo IV Exhortación Postsinodal *Amoris Laetitia*”, p.307.

pessoa mais pessoa em termos de humanidade, mais criativa, mais equilibrada, mais dona de si mesma, e finalmente mais feliz²¹³.

1.2 As dimensões do amor matrimonial

O amor verdadeiro caracterizado pela paciência, pela atitude de serviço e pela generosidade - tal como nos diz o Papa Francisco nesta Exortação Apostólica - apresenta as seguintes dimensões: física ou corporal, emocional ou afetiva, espiritual e sobrenatural.

Dimensão física: nesta dimensão referimo-nos a todas aquelas expressões e atitudes relacionadas com os atos próprios da natureza humana. Tais expressões e atitudes são, certamente, aquelas manifestações que nutrem afetos e carícias, que normalmente terminam na união dos corpos com a satisfação sexual²¹⁴. Esta união dos corpos, além de ser boa, é necessária para realizar a união perfeita dos cônjuges. A união carnal, realizada com verdadeiro sentido, é sinal da graça. Neste sentido, a entrega total de uma pessoa a outra é considerada como algo positivo e enriquecedor na conduta dos esposos. Nesta dimensão, é importante que tenhamos presente o seguinte: não converter o sexo em um simples instrumento de prazer e o cônjuge a um objeto do qual se pode disfrutar²¹⁵.

Dimensão emocional. No que se refere a esta dimensão destacamos as atitudes, gestos ou reações próprias da convivência humana capazes de nos trazer alegria e felicidade. A este respeito, diz-se amiúde que o coração humano necessita do testemunho do afeto, a ânsia de sentir-se querido e estimado. Portanto, qualquer atenção amável com a família do cônjuge, seja ela menos significativa ou não, manifesta uma certa admiração e respeito por ela.

Nesta dimensão há aspetos positivos que devemos cultivar, tais como o respeito, a amabilidade e a atenção ao outro. Todavia há também aspetos negativos a evitar, tais como: a falta de educação e o distrair-se com outras coisas quando estamos a conversar com alguém. Todos estes aspetos - especialmente o superar o mal humor, o escutar com atenção e não distrair-se com outras coisas, que achamos importante - requerem muita generosidade, entrega e simplicidade; humildade e espírito de sacrifício, que nos levam a

²¹³ Cf. R. C. JIMÉNES, “El amor en el matrimonio. Capítulo IV Exhortación Postsinodal Amoris Laetitia”, p.307.

²¹⁴ Cf. E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, p.78.

²¹⁵ Cf. E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, 80.

felicidade, a alegria e a paz; e, especialmente a algo mais importante e definitivo: a santidade²¹⁶.

Dimensão espiritual. Esta terceira dimensão do amor conjugal leva a compreensão mútua, a integração de inteligência e a vontade na unidade dos ideais, a aceitação dos mesmos princípios que devem guiar suas vidas. Se um dos cônjuges quer ser feliz e fazer o outro feliz, deve esforçar-se por acolher os ideais do outro²¹⁷, ou seja, não pensar apenas em si, mas também no outro, para juntos formarem uma família unida, capaz de viver em comunhão. Isto supõe que na convivência diária ninguém ousará impor uma forma de pensar, alguns costumes ou critérios ao outro ou a julgar o outro sem o conhecer muito bem²¹⁸. É importante que se conheçam bem, porque quando os esposos se conhecem bem, sabem, naturalmente, os seus defeitos e virtudes, aceitam-se mutuamente.

Para que haja uma unidade espiritual entre o casal, às vezes, será necessário entrar no mundo do cônjuge, conhecê-lo melhor por dentro, escusando-se assim de julgá-lo por fora. É verdade que «não é fácil a união de espíritos, mas é transcendental buscá-la cada dia com uma atitude real, reta e humilde, paciente e sincera; que supõe um alto sentido de liberdade, um respeito profundo pelas ideias e características do outro, uma aceitação das diversas perspectivas sob as quais cada pessoa vê o mundo que o rodeia antes de adoptar sua própria posição»²¹⁹.

Dimensão sobrenatural. A quarta dimensão do amor, chamada dimensão sobrenatural, é a participação do amor de Deus: virtude sobrenatural da caridade infundida, juntamente com a graça, no coração humano²²⁰. Nesta dimensão, é o amor de Deus que dá, digamos assim, os holofotes aos esposos, para que eles sejam um instrumento de unidade; pois pela unidade os esposos são guiados por uma via de entrega e dedicação mútua, sacrificando-se pelo bem-estar do outro²²¹.

As quatro dimensões do amor conjugal, descritas desde o aspeto físico e carnal ao sobrenatural e divino, os casais são convidados a tê-las presente na sua vida, mormente na vida matrimonial, porque o matrimónio enquanto “comunidade de vida e amor”

²¹⁶ Cf. E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, pp.83-84.

²¹⁷ Cf. E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, p.84.

²¹⁸ Cf. E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, pp.84-85.

²¹⁹ E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, pp.91-92.

²²⁰ Cf. E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, p.92.

²²¹ Cf. E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, p.93.

pressupõe estas dimensões²²². Certamente que os casais ao notarem uma certa deficiência numa destas dimensões, farão com que tal deficiência seja superada. Isto, porque se ela não for superada pode, por sua vez, produzir uma distorção perigosa na totalidade do amor. Porque, quando se tem em conta apenas uma dimensão, sem integrar as outras, as nossas relações ficam praticamente limitadas. A título de exemplo vejamos o seguinte:

«quando um casal tem em conta exclusivamente a dimensão corporal, buscando em suas relações somente a satisfação, sem integrar as outras dimensões, as relações seriam reduzidas a um mero hedonismo ou sexualidade lúdica. Se pelo contrário, buscamos uma espiritualidade mal orientada que prescinde a dimensão corporal, corre-se o risco de cair numa relação desencarnada. Ou quem se preocupa somente com a geração e o cuidado dos filhos, descuida-se da comunicação e atenção amorosa do outro cônjuge, a afetividade cairia na chamada fábrica reprodutora. Ou, finalmente, se um casal se descuida da dimensão espiritual, racional, a comunicação com o outro para compartilhar a própria vida, ideais e preocupações, embora satisfeitas as outras dimensões, seria muito difícil alcançar um projeto de vida»²²³.

É bem verdade que, no casal ou mesmo em família, algumas dimensões vão-se desenvolvendo mais que as outras, mas o importante na vida matrimonial é que haja um certo crescimento por parte do casal, pois «o amor autêntico exige um progresso constante, uma superação contínua»²²⁴ e um amadurecimento na capacidade de amar²²⁵.

Assim sendo, estas quatro dimensões do amor conjugal têm de ser cultivadas para que o casal progrida e seja maduro nas suas relações com outros, particularmente com os membros da sua família. Mas também as famílias têm de saber, a medida que vão progredindo, que os problemas que vierem a surgir no cultivo destas quatro dimensões, não devem ser motivo de desânimo, todavia tais problemas devem, portanto, ajudá-los a consolidar cada vez mais o seu amor.

Cultivar e defender o amor conjugal torna-se uma exigência dos esposos, pois é deste modo que eles vão reacendendo, cada vez mais, a chama do seu amor vivido e aperfeiçoado no matrimónio. Porque este amor, tal como nos recorda João Paulo II, «é

²²² Cf. A. MOSER, “A importância da pastoral familiar. Ecos do Sínodo dos Bispos 2015”, in *REB*, (Vol.76, n.302, Abril-Junho 2016), p.291.

²²³ E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, pp.97-98.

²²⁴ E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, p.99.

²²⁵ Cf. G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia y los divorciados en nueva unión”, p.154.

animado e impulsionado por um dinamismo interno que conduz a família a uma comunhão cada vez mais profunda e intensa»²²⁶.

Descritas as quatro dimensões do amor conjugal, é imperioso que os esposos e as famílias as cultivem e defendam, pois são, sem dúvida, um fator determinante para o seu processo de maturação do matrimónio. E uma vez que «o matrimónio é um processo de maturação e transformação, quando uma pessoa não entra neste processo, o seu matrimónio estará sempre em perigo e, obviamente, será sempre problemático»²²⁷, daí a importância de as termos sempre presentes. Portanto, ao defendermos o amor conjugal, devemos estar atentos e vigilantes para detetar os pequenos sintomas de esfriamento do amor. Todavia, isto requer uma análise atenciosa aos acontecimentos.

2. O amor fecundo e indissolúvel

O amor no matrimónio não pode estar fechado em si mesmo, deve abrir-se à vida, porque «por sua própria natureza, a instituição matrimonial e o amor conjugal estão ordenados para a procriação e a educação dos filhos, que constituem o ponto alto da sua missão e a sua coroa»²²⁸, pois pela vocação matrimonial, os casais «são chamados a gerar filhos. Eles não podem, por egoísmo, fugir desta missão»²²⁹. Porém, «os esposos a quem Deus não concedeu a graça de ter filhos podem, no entanto, ter uma vida conjugal cheia de sentido, humana e cristãmente falando. O seu matrimónio pode ser foco duma fecundidade caritativa, de acolhimento e de sacrifício»²³⁰. Daí a razão de afirmarmos que os dois significados “unitivo e procriativo” devem caminhar juntos. Assim, ultrapassa-se aquela concepção antiga em que a fecundidade do matrimónio se reduzia exclusivamente ao significado procriativo²³¹.

Segundo o Papa Francisco, «o casal que ama e gera a vida é a verdadeira “escultura” viva, capaz de manifestar Deus criador e salvador»²³². Por este facto, podemos dizer que o amor que une os esposos não pode ser estéril, deve, portanto, tornar-se fecundo²³³. Em relação a esta temática, João Paulo II, muito antes do Papa Francisco dizia

²²⁶ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 10.

²²⁷ E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, p.99.

²²⁸ CIC 1652; Cf. GS 48.

²²⁹ L. M. DUARTE, *Creio na família: proposta para casais*, p.95.

²³⁰ CIC 1653.

²³¹ Cf. W. KASPER, *Teologia del matrimonio cristiano*, (Sal Terrae – Santander, España 1980), pp.29-31.

²³² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 11.

²³³ Cf. J. M. ALMEIDA (Org.), *O pensamento social do Papa Francisco*, (Editorial Cáritas, Lisboa 2016), pp.74-75.

na *Familiaris Consortio* que é necessário que o amor dos esposos se torne realmente fecundo, pois «a fecundidade é o fruto e o sinal do amor conjugal, o testemunho vivo da plena doação recíproca dos esposos»²³⁴. Assim sendo, é importante que os esposos não se fechem apenas na dimensão unitiva do matrimónio, todavia devem abrir-se também a dimensão procriativa, porque é por meio dela que o homem e a mulher criados a imagem e semelhança de Deus (cf. Gn 1,27) colaboram no seu projeto original. Chamados a «uma participação especial do seu amor e do seu poder de Criador e de Pai, mediante uma cooperação livre e responsável deles na transmissão do dom da vida humana, Deus abençoou-os e disse-lhes: “crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra” (cf. Gn 1, 28)»²³⁵.

A disponibilidade à vida torna-se fundamental no seio de uma família, pois é pelo serviço à vida que vemos realmente o quão fundamental é a tarefa que a família desempenha ou deve desempenhar numa sociedade.

2.1 A disponibilidade para acolher uma nova vida

Ao falar sobre o amor que se torna fecundo, o Papa Francisco começa por apresentar-nos a família não só no âmbito da geração, mas também do acolhimento de uma nova vida que chega como um presente de Deus²³⁶. A família ao acolher bem esta nova vida manifesta, na verdade, o seu amor, pois no matrimónio «amar-se verdadeiramente é, em primeiro lugar, acolher o filho»²³⁷, que chega não importa quaisquer que sejam as circunstâncias, sejam elas desejadas ou não desejadas. É importante que os pais ou os outros membros da família façam os possíveis de acolher e aceitar esta nova vida como dom de Deus²³⁸. Todavia, este acolhimento e aceitação devem ser assumidos com responsabilidade, de tal modo que haja realmente uma manifestação de carinho por parte dos pais ou membros da família que aguardam pela chegada do filho. A respeito disto, torna-se atual e interessante a reflexão feita por L. Duarte quando diz:

«a criança, que no seio materno ensaia já os primeiros movimentos, sabe com quanto amor está sendo esperada. E isto lhe faz bem. O contrário também é verdade, ou seja; se uma criança não for aceite ou ficar a saber que os pais brigam ou se odeiam, então ela carregará pela vida afora uma marca negativa. Dai nasce a necessidade de se gerar uma vida nova somente num clima de amor e

²³⁴ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 50.

²³⁵ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 50.

²³⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 166.

²³⁷ D'HEILLY, A., *Amor e Sacramento*, p. 99.

²³⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 166.

responsabilidade. Os pais quando decidem ter filho, se tornam cooperadores de Deus criador e participam da alegria e dos benefícios dessa nobre função: “os filhos são, sem dúvida, o maior dom do matrimônio e contribuem muito para o bem dos próprios pais” (GS 50). Cada filho será fruto e expressão do amor e da comunhão de vida dos esposos»²³⁹.

Esta reflexão vai de encontro com aquilo que o Papa Francisco pede às famílias, particularmente aos casais, que almejam ter filhos. Ressalta-se a importância deste grande bem (filhos) para a família, a responsabilidade que se deve ter e o amor com que se deve acolher.

O Papa Francisco ao referir-se ao surgimento de uma nova vida que chega como um presente de Deus, afirma, retomando a doutrina já antes referida pelo Papa João Paulo II na *Familiaris Consortio*²⁴⁰ que «cada nova vida “permite-nos descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados antes de chegar”»²⁴¹. A vida sendo um presente de Deus, «o dom de um novo filho, que o Senhor confia ao pai e a mãe têm início com o seu acolhimento, continua com a sua guarda ao longo da vida terrena e tem como destino final a vida eterna»²⁴².

Segundo o Papa Francisco, nas famílias o amor manifesta a sua fecundidade generosa²⁴³. Mas “isto não implica – recorda-nos o Papa Francisco citando uma carta de João Paulo II à Secretária-Geral da Conferência Internacional da ONU sobre a população e desenvolvimento em Março de 1994 – “esquecer que a paternidade responsável não é a procriação ilimitada ou falta de consciência daquilo que é necessário para o crescimento dos filhos, mas é antes de mais a faculdade que os cônjuges têm de usar a sua liberdade inviolável de modo sábio e responsável, tendo em consideração tanto as realidades sociais e demográficas como a sua própria situação e os seus legítimos desejos”»²⁴⁴.

2.2 A unidade indissolúvel do amor

A unidade e indissolubilidade do amor no matrimônio, expressa-se no mútuo amor que deve existir na família, particularmente no casal. Por sua própria natureza, diz-nos o Catecismo da Igreja Católica, que «o amor dos esposos exige a unidade e a

²³⁹ L. M. DUARTE, *Creio na família: proposta para casais*, p.91.

²⁴⁰ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 14.

²⁴¹ FRANCISCUS PP., *Amoris laetitia*, 166.

²⁴² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 166.

²⁴³ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 167.

²⁴⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 167.

indissolubilidade da sua comunidade de pessoas, a qual engloba toda a sua vida»²⁴⁵. Deste modo, «os esposos são chamados a crescer sem cessar na sua comunhão, através da fidelidade quotidiana à promessa da mútua doação total que o matrimónio implica»²⁴⁶. Trata-se, portanto, do amor a Deus e ao próximo. Entretanto, podemos dizer que a graça do matrimónio é, antes de mais, o amor com que os esposos se amam:

«a graça que neste sacramento recebem os que com temor de Deus e com a santa intenção se unem é que o marido ame a mulher com amor casto, como Cristo amou a Igreja, e de modo semelhante a mulher ame e reverencie o marido, para que por ela um e outro se mantenham limpos de todo o ilícito deleite e criem os seus filhos, se os tiverem, com todas as suas forças e em piedade cristã»²⁴⁷.

Esta graça do matrimónio destina-se, antes de mais nada, “a aperfeiçoar o amor dos cônjuges”²⁴⁸, que é, por natureza, tão exclusivo e geralmente só pode existir com autêntica honestidade, se, na verdade, os cônjuges se dão um ao outro de forma incondicional²⁴⁹. O amor que une os casais no matrimónio deve ser renovado a cada dia, não deve ser um amor por contrato, um amor interesseiro, que tem em vista um bem material. O amor que une os casais no matrimónio tem de ser uno e indissolúvel, pois «o amor dos esposos expressa e significa a estreitíssima união de Cristo com a Igreja, através da qual somos um em Cristo»²⁵⁰.

Portanto, o matrimónio bem entendido, «só pode significar, na ordem da graça, a aliança de amor entre Cristo e a Igreja, se, em realidade, também ele for, essencialmente, a aliança de amor entre os esposos»²⁵¹. O amor de Cristo, tal como nos diz B. Häring não foi um mero meio para a redenção, mas, fundamentalmente, a revelação do amor do Pai, causa e fonte primeira da redenção. Assim sendo, é importante salientar que a verdadeira compreensão do matrimónio deve aproximar-nos, de modo mais humano ao amor; um amor concreto onde se verifica a unidade do amor a Deus e ao próximo.

O amor não sendo nem um meio, nem um fim primário ou secundário do matrimónio, é preferencialmente a sua causa formal e tão essencial que, se a unidade e a indissolubilidade desta aliança de amor forem excluídas, não haverá matrimónio. Se

²⁴⁵ CIC 1644.

²⁴⁶ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 19.

²⁴⁷ J. G. PAREDES, *O que Deus uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, p.156.

²⁴⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 89.

²⁴⁹ Cf. B. HÄRING, *O matrimónio em nosso tempo*, (Herder, S. Paulo 1968), p.281.

²⁵⁰ J. G. PAREDES, *O que Deus uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, p.157.

²⁵¹ B. HÄRING, *O matrimónio em nosso tempo*, p.340.

pensarmos apenas no amor como uma aliança de finalidades, então, em caso de colisão de interesses, deveria a unidade ou a indissolubilidade ceder interesses de fertilidade, o que seria, a nosso ver, à luz das palavras de B. Häring uma subordinação inaceitável, ou seja um amor a base de interesses²⁵². Deste modo, podemos afirmar de acordo com o Papa Francisco que a unidade e a indissolubilidade centram-se na fidelidade como característica do verdadeiro amor²⁵³, porque a estabilidade não se promove apenas recorrendo aos deveres ou condenando as condutas, mas promovendo o crescimento no amor²⁵⁴.

Ao refletir sobre a indissolubilidade como dom e tarefa, o Sínodo Ordinário dos Bispos dirá que «a indissolubilidade representa a resposta do homem ao profundo desejo de amor recíproco e duradouro: um amor “para sempre” que se torna opção e doação pessoal de cada um dos cônjuges entre si, do casal em relação ao próprio Deus e a quantos Ele lhes confia»²⁵⁵. Assim sendo, o testemunho de casais que vivem plenamente o matrimónio cristão, ressalta obviamente o valor desta união indissolúvel e suscita o desejo de empreender sempre novos caminhos de fidelidade entre os cônjuges²⁵⁶.

A unidade à luz do quarto evangelho «é o caminho dos que vivem de Deus, por outras palavras, é o autêntico encontro interpessoal entre Deus-Pai e seus filhos no nome do seu Filho Unigénito perfeitamente sujeito em unidade interpessoal e filial em Deus»²⁵⁷.

Tendo presente as leis canónicas, podemos afirmar que, «o matrimónio sacramental validamente contraído torna-se perfeitamente indissolúvel com a consumação, de tal forma que nenhuma autoridade, nem mesmo a Igreja, pode separá-lo quanto ao vínculo»²⁵⁸. Ao passo que «o matrimónio não consumado é automaticamente dissolvido em virtude do direito, pela profissão solene válida de uma das partes. Portanto, por meio de uma dispensa concedida com causa justa pela Santa Sé pode também ser dissolvido o matrimónio, a pedido das duas partes ou pelo menos de uma»²⁵⁹.

²⁵² Cf. B. HÄRING, *O matrimónio em nosso tempo*, p.340.

²⁵³ Cf. G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia, un documento de transición?”, p.39.

²⁵⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 134.

²⁵⁵ RELATIO FINALIS 2015, 42.

²⁵⁶ Cf. RELATIO FINALIS 2015, 42.

²⁵⁷ B. C. D’ALMEIDA, “A dinâmica e a realização do amor segundo o quarto evangelho” in *Itinerarium*, (Ano LXII, n.214, Janeiro-Abril 2016), p.82.

²⁵⁸ CDC 1118.

²⁵⁹ CDC 1119.

Ao primarmos pelo amor uno e indissolúvel no matrimónio, não queremos com isto saber se as pessoas encontram a sua felicidade no matrimónio uno e indissolúvel, todavia queremos apenas sublinhar que esta forma de viver o matrimónio oferece realmente as condições propícias para a instituição da família. Deste modo, ao oferecermos tais condições para a situação estável da família, conduz de certa forma a mais elevada felicidade²⁶⁰. Trata-se, portanto, de uma união feliz e duradoura, porque ao vivermos realmente o amor no matrimónio, o outro, quer seja esposo ou esposa, nunca poderá ser um simples objeto de prazer, mas só sujeito ou mais concretamente, no dizer de João Paulo II, “com-sujeito” do amor, pois a união do homem e da mulher exige um enquadramento adequado, no qual as relações sexuais são plenamente realizadas de modo a garantir uma união duradoura das pessoas²⁶¹.

Quando nos referimos a uma união duradoura e não apenas uma simples realização do prazer sexual, quer seja por parte do homem ou da mulher, queremos sublinhar, à luz das palavras de João Paulo II, que o matrimónio não é somente uma união espiritual, mas é também uma união material e terrena. A título de exemplo, tomemos a afirmação de Cristo aos saduceus (cf. Mt 22, 23-30) que lhe perguntavam qual seria a situação do matrimónio na ressurreição dos mortos: «aqueles que viverem de novo no seu corpo (espiritual) não tomarão mulher nem marido. O matrimónio está intimamente ligado à existência material e terrena do homem. Assim se explica, portanto, a sua dissolução com a morte de um dos dois cônjuges»²⁶². Uma vez estando livre, com a morte de um deles, o outro pode, obviamente, contrair um novo matrimónio. Embora seja realmente admitido e justificado que alguém possa casar novamente quando o seu parceiro ou parceira morre, diz-se amiúde que o facto de conservar a viuvez é digno dos maiores elogios, porque expressa melhor a união com a pessoa defunta²⁶³.

2.3 A procriação responsável

Uma vez unidos por amor, os cônjuges cristãos ao viverem o seu matrimónio são convidados a estar preparados para a procriação. Não se trata apenas de uma simples procriação, trata-se, portanto, de uma procriação responsável. E como no matrimónio cristão a riqueza de quem, realmente, ama é possuir aquilo que a pessoa amada lhe

²⁶⁰ Cf. B. HÄRING, *O matrimónio em nosso tempo*, p.299.

²⁶¹ Cf. K. WOJTYLA, *Amor e responsabilidade*, (Editorial razón y fé, Madrid 1979), p.199.

²⁶² K. WOJTYLA, *Amor e responsabilidade*, p.200.

²⁶³ Cf. K. WOJTYLA, *Amor e responsabilidade*, p.200.

oferece, podemos dizer que «a fecundidade máxima de quem ama consiste em estar preparado exclusivamente como recipiente para toda a semente fertilizante que provenha da pessoa amada»²⁶⁴.

Porém, não se trata apenas de gerar um filho, mas de dar a vida para que ele possa nascer com saúde e em condições dignas. Mas para isso é essencial que no sim ao serviço à vida os esposos compreendam que no matrimónio cristão tal sim implica estar disposto a criar todas as condições prévias para que os filhos oferecidos por Deus possam desenvolver-se de forma saudável²⁶⁵.

O matrimónio além de favorecer, antes de tudo, a existência do amor, funda-se no amor. Assim sendo, «um matrimónio em que não haja filhos, sem culpa dos esposos, conserva o valor integral da instituição. Sem dúvida, serve melhor o amor servindo a existência, tornando-se uma família»²⁶⁶.

Aliás tal como nos recorda o Papa Francisco, citando a GS 50, «o matrimónio não foi instituído só em ordem a procriação, conserva o seu valor como comunidade e comunhão de vida»²⁶⁷. Embora nas relações conjugais (entre o homem e a mulher) as duas ordens: a da natureza, cujo fim é a procriação, e a ordem das pessoas, que se exprime no amor e tende para a sua mais perfeita realização, se encontrem; elas não se podem separar, porque uma depende da outra²⁶⁸. Por isso é que «a procriação para ser realizada a um nível realmente humano e pessoal, não pode prescindir do amor. Um e outro estão baseados na escolha consciente das pessoas»²⁶⁹.

O Papa Francisco ao falar-nos da fecundidade nesta sua Exortação apresenta-nos dois caminhos principais: o da procriação (para aqueles que realmente podem ter filhos) e o da adoção (para aqueles que não podem ter filhos, mas gostavam de os ter). Segundo o Papa Francisco, «a adoção é caminho para realizar a maternidade e a paternidade de uma forma muito generosa»²⁷⁰. Por isso, ele encoraja aqueles que não podem ter filhos a alargar e a abrir o seu amor conjugal para receber quem está privado de um ambiente

²⁶⁴ J. C. PAREDES, *O que Deus uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, p.208.

²⁶⁵ Cf. B. HÄRING, *O matrimónio em nosso tempo*, p.343.

²⁶⁶ K. WOJTYLA, *Amor e responsabilidade*, p.208.

²⁶⁷ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 178.

²⁶⁸ Cf. K. WOJTYLA, *Amor e responsabilidade*, p.216.

²⁶⁹ K. WOJTYLA, *Amor e responsabilidade*, p.216.

²⁷⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 179.

familiar adequado²⁷¹. No seu ponto de vista «adotar é o ato de amor que oferece uma família a quem não a tem»²⁷².

Por causa destes dois caminhos indicados o Papa não fala apenas de fecundidade, prefere usar, nesta Exortação, o termo fecundidade alargada. Mas lembra-nos que «a procriação e a adoção não são as únicas maneiras de viver a fecundidade do amor. Mesmo a família com muitos filhos é chamada a deixar a sua marca na sociedade onde está inserida, desenvolvendo outras formas de fecundidade que são uma espécie de extensão do amor que as sustenta»²⁷³.

Deste modo, percebe-se claramente que a fecundidade é responsável quando ela se alarga, «traduzindo-se em mil e uma maneiras de tornar o amor de Deus presente na sociedade»²⁷⁴.

3. O amor que se manifesta e cresce

Atualmente vivemos num mundo onde se nota a falta de amor, pois colocam-se acima do amor outros valores, tais como a ciência, o poder, o dinheiro, prazer, etc, o que arrastou, conseqüentemente, o homem e a mulher atual para uma insatisfação e mal-estar profundos²⁷⁵. Por isso, torna-se importante, «se quisermos que o nosso mundo não sucumba por falta de amor entre os homens»²⁷⁶ que na família cada um dos seus membros seja realmente um «foco irradiante de amor»²⁷⁷, pois o amor é, tal como nos recorda João Paulo II, princípio e força de comunhão²⁷⁸. E a família, fundada e vivificada por este amor, é uma comunidade de pessoas capazes de viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas²⁷⁹; mas para que isto aconteça é necessário que o referido amor cresça e se manifeste no dia-a-dia.

O amor manifesta-se e cresce numa família, quando os seus membros se propõem a cultivar e a viver o amor de amizade. Tal cultivo do amor de amizade além de unificar todos os aspetos da vida matrimonial, ajuda também os membros da família a avançarem

²⁷¹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 179.

²⁷² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 179.

²⁷³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 181.

²⁷⁴ FRANCISCUS PP. II, *Amoris Laetitia*, 184.

²⁷⁵ Cf. R. FLORIDO, *A família comunhão de amor*, (Madrid 1994), p.169.

²⁷⁶ R. FLORIDO, *A família comunhão de amor*, p.169.

²⁷⁷ R. FLORIDO, *A família comunhão de amor*, p.169.

²⁷⁸ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 18.

²⁷⁹ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 18.

em todas as fases da vida²⁸⁰, isto é, a crescer. Embora notemos que hoje, em determinadas sociedades, muitos dos que amam expressem pouco amor a pessoa amada, é importante salientar que mesmo que o amor seja, antes de mais, uma atitude interior, a sua natureza pede que o manifestemos, pois «o amor puramente interno é incompleto, porque não satisfaz plenamente aquele que ama nem, sobretudo, aquele que é amado que, inclusivamente, pode sentir a amargura da solidão»²⁸¹.

Segundo o Papa Francisco, a manifestação do amor, numa família, dá-se de diversas maneiras por palavras ou gestos. Das várias palavras ou gestos existentes que o Papa Francisco considera importantes, destacam-se três: «com licença, obrigado e desculpa»²⁸². Estas palavras, denominadas pelo Papa Francisco de “palavras-chave”, são necessárias e fundamentais numa família²⁸³, porque por meio delas manifestamos e exprimimos o nosso amor.

Em relação a primeira palavra-chave, “com licença”, o Papa diz-nos que na convivência familiar ou matrimonial, ao entrarmos na vida do outro, mesmo quando faz parte da nossa existência, exige a delicadeza de uma atitude não invasiva, que renova a confiança e o respeito. Antes de fazer alguma coisa em família não nos devemos esquecer de dizer: com licença, posso fazer isso?²⁸⁴. Na segunda palavra-chave “obrigado”, o Papa constatando que «a gentileza e a capacidade de agradecer são vistas como um sinal de debilidade, e às vezes até chegam a suscitar desconfiança»²⁸⁵, aconselha-nos a evitar esta tendência dentro das famílias, e encoraja-nos a nos tornarmos intransigentes sobre a gratidão e o reconhecimento, pois «a gratidão é uma planta que só cresce na terra de almas nobres»²⁸⁶. Com efeito, esta nobreza de alma, que o Papa Francisco se refere, impele-nos a dizer obrigado. Por último, referindo-se à terceira palavra, “desculpa”, o Papa Francisco diz-nos que é, certamente, uma palavra difícil, mas é, sem dúvida, necessária. Se não soubermos pedir desculpa, quer isto dizer que também não seremos capazes de perdoar²⁸⁷. Na vida em família, particularmente na vida matrimonial, muitas vezes há desacordos, mas «nunca se deve terminar o dia sem fazer as pazes. A harmonia familiar restabelece-

²⁸⁰ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 133.

²⁸¹ R. FLORIDO, *A família comunhão de amor*, p.170.

²⁸² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 133.

²⁸³ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.62.

²⁸⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.63.

²⁸⁵ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, pp.63-64

²⁸⁶ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.63

²⁸⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.64.

se só com um pequeno gesto, ou uma coisinha»²⁸⁸. É evidente que isto não é fácil, mas é preciso agir deste modo, pois assim a vida será mais bonita²⁸⁹.

No uso destas três palavras-chave (com licença, obrigado e desculpa), o Papa aconselha-nos a não sermos mesquinhos, mas a sermos generosos repetindo-as no dia-a-dia²⁹⁰. Este percurso, de alimentar e fortalecer o nosso amor pelo uso destas três palavras-chave, realiza-se num caminho de contínuo crescimento²⁹¹.

Segundo o Papa Francisco, «o amor que não cresce, começa a correr perigo, e só podemos crescer correspondendo a graça divina com mais atos de amor, com atos de carinho mais frequentes, mais intensos, mais generosos, mais ternos, mais alegres»²⁹². Por isso, «é mais saudável aceitar com realismo os limites, os desafios e as imperfeições, e dar ouvidos ao apelo para crescer juntos, fazer amadurecer o amor e cultivar a solidez da união, suceda o que suceder»²⁹³; mas obviamente temos de estar preparados para que este amor cresça e se torne visível.

G. Irrazábal ao refletir sobre o quarto capítulo desta Exortação Apostólica do Papa Francisco, de modo particular sobre a temática do «amor que se manifesta e cresce»²⁹⁴, afirma que o amor é um caminho de crescimento permanente, que vai sempre do imperfeito ao perfeito, participando de um modo cada vez mais profundo no amor de Cristo, um ideal que não poderia alcançar-se exaustiva e instantaneamente, mas pode ser realizado real e progressivamente²⁹⁵. Na opinião de G. Irrazábal, ao abordar o ideal do amor verdadeiro, o Papa Francisco tem o cuidado de não cair num idealismo perfeccionista.

Certamente não se trata de uma abordagem nova, pois o Papa João Paulo II na *Familiaris Consortio*²⁹⁶ já havia formulado isto ao falar-nos «da historicidade do homem que está chamado a realizar o bem “passo a passo”»²⁹⁷. Mas ao contrário da *Familiaris Consortio*, na *Amoris Laetitia*, segundo G. Irrazábal, se nota uma intenção positiva de

²⁸⁸ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.64.

²⁸⁹ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.65.

²⁹⁰ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 133.

²⁹¹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 134.

²⁹² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 134.

²⁹³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 135.

²⁹⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 133-135.

²⁹⁵ Cf. G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia, un documento de transición?”, p.33.

²⁹⁶ Cf. IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 34.

²⁹⁷ G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia, un documento de transición”, p.33.

levar esta visão até as últimas consequências²⁹⁸. Portanto, desta reflexão podemos dizer à luz das palavras do Papa Francisco, que o ideal de crescer no amor é, realmente, um caminho que cada um dos membros da família deve descobrir. Esta descoberta implica, naturalmente, um certo discernimento por parte de cada pessoa.

3.1 Crescer na caridade conjugal

Em relação a esta temática, «crescer na caridade conjugal»²⁹⁹, o Papa Francisco retoma a reflexão já feita antes por ele na *Evangelii Gaudium*³⁰⁰, quando alude repetidas vezes a obrigação de prestar uma atenção cordial ao próximo, pois «aprender a amar supõe pensar, primeiro nos demais, e supõe também um trabalho permanente de purificação que corte com o amor próprio, o qual pode levar a consequências desastrosas se os cônjuges não lutam constantemente na própria abnegação»³⁰¹.

De acordo com o Papa Francisco, a fraternidade tem necessidade de ser descoberta, amada experimentada, anunciada e testemunhada³⁰², no dia-a-dia do casal e das famílias, sem olvidar, também, as demais pessoas com quem nos cruzamos no meio social em que nos encontramos. Esta atenção ao outro, quer seja por um pequeno gesto, faz com que ele se sinta valorizado, respeitado e acolhido, tornando-se próximo das pessoas.

Na vida matrimonial, uma das coisas que santifica os cônjuges é crescerem na caridade³⁰³, pois deste modo tornam-se mais próximos dos outros, não só aqueles que partilham a mesma fé, mas também aqueles que partilham uma outra fé, se assim podemos dizer. A este respeito, recordava-nos João Paulo II ao dizer-nos que «a caridade ultrapassa os próprios irmãos na fé, porque em cada um deles descobrimos o rosto de Cristo»³⁰⁴. Daí a importância de cultivá-la na vida em família.

Na *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco avança para esta temática (crescer na caridade conjugal) depois de se referir ao amor conjugal, baseando-se no hino de S. Paulo sobre a caridade (cf. 1Cor 13, 4-7). Citando S. Tomás de Aquino, o Papa Francisco diz-

²⁹⁸ Cf. G. IRRAZÁBAL, “Amoris Laetitia, un documento de trasiación”, p.33.

²⁹⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 120-122.

³⁰⁰ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, 209-216.

³⁰¹ E. FENOY – J. ABAD, *Amor y matrimonio*, p.107.

³⁰² Cf. J. R. ANDRÉS, “El hacerse prójimo del que sufre” in *Nova et Vetera* (Año XL, n.81-82, Enero-Diciembre 2016), p.26.

³⁰³ Cf. A. DHEILLY, *Amor e Sacramento*, (Lisboa 1963), p.109.

³⁰⁴ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 64.

nos que a caridade conjugal «é o amor que une os esposos, amor santificado, enriquecido e iluminado pela graça do matrimónio»³⁰⁵. Portanto, este amor que, segundo o hino de S. Paulo, tudo desculpa, confia, espera, tudo suporta, «é reflexo da aliança indestrutível entre Cristo e a humanidade que culminou na entrega até ao fim na cruz»³⁰⁶.

À luz deste amor de que nos fala S. Paulo no seu hino à caridade, podemos dizer que a família sendo o esteio da vida, a fonte de fortalecimento tem de estar segura e bem estruturada³⁰⁷, de tal modo que os cônjuges ao crescerem na caridade conjugal sejam capazes de transmitir tais ensinamentos aos seus filhos. Deste modo eles aprendem não só a amar-se em família, mas também a amar os outros.

3.2 A abertura ao diálogo

O amor conjugal, por ser realmente uma doação de uma pessoa à outra pessoa, exige, em primeiro lugar, diálogo. Na *Amoris Laetitia*, o Papa Francisco define o diálogo como «uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar»³⁰⁸. Mas não se trata apenas de um simples diálogo, de ter um conhecimento mútuo, trata-se, portanto, de dar-se. Um dar-se que supõe uma educação na oblação, um dar-se cada vez mais crescente, um ser cada vez mais generoso.

A doação ao outro, quando nos abrimos ao diálogo, é uma doação dinâmica e construtiva, que supõe, de antemão, ajudar o outro, dar-se a ele para que ele seja realmente ele mesmo, afim de que juntos consigam ter, no matrimónio, o mesmo ideal, que é, sem dúvida, viver o amor³⁰⁹. Porém é importante que se diga, honestamente, parafraseando as palavras de A. Hortelano citando Saint-Exupéry, que amar não é olhar “estupidamente” um para o outro para falar ou permanecer em silêncio, mas é olharem ambos na mesma direção, isto é, terem o mesmo ideal. No matrimónio ou mesmo na vida familiar, o mais importante é o diálogo sincero, pelo qual nos conhecemos em profundidade e nos ajudamos mutuamente a ser melhores pessoas³¹⁰.

Mas para que esta abertura ao diálogo seja profícua é preciso que se tenha algo para se dizer, o que, por sua vez, requer uma riqueza interior que se alimenta com a leitura,

³⁰⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 120.

³⁰⁶ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 120.

³⁰⁷ Cf. A. CAMPOS, *A família e a educação hoje*, (Lisboa 2003), p.63.

³⁰⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 136.

³⁰⁹ Cf. A. HORTELANO, *Eu e tu, comunidade de amor*, (Perpétuo Socorro, Porto 1970), p.85

³¹⁰ Cf. X. CARRERO - F. DIAZ, “O nosso matrimónio através da Exhortación Apostólica *Amoris Laetitia*” in *Encrucillada 201* (Xenero-febreiro 2017), p.67.

a reflexão pessoal, a oração e a abertura à sociedade³¹¹. De forma contrária a conversa torna-se aborrecida e inconsistente. Segundo o Papa Francisco, «quando cada um dos cônjuges não cultiva o próprio espírito e não há uma variedade de relações com outras pessoas, a vida familiar torna-se endogâmica e o diálogo fica empobrecido»³¹².

³¹¹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 141.

³¹² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 141.

III CAPÍTULO: O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO FONTE DE CRESCIMENTO E ALEGRIA ESPIRITUAL

O convite a crescer e a aperfeiçoar cada vez mais o amor nas famílias continua a ser feito não só pelos agentes de pastoral e seus intervenientes, mas também pela Igreja que propõe a união dos cônjuges pelo sacramento do matrimónio. Isto porque «o verdadeiro laço entre os cônjuges é o sacramento do matrimónio. Deste modo, o esforço pessoal realizado no amor do cônjuge é a verdadeira riqueza que fará crescer a sua comunidade espiritual»³¹³.

O sacramento do matrimónio como fonte de crescimento e alegria espiritual, tal como alude o Papa Francisco nesta sua Exortação, aperfeiçoa o amor dos cônjuges. Tal aperfeiçoamento é feito por meio da palavra de Deus que é fonte de vida e espiritualidade para a família³¹⁴.

A vivência deste sacramento à luz da palavra de Deus, que exige discernimento nas situações mais diversificadas³¹⁵, faz dos esposos pessoas capazes de viver e testemunhar o amor – que os uniu e os fez sair dos seus egoísmos para se tornarem num só (cf. Gn 1, 24; Mt 19,6) – mesmo diante dos desafios que possam enfrentar no seu dia-a-dia. Isto porque a palavra de Deus, tal como nos recorda o Sínodo Ordinário dos Bispos, «não é apenas uma boa nova para a vida particular das pessoas, mas é também um critério de juízo e uma luz para o discernimento dos vários desafios que os cônjuges e as famílias devem enfrentar»³¹⁶.

Nesta abordagem sobre o matrimónio como fonte de crescimento e alegria espiritual, teremos em conta três perspetivas importantes que o Papa Francisco nos propõe na *Amoris Laetitia*: espiritual, pastoral e missionária. A nossa reflexão irá desenvolver-se a partir destas três perspetivas, que a nosso ver, evidenciam bastante aquilo que é o pensamento do Papa Francisco sobre o matrimónio.

³¹³ A. DHEILLY, *Amor e matrimónio*, (Lisboa 1963), p.125.

³¹⁴ Cf. RELATIO FINALIS 2015, 80.

³¹⁵ Cf. RELATIO FINALIS 2015, 81.

³¹⁶ RELATIO FINALIS 2015, 80.

1. Perspetiva Espiritual

Tendo como objetivo principal a felicidade e o bem-estar dos cônjuges, a Igreja interessa-se pelo ser humano, pela pessoa e pelo seu desenvolvimento. Por isso, podemos dizer que é seletiva, em certo sentido, e esta seleção manifesta-se vivamente no modo de encarar o matrimónio, porque o que, em primeiro lugar, ela vê nele, não é o bem social, a comunidade familiar, a estabilidade da classe, mas os esposos, destinados a uma felicidade eterna e para os quais a união conjugal deve ser um caminho para a salvação³¹⁷.

Na perspetiva espiritual, é graças ao matrimónio que o amor se torna “caminho” de salvação. Deste modo, procurar viver e testemunhar o amor no matrimónio, torna-se uma exigência para os cônjuges, pois a salvação e a santidade de ambos exige que procedam desta maneira.

1.1 A espiritualidade da Comunhão matrimonial

Ao falarmos da espiritualidade da comunhão matrimonial estamos a centrar-nos na família e nas suas relações com o Senhor. Trata-se, portanto, de um encontro que congrega e que forma comunhão. E «como forma de comunhão suprema no mundo, a comunhão conjugal é fonte de comunhão e cria comunhão à sua volta»³¹⁸. Pois, de acordo com a bela expressão medieval - *amor est diffusivus sui* - o amor tende a difundir-se, a comunicar-se em todo redor³¹⁹. Por isso, «a primeira forma de comunhão em que se pensa é a família, que no matrimónio encontra o seu fundamento»³²⁰. Segundo o Papa Francisco, «a comunhão familiar bem vivida é um verdadeiro caminho de santificação na vida ordinária e de crescimento místico, um meio para a união íntima com Deus»³²¹. Uma vez que «a espiritualidade do amor familiar é feita de milhares de gestos reais e concretos»³²², podemos dizer, de acordo com o Papa Francisco, que «as exigências fraternas e comunitárias que se vivem em família são uma ocasião para abrir cada vez mais o coração tornando possível um encontro sempre mais pleno com o Senhor»³²³.

Com efeito, «a convicção de que a comunhão matrimonial deve ser fiel e monogâmica, mais do que a nível intelectual, reconhecemo-la inscrita no coração de cada

³¹⁷ Cf. J. LECLERCO, *O matrimónio cristão*, (Coleção Éfeso, Lisboa 1963), p.39.

³¹⁸ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.144.

³¹⁹ Cf. G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.144.

³²⁰ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.144.

³²¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 316.

³²² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 315.

³²³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 316.

pessoa que ama, e está presente em cada experiência de amor autêntico, pois a união físico-psíquico-espiritual do matrimónio atinge uma tal plenitude e profundidade, que açambarca a pessoa de um modo total e em todas as suas dimensões»³²⁴.

A comunhão conjugal é, de certa forma exclusiva; pois de acordo com a monogamia requerida pela instituição matrimonial, «os esposos, no matrimónio, assumem o desafio e o anseio de envelhecer e gastar-se juntos»³²⁵, porque só podem escolher uma única pessoa para juntos formarmos uma família. Mas «isto não significa que a comunhão matrimonial deva isolar os cônjuges do contexto humano e impedi-los de amarem os outros; pelo contrário, a comunhão matrimonial deve ser vista como uma escola de amor e como fonte de um maior amor a todos»³²⁶. O que, à luz das palavras do Papa Francisco, significa que «com a profundidade e a totalidade que está no próprio conceito de comunhão conjugal, só podemos estar ligados a uma única pessoa»³²⁷, isto, por sua vez, quer dizer que um homem só pode estar unido a uma única mulher e a mulher a um único homem.

Com efeito, «esta firme decisão que marca um estilo de vida, é uma “exigência interior do pacto do amor conjugal”»³²⁸. Deste modo, percebe-se claramente que «a monogamia, enquanto tal, não é algo imposto do exterior ao matrimónio, todavia é uma exigência intrínseca ao amor e à comunhão conjugal, que se reflete, depois, na instituição do matrimónio»³²⁹.

Deste modo, «o casal é chamado a ser coerente consigo mesmo, a realizar no tempo uma decisão tomada livremente, a ser fiel a uma palavra dada»³³⁰; pois «é no amor dos cônjuges entre si que floresce o próprio laço de amor entre pais e filhos, fruto dessa comunhão»³³¹. Do mesmo modo, também, se pode dizer do amor que unirá os filhos uns aos outros, isto é, a comunhão entre os irmãos e irmãs, e assim por diante, alargando-se outrossim às outras pessoas que se juntam à família por diversos motivos: quer seja por

³²⁴ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.136.

³²⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 319.

³²⁶ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, pp.136-137.

³²⁷ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, pp.136-137.

³²⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 319.

³²⁹ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.137.

³³⁰ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, pp.137-138.

³³¹ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.146.

motivos de trabalho, quer através da prática da hospitalidade, ou graças à adopção ou ao casamento³³².

Na verdade, «a comunhão conjugal, é uma realidade dinâmica, susceptível, portanto, de crescimento ou de diminuição»³³³. Por isso, é dever dos esposos fazer com que ela cresça e se abra obviamente ao futuro. Isto, portanto, pressupõe um caminho espiritual que exige de cada um dos esposos um certo despojamento interior³³⁴.

Em relação a comunhão conjugal vista como um dever confiado aos esposos, G. Cereti dirá o seguinte:

«Esta visão da comunhão conjugal como um dever confiado aos esposos ajuda-nos a enfrentar um dos problemas mais sérios da ética contemporânea: o de encontrar um critério que ajude a avaliar a moralidade do comportamento na vida conjugal, inclusive a vida íntima. De facto, é verdade que a intimidade conjugal, a alegria, digamos também o prazer, são importantes para o crescimento de uma tal comunhão, como, por outro lado, para o mesmo crescimento harmonioso e equilibrado da pessoa. Também é verdade que um comportamento egoísta, que não respeita o outro, violento, constitui, pelo contrário, um obstáculo ao florescimento da comunhão conjugal»³³⁵.

Por conseguinte, percebe-se a partir desta visão que «a comunhão matrimonial, de facto, é um dom, mas é ao mesmo tempo o fruto de um empenhamento que acompanha os esposos todos os dias da sua vida»³³⁶. Daí a necessidade de fortalecer o crescimento desta comunhão conjugal que os esposos no matrimónio são chamados a viver. No matrimónio, «cada um é confiado ao outro, como tesouro precioso, como planta cujo crescimento e florescimento devem ser rodeados de todo o cuidado»³³⁷.

1.2 A espiritualidade da solícita misericórdia

No seu apelo à misericórdia, o Papa Francisco chama atenção ao laxismo e ao rigorismo. Segundo G. Piana, deste seu apelo «deriva a capacidade de atenção a prestar às limitações e a debilidade humana e, a partir daí, toma corpo um modelo ético, que dá lugar à mediação entre objeto e sujeito, entre ideal e realidade»³³⁸. Trata-se, portanto, de «um modelo que, superando a tentação do rigorismo como a do laxismo, e não ignorando

³³² Cf. G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.146.

³³³ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.158.

³³⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Latitia*, 320.

³³⁵ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.159.

³³⁶ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.160.

³³⁷ G. CERETI, *Amor, amizade, matrimónio*, p.160.

³³⁸ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, pp.10-11.

a importância fundamental da graça, faz sua a busca do “bem possível” no concreto das várias situações humanas»³³⁹. Portanto, supera-se a multiplicação de normas e pauta-se pelo exercício de um discernimento correto que possa ajudar as famílias nas situações de conflito. No fundo, o Papa Francisco quer dizer que «as normas gerais não podem abranger todas as situações, deixando por isso sempre pendentes vários casos emergentes, até à consideração de que a avaliação da atuação deve ser feita com base, não na sua conformidade com a lei, mas na fidelidade a Deus na vida concreta»³⁴⁰.

Segundo C. Schönborn na *Amoris Laetitia* o Papa Francisco «busca integrar todos porque cada um necessita de misericórdia, até em um casamento no qual tudo está bem, também necessitam do perdão e de um novo início»³⁴¹. Esta preocupação do Papa Francisco pela “humanidade ferida e marcada por feridas profundas” que necessita da misericórdia, da qual Jesus Cristo é o rosto do Pai³⁴², vem certamente sublinhar a importância da misericórdia divina para a humanidade, particularmente a humanidade contemporânea³⁴³.

A misericórdia de Deus «é a expressão da fidelidade de Deus, inclusive para com o pecador; mas isso não significa que não leve a denunciar o pecado ou que não tenha por objetivo suscitar a conversão»³⁴⁴. Ao se referir ao pecador que necessita da misericórdia divina para mudar de vida e do corrupto, que pelo contrário, se autojustifica, o Papa Francisco diz o seguinte:

«a corrupção é o pecado que, em vez de ser reconhecido como tal e de nos tornar humildes, é elevado a sistema, se torna um hábito mental, uma maneira de viver. Já não nos sentimos necessitados de misericórdia, mas justificamo-nos a nós próprios e aos nossos comportamentos. O pecador arrependido, que depois cai e volta a cair devido a sua debilidade, encontra novamente perdão e se reconhece necessitado de misericórdia. O corrupto, pelo contrário, é aquele que peca e não

³³⁹ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, pp.10-11.

³⁴⁰ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.11.

³⁴¹ Palavras de C. SCHÖNBORN na apresentação da *Amoris Laetitia*, Cf. www.acidigital.com. (Consultado no dia 28 de Junho de 2017).

³⁴² Cf. FRANCISCUS PP., *Bula Misericordiae Vultus*, in *AAS* 107 (2015), 1.

³⁴³ Cf. R. REPOLE, “Por uma Igreja à medida do Evangelho. A eclesiologia no ministério do Papa Francisco”, in G. RAVASI (Cord.), *Papa Francisco. Que teologia*, (Paulinas Editora, Itália 2017), pp.82-83.

³⁴⁴ R. REPOLE, “Por uma Igreja à medida do Evangelho. A eclesiologia no ministério do Papa Francisco”, p.83.

se arrepende, aquele que peca e finge ser cristão, e que, com a sua vida dupla se escandaliza»³⁴⁵.

Nesta espiritualidade da solícita misericórdia, o Papa propõe que se assuma a misericórdia como critério de avaliação do comportamento das famílias. Ao referir-se à hierarquia das virtudes propostas por S. Tomás de Aquino, o Papa Francisco recorda-nos que «a misericórdia é a maior das virtudes morais, pois pertence, antes de mais a Deus, e constitui o elemento no qual se manifesta, de modo especialíssimo, a onipotência divina enquanto onipotência no amor»³⁴⁶.

No seu ponto de vista, «a misericórdia não deve ser confundida com uma atitude flexível ou indulgente, que acaba por incorrer em posturas laxistas; ela é, na sua aceção mais profunda, a expressão mais alta do amor»³⁴⁷. Esta virtude da misericórdia «confere à proposta da radicalidade evangélica o seu verdadeiro sentido, a sua conformidade com a atuação de Deus, que apela ao pecador para que saia da situação em que vive, oferecendo-lhe a possibilidade da conversão»³⁴⁸.

Na opinião de G. Piana, o Papa Francisco ao falar-nos da misericórdia - particularmente na *Misericordia Vultus*³⁴⁹ - é claro em afirmar com veemência que «a misericórdia não é contrária à justiça, mas exprime o comportamento de Deus para com o pecador, oferecendo-lhe uma nova possibilidade de se arrepender, de se converter e de acreditar»³⁵⁰. Mas também é importante referir à luz desta reflexão que:

«a justiça por si só, não é suficiente, pois, a experiência mostra que, limitando-se a apelar para ela, corre-se o risco de destruí-la. Por isso Deus com a misericórdia e o perdão, vai além da justiça. Isso, por sua vez, não significa desvalorizar a justiça ou torná-la supérflua. Antes pelo contrário; pois Deus não rejeita a justiça, Ele engloba-a e supera-a num evento superior onde se experimenta o amor, que constitui o fundamento de uma verdadeira justiça»³⁵¹.

Assim sendo, para que o evangelho de Cristo possa continuar a ressoar hoje, é fundamental que a Igreja seja misericordiosa e se dirija, em primeiro lugar as famílias,

³⁴⁵ R. REPOLE, “Por uma Igreja à medida do Evangelho. A eclesiologia no ministério do Papa Francisco”, p.87.

³⁴⁶ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.154.

³⁴⁷ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.156.

³⁴⁸ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.157.

³⁴⁹ Cf. FRANCISCUS PP., *Misericordiae Vultus*, 21.

³⁵⁰ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.157.

³⁵¹ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.157.

particularmente as famílias mais fragilizadas³⁵², de tal modo que este evangelho da misericórdia, de que nos propõe o Papa Francisco, continue a suscitar alegria³⁵³ no seio das famílias.

2. Perspetiva Pastoral

No complexo contexto da pastoral matrimonial, o Papa Francisco propõe uma pastoral “graduada” tendo em conta as situações concretas de cada casal, especialmente aqueles casais que não respondem plenamente ao ideal cristão do matrimónio³⁵⁴.

À luz desta proposta do Papa Francisco, nesta perspetiva pastoral teremos em conta três temáticas relativas a vivência matrimonial e ao bem-estar da família em situações de “fragilidade”. Na primeira temática, iremos apresentar a proposta do Papa Francisco sobre a fidelidade matrimonial. Na segunda debruçar-nos-emos, à luz das palavras do Papa Francisco, sobre a relação entre pais e filhos, ou seja, sobre a educação dos filhos. Na terceira e última, que é a dinâmica: discernir, acompanhar e integrar, a nossa reflexão girará a volta das famílias em situações irregulares ou de fragilidade como diz o Papa Francisco.

2.1 A fidelidade matrimonial

Como pacto de aliança conjugal que tem origem no amor livre e desinteressado de um homem e uma mulher, o matrimónio deve desenvolver-se não só em amor oblato e renovado, mas também em amor fiel³⁵⁵. Com efeito, «pela sua íntima estrutura de amor conjugal plenamente humano que empenha toda a pessoa na sua “totalidade unificada” de espírito e de corpo»³⁵⁶ uma das notas e exigências específicas que o matrimónio possui – além da unidade, indissolubilidade e fecundidade – é a fidelidade³⁵⁷. Os valores recebidos no ambiente familiar que valorizam a fidelidade conjugal, ajudam-no a pô-la em prática se formos coerentes e responsáveis na vida conjugal.

No matrimónio, quem se entrega a si mesmo nas mãos de outra pessoa, para juntos serem “um só”, já não se pertence a si mesmo, mas ao outro; ou seja, os dois passam a

³⁵² G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.89.

³⁵³ Cf. FRANCISCUS PP., *Litterae Apostolica Misericordia et Misera*, in AAS 108 (2016), 3.

³⁵⁴ Cf. N. BLÁZQUEZ, “La Exhortación Apostólica Amoris Laetitia. El amor en la familia”, in *Studium*, (Vol. LVI, fasc. 2, 2016), p.262.

³⁵⁵ Cf. E. SUMBELELO, *A constituição do dote e as suas implicações na pastoral familiar*, (Secretariado diocesano de pastoral – Uíge, Angola 2010), p.83.

³⁵⁶ E. SUMBELELO, *A constituição do dote e as suas implicações na pastoral familiar*, p.83.

³⁵⁷ Cf. E. SUMBELELO, *A constituição do dote e as suas implicações na pastoral familiar*, pp.83-84.

ser um só, na medida em que um pertence ao outro. Isto porque, o compromisso matrimonial expressa a decisão real e efetiva de transformar dois caminhos num só³⁵⁸. Por isso, é que o laço da fidelidade matrimonial está orientado, em virtude da sua natureza interna, à ser exclusivo e definitivo³⁵⁹. Este laço de fidelidade matrimonial, pela sua essência, não é um jugo imposto aos cônjuges de tal modo que os prive da liberdade, mas a suma realização da liberdade³⁶⁰. Pois uma promessa de fidelidade pronunciada com plena liberdade é algo que se insere permanentemente na história dos seres humanos. Segundo W. Kasper, trata-se já de uma determinação ontológica de tipo intersubjetivo, operada em e pela liberdade, pela qual os dois seres humanos, em e mercê da sua união, alcançam o seu “estado” definitivo³⁶¹. Deste modo, a fidelidade matrimonial não só constitui um sinal que se refere a algo acima de si, mas é já uma participação na fidelidade de Deus. Tendo em conta esta reflexão de W. Kasper, podemos dizer que, os esposos ao aceitarem-se mutuamente e de uma forma tão definitiva e incondicional a viver o seu matrimónio em fidelidade, estão conscientes de que a fidelidade matrimonial constitui o lugar de uma possível experiência de transcendência³⁶².

Na verdade, se tivermos em conta as referências veterotestamentárias, verificamos que a fidelidade matrimonial aparece como uma imagem da fidelidade de Deus a aliança selada com o seu povo. Daí o adultério ser apresentado como efeito e símbolo da infidelidade para com Deus (cf. Os 4,2; Jer 3,6s; 7,9; Ez 23)³⁶³. Deste modo, podemos dizer que o adultério não implica primariamente uma transgressão sexual, mas implica uma transgressão contra o seu ser em Cristo³⁶⁴.

A fidelidade conjugal exige dos esposos, ou daqueles que pretendem contrair o sacramento do matrimónio, uma preparação, ou aprofundamento da vida conjugal³⁶⁵. Quem, por exemplo, dias antes do matrimónio dá lugar a desejos impuros ou mesmo adúlteros, podemos dizer que não está bem preparado para viver a fidelidade conjugal³⁶⁶. Porque ainda não conseguiu desfazer-se das suas andanças mesmo sabendo que está

³⁵⁸ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 132.

³⁵⁹ Cf. W. KASPER, *Teologia del matrimonio cristiano*, (Editorial Sal Terrae, Santander 1980), p.65.

³⁶⁰ Cf. W. KASPER, *Teologia del matrimonio cristiano*, pp.35-36.

³⁶¹ Cf. W. KASPER, *Teologia del matrimonio cristiano*, p.36.

³⁶² Cf. W. KASPER, *Teologia del matrimonio cristiano*, pp.36-37.

³⁶³ Cf. W. KASPER, *Teologia del matrimonio cristiano*, p.66.

³⁶⁴ Cf. W. KASPER, *Teologia del matrimonio cristiano*, p.70.

³⁶⁵ Cf. A. SPADARO, “Estrutura e significado da Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Amoris Laetitia* do Papa Francisco”, in *Brotéria* 182 (2016), p.234.

³⁶⁶ Cf. B. HÄRING, *O matrimónio no nosso tempo*, p.327.

prestes a viver com a sua esposa. Portanto, o jovem ou a jovem que pretende viver a fidelidade conjugal, deve saber, oportunamente, que a castidade e a força de vontade são pressupostos para o sucesso do amor conjugal. Mas por outro lado, deve saber que o amor de Deus e do próximo é, desde o princípio, um pressuposto basilar de uma força de vontade e de uma castidade plena de sentido³⁶⁷. Neste sentido, só podemos esperar uma fidelidade duradoura se o amor conjugal, ao mesmo tempo que informa e domina for capaz de exceder o sexual. Portanto, a partir do sacramento do matrimónio, é importante que os cônjuges tenham consciência de que a fidelidade constante exige sacrifício, renúncia constante, pois o modelo do matrimónio sacramental, o amor entre Cristo e a Igreja, está realmente fundamentado na cruz de Cristo³⁶⁸.

Numa das suas catequeses, o Papa Francisco fala-nos da fidelidade partindo de uma constatação que ele faz da realidade atual; segundo ele, nos nossos dias a honra da fidelidade parece muito enfraquecida, por duas razões: «por um lado, porque um direito mal compreendido de procurar a própria satisfação, a qualquer preço e em qualquer relação, é exaltado como um princípio inegociável de liberdade. Por outro, porque os vínculos da vida de relação e do compromisso pelo bem comum se confiam exclusivamente à constrição da lei»³⁶⁹. Apesar destas duas razões, ele diz-nos que olhando bem para a realidade «ninguém quer ser amado só pelos seus próprios bens nem por obrigação, pois o amor, assim como a amizade, devem a sua força e beleza precisamente a este facto: que gerem um vínculo sem privar a liberdade»³⁷⁰. Isto porque, ao contrário daquilo que muitos pensam, «liberdade e fidelidade não se opõem uma à outra, aliás, apoiam-se reciprocamente, nas relações quer interpessoais, quer sociais»³⁷¹.

Segundo o Papa Francisco, a fidelidade «é uma promessa de compromisso que se autorrealiza, crescendo na obediência livre à palavra dada; é uma confiança que “quer” ser realmente partilhada, e uma esperança que “quer” ser cultivada em conjunto»³⁷². Desta definição, percebe-se claramente que a promessa que os casais são chamados a viver na vida matrimonial «não se pode vender nem comprar»³⁷³, porque o honrar à palavra dada não é visto por eles como uma obrigação forçada, nem como uma imposição que lhes é

³⁶⁷ Cf. B. HÄRING, *O matrimónio no nosso tempo*, p.327.

³⁶⁸ Cf. B. HÄRING, *O matrimónio no nosso tempo*, p.327.

³⁶⁹ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.119.

³⁷⁰ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, pp.119-120.

³⁷¹ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.120.

³⁷² FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.120.

³⁷³ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.120

feita, fazem-no por livre vontade. Aliás «nenhuma lei pode impor a beleza e a herança deste tesouro da dignidade humana, se o vínculo pessoal entre amor e geração não for escrito na nossa carne»³⁷⁴. Portanto, esta confiança que os casais depositam um no outro ajuda-os a crescer cada vez mais no amor que são chamados a viver e a testemunhar em família, porque «nenhuma escola pode ensinar a verdade do amor, se a família não o fizer»³⁷⁵.

Deste modo, «a ação do amor que corajosamente luta pela salvação de um matrimónio em perigo é sinal não só de um grande amor, mas também de um alto grau de liberdade»³⁷⁶; isto porque «quem permanece fiel ao seu ideal e ao seu amor na hora da tentação mostra, sem dúvida, uma liberdade incomparavelmente mais elevada e mais nobre do que aquele que se entrega simplesmente à tentação»³⁷⁷. Assim sendo, é importante recordar que o amor que une os casais no matrimónio, «é fruto da relação de reconhecimento e que essa relação enquanto instituição de vínculos constituídos por uma relação gratuita de liberdades, implica inevitavelmente um componente fiduciário na interação com os outros»³⁷⁸. Portanto, é esta relação de confiança e entrega recíproca que os casais cristãos unidos pelo sacramento do matrimónio são chamados a viver.

2.2 A dinâmica: discernir, acompanhar e integrar

Atento e preocupado com a situação das famílias, o Papa Francisco apresenta-nos por meio destes três verbos – discernir, acompanhar e integrar – os caminhos pastorais que devem orientar e conduzir não só a Igreja e os seus agentes e intervenientes pastorais, mas também a família, particularmente o casal, a um profundo encontro pessoal com o Senhor.

Na apresentação da *Amoris Laetitia*, o cardeal C. Schönborn destacava o discernimento e o acompanhamento, como critérios que devem orientar a leitura desta Exortação. Mas tal discernimento – dizia ele – «nunca poderá prescindir das exigências da caridade da Igreja»³⁷⁹, o que, a nosso ver, pressupõe, de certo modo, a integração.

³⁷⁴ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, pp.120-121.

³⁷⁵ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.121.

³⁷⁶ B. HÄRING, *O matrimónio no nosso tempo*, p.328.

³⁷⁷ B. HÄRING, *O matrimónio no nosso tempo*, p.328.

³⁷⁸ R. C. FORNASIER, “Linhas para uma hermenêutica do fenómeno familiar em contexto social e eclesial”, in *REB*, (Vol. 76, n. 302, Abril-Junho 2016), p.327.

³⁷⁹ Cf. www.acidigital.com (Consultado no dia 28 de Junho de 2017).

Toda a abordagem pastoral sobre o matrimónio e a família não pode abdicar desta tríade: discernir, acompanhar e integrar. Porém, notamos que destes três verbos o que mais se destaca é o “discernir, porque é através dele que se consegue acompanhar e integrar as famílias, quaisquer que sejam as situações em que se encontram³⁸⁰. Portanto, na ação pastoral é importante que não se desconheçam as realidades que atravessam as famílias; porque é conhecendo tais realidades que a ação pastoral estará em contacto com as necessidades e os problemas concretos das famílias³⁸¹.

Numa família, às vezes, nunca é fácil discernir corretamente, porque o discernimento exige de nós muita sabedoria, o que «implica descobrir aquilo que é, realmente, bom para nós, aquilo que é melhor, o melhor, o que vem de Deus, o que leva aos irmãos e pôr-se ao serviço dos irmãos»³⁸². Certamente muitos gostam de um bom discernimento. Mas como nem sempre isso acontece³⁸³, dada a sua exigência; é importante termos presente algumas orientações do Papa Francisco relativas ao discernimento correto.

O Papa apresenta-nos três critérios para um discernimento correto³⁸⁴. O primeiro critério para um discernimento correto é «o abandono da tendência para a multiplicação de preceitos, atendo-nos aquilo que é verdadeiramente essencial e tomando devidamente em conta as mudanças culturais ocorridas, e incentivando a consciência de cada um a levar a cabo um discernimento pessoal em vez de se ajustar aos quadros normativos a partir do exterior»³⁸⁵. Em relação a este critério, o Papa Francisco, já na *Evangelii Gaudium*³⁸⁶ falava-nos destes aspetos ao afirmar que na aplicação de algumas normas ou preceitos eclesiais é importante «agir com moderação para não tornar pesada a vida dos fiéis, nem transformar a nossa religião numa escravidão, quando a misericórdia de Deus quis que fosse livre»³⁸⁷.

³⁸⁰ Cf. G. S. ROJAS, “Amoris Laetitia y la centralidade de la familia”, in *Revista Teológica Limense*, (Vol. L, n. 2, 2016), pp.180-183.

³⁸¹ Cf. L. OLAGUIBE, “Comentários a la Exhortación Apostólica Amoris Laetitia: capítulo VI «algunas perspectivas pastorales» de S. S. Papa Francisco”, in *Medellin*, (Vol. LXII, n. 165, Mayo-Agosto 2016), p.353.

³⁸² A. A. PORTUGAL, “O discernimento espiritual: acompanhar e ser acompanhado”, in *Revista de Espiritualidade*, (Ano XXV, ns. 97-98, Janeiro-Junho 2017), pp.3-4.

³⁸³ Cf. A. A. PORTUGAL, “O discernimento espiritual: acompanhar e ser acompanhado”, pp.3-4.

³⁸⁴ Cf. G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, pp.158-162.

³⁸⁵ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.158.

³⁸⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, 43.

³⁸⁷ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.159.

Quanto ao segundo critério, o Papa Francisco apresenta-nos como importante a «necessidade de ter em conta a presença de uma hierarquia das virtudes, tendo o cuidado de não as colocar todas no mesmo nível, e de proceder, onde quer que haja conflitos entre elas, a um sério discernimento baseado na prioridade atribuída à virtude que detém o primado sobre as outras virtudes»³⁸⁸.

O terceiro e último critério remete-nos para uma avaliação da atuação³⁸⁹. Nesta avaliação, o que conta não é aquilo que está, digamos assim, em conformidade com a lei, «mas a capacidade de uma plena fidelidade a Deus na existência concreta»³⁹⁰. É importante que não nos esqueçamos que a passagem das normas gerais ao caso particular agrava o estado de indeterminação. A este respeito tenhamos presente estas considerações do Papa Francisco:

«É mesquinho deter-se a considerar apenas se o agir de uma pessoa corresponde ou não a uma lei ou norma geral, porque isto não basta para discernir e assegurar uma plena fidelidade a Deus na existência concreta do ser humano. Peço encarecidamente que nos lembremos sempre de algo que ensina S. Tomás de Aquino e aprendamos a assimilá-lo no discernimento pastoral: “Embora nos princípios gerais tenhamos o carácter necessário, todavia à medida que se abordam os casos particulares, aumenta a indeterminação [...]. No âmbito da ação, a verdade ou a retidão prática não são iguais em todas as aplicações particulares, mas apenas nos princípios gerais; e, naqueles onde a retidão é idêntica nas próprias ações, esta não é igualmente conhecida por todos. [...] quanto mais se desce ao particular, tanto mais aumenta a indeterminação” (Summa theologiae I-II, q. 94, art. 4.). É verdade que as normas gerais apresentam um bem que nunca se deve ignorar nem transcurar, mas na sua formulação, não podem abarcar absolutamente todas as situações particulares. Ao mesmo tempo é preciso afirmar que, precisamente por esta razão, aquilo que faz parte de um discernimento prático de uma situação particular não pode ser elevado à categoria de norma. Isto não só geraria uma casuística insuportável, mas também colocaria em risco valores que se devem preservar com particular cuidado»³⁹¹.

Destas considerações do Papa Francisco sobre as normas e o discernimento, merece, na opinião de G. Piana, particular destaque, por um lado - «a afirmação de que as normas gerais não estão em condições de abarcar todas as situações; ou seja, de que existem casos emergentes que constituem exceções e que, por isso, não podem ser

³⁸⁸ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.159.

³⁸⁹ Cf. G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.159.

³⁹⁰ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.159.

³⁹¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 304.

confrontados com a norma»³⁹² - e por outro lado, «o reconhecimento de que aquilo que é definido mediante um juízo prático referido a uma situação particular não pode ser elevado a norma geral»³⁹³. Portanto, estas duas indicações de G. Piana, tiradas das considerações do Papa Francisco, «constituem um dado precioso não só para a avaliação dos comportamentos, mas também na aplicação de decisões inspiradas na busca do bem»³⁹⁴ ao qual nunca se deve renunciar.

Ao enumerar estes critérios, o Papa Francisco tem como preocupação propor uma visão positiva da experiência moral de tal modo que ela não caia em estereis recriminações ou em juízos apocalípticos, que ofuscam a beleza da mensagem evangélica³⁹⁵. Com base nestes critérios, acima referidos, o Papa Francisco pretende «avaliar certos comportamentos, pondo em destaque, o que realmente conta e evitando cair numa casuística sufocante»³⁹⁶, isto porque, no seu ponto de vista, «o discernimento deve ajudar a encontrar os caminhos possíveis de resposta a Deus e de crescimento no meio dos limites»³⁹⁷ próprios da natureza humana. Deste modo, podemos dizer à luz das palavras do Papa Francisco na *Amoris Laetitia*, que o discernimento deve ser uma referência constante na vivência do matrimónio cristão³⁹⁸. Ao fazer este convite as famílias, o Papa Francisco tem como intenção ajudar as famílias a ter um olhar atento sobre a vida, a ter consciência e a reconhecer o que se passa, para poder agir e decidir bem. Mas para que isso aconteça, é necessário que as famílias se coloquem diante da palavra de Deus³⁹⁹, pois é através da relação com Deus que elas poderão discernir bem.

Em relação ao acompanhamento das famílias em situações irregulares, o Papa Francisco propõe que se empreenda uma forma de discernimento que envolva não só cada um dos membros da família, mas também a comunidade e, nela, os pastores que têm a missão de fornecer os instrumentos adequados para uma avaliação o mais correta possível⁴⁰⁰. Parece-nos que a insistência do Papa Francisco ao propor que se empreenda uma forma de discernimento as famílias, vai na linha de apelar a um acompanhamento

³⁹² G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.160.

³⁹³ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.161.

³⁹⁴ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.161.

³⁹⁵ Cf. G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.158.

³⁹⁶ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.158.

³⁹⁷ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 305.

³⁹⁸ Cf. G. S. ROJAS, “Amoris Laetitia y la centralidade de la familia”, pp.172-173.

³⁹⁹ Cf. D. CUNHA, *Pensar e decidir em família. O discernimento à luz da Amoris Laetitia*, (Paulus Editora, Lisboa 2017), pp.14-15.

⁴⁰⁰ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.197.

que possa integrar as famílias na vida da Igreja e a fazer com elas um caminho⁴⁰¹. Segundo o Papa, «o caminho da Igreja, desde o Concílio de Jerusalém em diante, é sempre o de Jesus: o caminho da misericórdia e da integração. O caminho da Igreja é o de não condenar eternamente ninguém; derramar a misericórdia de Deus sobre todas as pessoas que a pedem com o coração sincero»⁴⁰². Assim sendo, podemos dizer que a preocupação da Igreja sempre foi a qualidade das relações no âmbito da família⁴⁰³.

O Papa Francisco convida-nos a estarmos atentos a complexidade das diversas situações em que se encontram as famílias. O apelo é feito no sentido de integrar todos, ajudar as pessoas a encontrarem «a sua própria maneira de participar na comunidade eclesial, para que se sintam objeto de uma misericórdia, incondicional e gratuita. Ninguém pode ser condenado para sempre porque esta não é a lógica do Evangelho»⁴⁰⁴. É importante dizer que, nesta sua afirmação, o Papa Francisco não se refere apenas aos divorciados que vivem uma nova união, todavia refere-se a todos seja qual for a situação em que se encontrem⁴⁰⁵.

A integração é necessária para o cuidado e a educação cristã dos filhos. Além de testemunhar o amor de Deus pela pessoa, ela visa ajudar a pessoa a fazer um caminho de conversão⁴⁰⁶. Por isso, é importante que os pastores a tenham em conta no exercício das suas atividades pastorais, pois se assim procederem estarão a ajudar, não apenas um casal, mas uma família que com este gesto se sente parte da família cristã⁴⁰⁷. Portanto, cabe aos pastores «identificar elementos que podem favorecer a evangelização e o crescimento humano e espiritual»⁴⁰⁸ das famílias.

Tendo em consideração a abordagem dos Padres Sinodais, o Papa Francisco ao refletir sobre a integração diz-nos que «os batizados que se divorciaram e voltaram a casar civilmente devem ser mais integrados na comunidade cristã sob as diferentes formas possíveis, evitando toda a ocasião de escândalo»⁴⁰⁹. A lógica da integração - de acordo com os Padres Sinodais - «é a chave do seu acompanhamento pastoral, para saberem que

⁴⁰¹ Cf. D. CUNHA, *Pensar e decidir em família. O discernimento à luz da Amoris Laetitia*, p.34.

⁴⁰² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 296.

⁴⁰³ RELATIO SYNODI, 46.

⁴⁰⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 297.

⁴⁰⁵ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 297.

⁴⁰⁶ Cf. D. CUNHA, *Pensar e decidir em família. O discernimento à luz da Amoris Laetitia*, p.34.

⁴⁰⁷ Cf. CONFERENZA EPISCOPALE CAMPANA, “Pastorale familiari: quali novità”, in *Il Regno*, (Anno LXII, n. 1255, Abril 2017), pp.215-216.

⁴⁰⁸ RELATIO FINALIS 2015, 98.

⁴⁰⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 299.

não só pertencem ao Corpo de Cristo que é a Igreja, mas podem também ter disso mesmo uma experiência feliz e fecunda»⁴¹⁰. Esta lógica – na leitura que G. Piana faz da *Amoris Laetitia* e das indicações dos Padres Sinodais – deve, antes de mais, levar à implementação de uma série de formas de participação que façam os divorciados recasados sentir-se membros vivos da Igreja⁴¹¹. Tais formas de participação podem «expressar-se em diferentes serviços eclesiais, sendo necessário, por isso, discernir quais das diferentes formas de exclusão atualmente praticadas em âmbito litúrgico, pastoral, educativo e institucional possam ser superadas»⁴¹².

O discernimento, o acompanhamento e a integração são três aspetos essenciais que orientam os fiéis na tomada de consciência da sua situação diante de Deus⁴¹³. Este itinerário que o Papa nos convida a percorrer deve ser feito com a ajuda de um sacerdote, pois ele «têm o dever de acompanhar as pessoas interessadas pelo caminho do discernimento segundo a doutrina da Igreja e as orientações do bispo. Neste processo, será útil fazer um exame de consciência, através dos momentos de reflexão e arrependimento»⁴¹⁴. Isto porque «o casal e a vida no matrimónio não são realidades abstratas; permanecem imperfeitas e vulneráveis»⁴¹⁵. Daí a necessidade de discernir com as famílias, acompanhá-las «com um coração grande nas suas preocupações, infundindo-lhes coragem e esperança a partir da misericórdia de Deus»⁴¹⁶ e integrá-las no seio da comunidade cristã. Mas para isso é importante que o pastor acentue o anúncio fundamental, “o kerigma”, para estimular e renovar o encontro pessoal com Jesus Cristo⁴¹⁷.

Enquanto mestra segura e mãe amorosa – como diz a *Relatio Finalis* – a Igreja, «não obstante reconheça que para os baptizados não há outro vínculo nupcial a não ser o sacramental, e que cada ruptura do mesmo é contrária à vontade de Deus, está consciente da fragilidade de muitos de seus filhos que encontram dificuldades no caminho da fé»⁴¹⁸;

⁴¹⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 299. Cf. RELATIO FINALIS 2015, 84.

⁴¹¹ Cf. G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.199.

⁴¹² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 299. Cf. RELATIO FINALIS 2015, 84.

⁴¹³ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 300.

⁴¹⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 300.

⁴¹⁵ A. MOSER, “Pastoral familiar. Ecos do Sínodo dos Bispos de 2015”, in *REB*, (Vol. 76, n. 302, Abril-Junho 2016), pp.289-290.

⁴¹⁶ A. MOSER, “Pastoral familiar. Ecos do Sínodo dos Bispos de 2015”, p.289-290.

⁴¹⁷ Cf. OBISPOS DE LA REGIÓN DE BUENOS AIRES, “Críterios básicos para la aplicación del capítulo VIII de *Amoris Laetitia*”, in *Medellin*, (Vol. XLII, n. 165, Mayo-Agosto 2016), pp.483-484. Cf. [Http://www.aica.org/25025-obispos-de-la-región-buenos-aires-dan-criterios-pastorales-sobre.html](http://www.aica.org/25025-obispos-de-la-región-buenos-aires-dan-criterios-pastorales-sobre.html) (Consultado no dia 25 de Agosto de 2017).

⁴¹⁸ RELATIO FINALIS 2015, 60.

por isso procura «acompanhar com misericórdia e paciência»⁴¹⁹, estes seus filhos, nesta nova etapa das suas vidas. Assim sendo, aos pastores não compete só a promoção do matrimónio cristão, mas também o discernimento pastoral das situações de tantas pessoas que não vivem o ideal do matrimónio cristão⁴²⁰.

Portanto, estes três aspetos que acabamos de referir acima, vão-se confluir no «convite insistente do Papa Francisco à prática da misericórdia como atitude, que ajuda a vencer a tentação de uma culpabilização paralisante e sobre o caminho à busca de uma resposta positiva à chamada de Deus»⁴²¹. A todas as famílias «devem chegar a consolação e o estímulo do amor salvífico de Deus, que agem misteriosamente em cada pessoa, para além dos seus defeitos e das suas quedas»⁴²². Por conseguinte, podemos dizer que a dinâmica: discernir, integrar e acompanhar, é realmente um convite a promover uma aproximação misericordiosa das fragilidades humanas no que diz respeito às exigências do matrimónio cristão; pois, «a Igreja oferece a todos os homens o espaço da sua comunhão que os salva do dilúvio pós-moderno dos amores inconsistentes, como uma nova Arca de Noé que resgata a família humana»⁴²³. Porém, é fundamental que na implementação destes três verbos, se evite equívocos em relação à misericórdia, pois muitas vezes «esta tende a ser equiparada a uma compaixão emotiva que se compadece perante as feridas mas não se identifica com o verdadeiro mal»⁴²⁴. Neste sentido, o que se deve fazer, é mostrar as famílias a verdade do evangelho.

2.3 A educação dos filhos

A educação dos filhos, «responsabilidade inevitável dos pais»⁴²⁵, deve ser assumida, pelos pais, de modo consciente, entusiasta, razoável e apropriado⁴²⁶; pois é seu dever educá-los de forma integral⁴²⁷. Ao refletir sobre a educação dos filhos, o Papa Francisco cita uma surpreendente recomendação da Carta aos Efésios: “Vós, pais, não

⁴¹⁹ FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, 44.

⁴²⁰ Cf. N. BLÁZQUEZ, “La Exhortación Apostólica Amoris Laetitia. Em amor en la familia”, p.262.

⁴²¹ G. PIANA, “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, p.202.

⁴²² FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, 44.

⁴²³ AAVV., *Acompanhar, discernir, integrar. Guia para uma nova pastoral familiar a partir da Exortação Amoris Laetitia*, (Aletheia Editores, Lisboa 2017), p.85.

⁴²⁴ AA.VV., *Acompanhar, discernir, integrar. Guia para uma pastoral familiar a partir da Exortação Amoris Laetitia*, p.93.

⁴²⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 259.

⁴²⁶ Cf. N. B. PEREIRA, “Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, p.743. Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 259.

⁴²⁷ Cf. C. D. HIDALGO, “Claves de política pública de familia planteados por Amoris Laetitia: comentario al capítulo segundo realidad e desafios”, p.295.

provoqueis revolta nos vossos filhos” (Ef 6,4); cujo paralelo, com a sua motivação, temos na Carta aos Colossenses: “pais, não irriteis vossos filhos, para que eles não desanimem” (Cl 3,21)⁴²⁸. Na opinião de N. B. Pereira, vemos nas palavras do Papa Francisco a preocupação pelo bem-estar dos filhos numa família, pois na educação dos filhos é necessário fazer com que «a disciplina seja limite construtivo do caminho que uma criança deve empreender e não um muro que a aniquile ou uma dimensão da educação que a iniba»⁴²⁹. Mas para isso, é importante que os pais tenham sempre presente que o seu, «primeiro, dever para com os filhos é o de se amarem um ao outro. Porque a primeira necessidade da criança é crescer num lar unido e encontrar os seus pais unidos numa única vontade; numa unidade perfeita»⁴³⁰.

A boa educação dos filhos é um fator importante para a felicidade da família. Segundo o Papa Francisco, «a família não pode renunciar a ser lugar de apoio, acompanhamento e guia»⁴³¹, ela deve começar a educar já desde os primeiros anos de vida, ou seja, desde o nascimento e ir até às outras fases da vida, que são: infância, a adolescência e a juventude. Nestas fases da vida é indispensável a ajuda dos pais para o crescimento e o desenvolvimento integral dos filhos. Portanto, nestas fases, «é sempre necessária a vigilância; o abandono nunca é saudável»⁴³². Por isso, os pais devem orientar os seus filhos para que eles saibam realmente discernir o que é melhor para eles.

Na infância os pais devem procurar, sempre que possível, dirigir e orientar os filhos para fins honestos, em lugar de reprimir e inibir. Portanto, os pais deverão evitar «intervenções brutais que provocam receio e traumatismos nervosos, além de poderem produzir complexos de “tendências recalcadas” que, continuando a agir no inconsciente de forma subtil, acabam muitas vezes por causar perturbações psíquicas e criar dificuldades morais»⁴³³.

Na adolescência necessita-se mais da presença dos pais, pois é neste período que acontecem grandes transformações na vida do adolescente. Nesta fase o adolescente «passa facilmente da companhia mais divertida para o isolamento mais completo, do riso ao pranto sem motivo. Sente-se só, incompreendido, ávido de compreensão e amor»⁴³⁴.

⁴²⁸ Cf. N. B. PEREIRA, “Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, p.743.

⁴²⁹ N. B. PEREIRA, “Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, pp.743-744.

⁴³⁰ J. LECLERCO, *O matrimónio cristão*, pp.118-119.

⁴³¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 260.

⁴³² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 260.

⁴³³ V. MARCOZZI, *O sentido do amor*, pp.67-68.

⁴³⁴ V. MARCOZZI, *O sentido do amor*, p.73.

Por isso, nesta fase, «o abandono nunca é saudável»⁴³⁵ é importante a presença e a proximidade dos pais aos filhos. Esta proximidade dos pais aos filhos nesta fase, fará com que eles compreendam que as inquietações e os pensamentos, o ter vergonha de expressar sentimentos é próprio desta fase.

Na infância e na adolescência, os pais devem orientar e alertar os seus filhos para que eles saibam enfrentar situações onde possa haver risco, tais como agressões, abuso ou consumo de droga⁴³⁶.

Na juventude, o que mais influi na educação dos filhos, é o exemplo dos pais⁴³⁷. Nesta fase, «os filhos são capazes de ver e compreender também outras coisas que julgam com o olhar implacável da sua idade. Mas, quando os filhos, refletindo no comportamento dos pais, descobrem exemplos luminosos, crescem moralmente são e serenos»⁴³⁸.

Nestas três fases da vida dos filhos, especialmente na adolescência e na juventude, o mais importante não é «controlar todos os movimentos do filho nem procurar dominar o seu espaço»⁴³⁹, o que mais deve interessar aos pais «é, acima de tudo, gerar no filho, com muito amor, processos de amadurecimento da sua liberdade, de preparação, de crescimento integral, de cultivo da autêntica autonomia»⁴⁴⁰, pois «só assim este filho terá em si mesmo os elementos de que precisa para se defender e agir com inteligência e cautela em circunstâncias difíceis»⁴⁴¹.

Um outro aspeto que o Papa Francisco ressalta na educação dos filhos é a importância da educação na transmissão da fé. Citando a *Lumen Fidei*⁴⁴² recorda-nos que “os pais são chamados – como diz S. Agostinho – não só a gerar os filhos para a vida, mas a levá-los a Deus, para que sejam, através do baptismo, regenerados como filhos de Deus e recebam o dom da fé”⁴⁴³. Segundo o Papa Francisco, «a educação dos filhos tem de estar marcada por um percurso de transmissão da fé, que se vê dificultado pelo estilo de vida atual, pelos horários de trabalho, pela complexidade do mundo atual, onde muitos têm um ritmo frenético para poder sobreviver»⁴⁴⁴. Embora haja estes contratempos nos

⁴³⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 260.

⁴³⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 260.

⁴³⁷ Cf. V. MARCOZZI, *O sentido do amor*, p.74.

⁴³⁸ V. MARCOZZI, *O sentido do amor*, 74.

⁴³⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 261.

⁴⁴⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 261.

⁴⁴¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 261.

⁴⁴² Cf. FRANCISCUS PP., *Lumen Fidei*, in *AAS* 106 (2014), 43.

⁴⁴³ Cf. RELATIO SYNODI 2014, 132.

⁴⁴⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 287. Cf., RELATIO FINALIS 2015, 13-14.

nossos dias, a família – principal responsável pela educação cristã dos filhos⁴⁴⁵ – deve, apesar disso «continuar a ser lugar onde se ensina a perceber as razões e a beleza da fé, a rezar e a servir o próximo»⁴⁴⁶. Portanto, «é preciso que os pais vivam a experiência real de confiar em Deus, de procurá-lo de precisar Dele, porque só assim “uma geração contará à outra as obras de Deus e anunciará as suas maravilhas” (cf. Sl 145/144,4), e cada “pai contará aos seus filhos os gestos divinos do amor sempre fiel” (cf. Is 38,19)»⁴⁴⁷. Isto, por sua vez, requer – diz o Papa Francisco – «que imploremos a ação de Deus nos corações, aonde não podemos chegar, certos de que o grão de mostarda (cf. Mt 13,31-32) vai tornar-se um grande arbusto»⁴⁴⁸.

Este exercício de transmitir a fé aos filhos leva ao testemunho missionário no meio do mundo a exemplo de Jesus⁴⁴⁹, pois «permite que a família se torne evangelizadora e, espontaneamente, comece a transmiti-la a todos os que se aproximam dela e mesmo fora do próprio ambiente familiar»⁴⁵⁰. Deste modo, o ir encontro das outras pessoas fora do seu ambiente familiar fará com que os filhos sejam, a partir deste exemplo dos pais, mais solidários e atentos aos mais necessitados; preocupando-se mais em promover o bem comum⁴⁵¹.

Sendo uma responsabilidade primária dos pais que o estado deve respeitar, salvaguardar e promover⁴⁵², a educação dos filhos deve começar em casa a partir do testemunho de vida dos pais em relação aos filhos⁴⁵³. Por isso, o que se pede aos pais é que sejam exemplares na sua maneira de ser e estar, isto porque o seu comportamento, querendo ou não, acaba por «influenciar sempre, para o bem ou para o mal, no desenvolvimento moral dos seus filhos»⁴⁵⁴.

Além desta educação que deve partir de casa, o Papa Francisco fala-nos da necessidade da escola para a formação dos filhos. Apesar dos pais necessitarem da escola «para assegurar uma instrução de base aos seus filhos»⁴⁵⁵, o Papa Francisco aconselha os

⁴⁴⁵ Cf. J. ALVES, “Viver a fé no coração da família”, in *Eborensia* (Ano XXIX, n.50, 2016), p.11.

⁴⁴⁶ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 287.

⁴⁴⁷ N. B. PEREIRA, “Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, p.744.

⁴⁴⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 287.

⁴⁴⁹ Cf. N. B. PEREIRA, “Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, p.744.

⁴⁵⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 289.

⁴⁵¹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 290.

⁴⁵² Cf. GE 3; IOANNIS PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 37.

⁴⁵³ Cf. RELATIO SYNODI 2014, 133-134.

⁴⁵⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 259.

⁴⁵⁵ FRANCISCUS PP. *Amoris Laetitia*, 263.

pais a nunca poderem delegar totalmente a formação moral dos seus filhos à escola⁴⁵⁶; isto porque «a família é a primeira escola dos valores humanos»⁴⁵⁷, é ali onde a criança, com a ajuda dos pais que são os primeiros educadores⁴⁵⁸, deve começar a dar os seus primeiros passos educativos, «é ali onde se aprende o bom uso da liberdade»⁴⁵⁹ e se «rompe o primeiro círculo do egoísmo mortífero, fazendo-nos reconhecer que vivemos juntos de outros, com outros que são dignos da nossa atenção, da nossa gentileza, do nosso afeto»⁴⁶⁰. Portanto, é na família onde o filho «vai aprender a se relacionar com os outros, a escutar, partilhar, suportar, respeitar, ajudar e conviver»⁴⁶¹. Deste modo, só tendo presente a educação familiar (aquela que começa em casa logo nos primeiros anos) e a escolar é que os filhos terão obviamente uma formação e educação consistentes.

Para ajudar no crescimento educativo dos filhos, o Papa Francisco sugere que a formação moral dos filhos «deveria realizar-se sempre com métodos ativos e com um diálogo educativo que integre a sensibilidade e a linguagem própria dos filhos»⁴⁶². Todavia, «esta formação deve ser realizada de forma indutiva, de modo que o filho possa descobrir por si mesmo a importância de determinados valores, princípios e normas, em vez de lhes impor como verdades indiscutíveis»⁴⁶³. Pois «para agir bem, não basta “julgar de modo adequado” ou saber com clareza aquilo que se deve fazer, embora isso seja prioritário»⁴⁶⁴.

Na educação dos seus filhos é importante que os pais velem pela correção, uma correção feita com amor⁴⁶⁵. Portanto, os pais devem «sensibilizar»⁴⁶⁶ os seus filhos para que eles se apercebam de que as más ações têm consequências⁴⁶⁷. Segundo o Papa Francisco, «a correção é um estímulo quando, ao mesmo tempo, se apreciam e se reconhecem os esforços e quando o filho descobre que os seus pais conservam viva uma paciente confiança»⁴⁶⁸. Por isso, «uma criança corrigida com amor sente-se tida em consideração, percebe que é alguém, apercebe-se de que os seus pais reconhecem as suas

⁴⁵⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 263.

⁴⁵⁷ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 274.

⁴⁵⁸ Cf. J. NAVAS, “La familia, un valor? En un mundo en cambio”, in *Carth* 27 (2011), p.367.

⁴⁵⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 274.

⁴⁶⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 276.

⁴⁶¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 276.

⁴⁶² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 264.

⁴⁶³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 264.

⁴⁶⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 265.

⁴⁶⁵ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 269.

⁴⁶⁶ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 268.

⁴⁶⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 268.

⁴⁶⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 269.

potencialidades»⁴⁶⁹. Isto, por sua vez, diz o Papa Francisco, «não exige que os pais sejam irrepreensíveis, mas que saibam reconhecer, com humildade, os seus limites e mostrem o seu esforço pessoal por ser melhores»⁴⁷⁰.

Neste exercício da correção “amorosa”, «o testemunho de que os filhos precisam da parte dos pais, é que estes não se deixem levar pela ira»⁴⁷¹. Assim sendo, «o filho que comete uma má ação deve ser corrigido, mas nunca como um inimigo ou como alguém sobre quem se descarrega a própria agressividade. Além disso, um adulto deve reconhecer que algumas más ações têm a ver com as fragilidades e os limites próprios da idade»⁴⁷². Por isso, diz-nos o Papa Francisco que, «seria nociva uma atitude constantemente punitiva, porque não ajudaria a notar a diferente gravidade das ações e provocaria desânimo e exasperação»⁴⁷³. A este propósito o Papa Francisco toma como exemplo as palavras de S. Paulo: “Vós pais, não exaspereis os vossos filhos” (Ef 6,4; Cl 3,21)⁴⁷⁴.

Na educação dos filhos, é importante que os pais saibam «encontrar um equilíbrio entre dois extremos igualmente nocivos»⁴⁷⁵. O primeiro extremo que o Papa Francisco faz questão de referir é o «pretender construir um mundo à medida dos desejos do filho, que cresceria sentindo-se sujeito de direitos mas não de responsabilidades»⁴⁷⁶. O outro extremo, neste caso o segundo, «seria levá-lo a viver sem consciência da sua dignidade, da sua identidade singular e dos seus direitos, torturado pelos deveres e submetido à realização dos desejos alheios»⁴⁷⁷. Mas para que os pais possam realmente encontrar este equilíbrio é importante que estejam concentrados e atentos no crescimento do seu filho. Isto, por sua vez, requer tempo, disponibilidade, entrega e dedicação.

Ainda no que diz respeito a educação dos filhos, o Papa Francisco convida os pais a estarem atentos “às tecnologias de comunicação, cada vez mais sofisticadas”, porque na sua opinião, elas podem facilitar ou prejudicar o encontro educativo entre pais e filhos⁴⁷⁸. Segundo o Papa Francisco, estas tecnologias se forem «bem utilizadas, podem ser úteis para pôr em contacto os membros da família que vivem longe. Mas deve ficar

⁴⁶⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 269.

⁴⁷⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 269.

⁴⁷¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 269.

⁴⁷² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 269.

⁴⁷³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 269.

⁴⁷⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 269.

⁴⁷⁵ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 270.

⁴⁷⁶ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 270.

⁴⁷⁷ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 270.

⁴⁷⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 278.

claro que não substituem nem preenchem a necessidade do diálogo mais pessoal e profundo que requer o contacto físico ou, pelo menos, a voz da outra pessoa»⁴⁷⁹.

O Papa Francisco convida os pais a estarem atentos a estas tecnologias, porque «às vezes, estes meios nos afastam em vez de nos aproximar»⁴⁸⁰, fazendo com que os filhos, às vezes, se tornem apáticos e se desliguem do mundo real⁴⁸¹.

Segundo o Papa Francisco, o Sínodo Ordinário dos Bispos ao afirmar que «para favorecer uma educação integral, precisamos de “reavivar a aliança entre a família e a comunidade cristã”»⁴⁸², quis, sem dúvida, «destacar a importância das escolas católicas que, no seu ponto de vista, realizam uma função vital de ajuda aos pais no seu dever de educar os filhos»⁴⁸³. Na sua opinião, «as escolas católicas deveriam ser incentivadas na sua missão de ajudar os alunos a crescer como adultos maduros que podem ver o mundo através do olhar de amor de Jesus e compreender a vida como um chamamento para servir a Deus»⁴⁸⁴.

Por último, o Papa Francisco fala-nos da importância da educação sexual para os filhos. Já o Concílio Vaticano II⁴⁸⁵, apresentava a necessidade de «uma educação sexual positiva e prudente»⁴⁸⁶ oferecida às crianças e adolescentes «à medida que vão crescendo»⁴⁸⁷ e «tendo em consideração os progressos da psicologia, pedagogia e didática»⁴⁸⁸. Toda a informação relativa a educação sexual dos filhos é importante que chegue «no momento apropriado e de forma adequada à fase que vivem»⁴⁸⁹, de tal sorte que não fiquem saturados, pois «não é útil saturá-los de dados sem o desenvolvimento do sentido crítico perante uma invasão de propostas, perante a pornografia descontrolada e a sobrecarga de estímulos que podem mutilar a sexualidade»⁴⁹⁰. Assim sendo, «é irresponsável qualquer convite aos adolescentes para brincarem com os seus corpos e desejos, como se tivessem a maturidade, os valores, o compromisso mútuo e os objetivos

⁴⁷⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 278.

⁴⁸⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 278.

⁴⁸¹ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 278.

⁴⁸² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 279.

⁴⁸³ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 279.

⁴⁸⁴ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 279. Cf. RELATIO FINALIS 2015, 68.

⁴⁸⁵ Cf. GE 1.

⁴⁸⁶ GE 1.

⁴⁸⁷ GE 1.

⁴⁸⁸ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 280.

⁴⁸⁹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 281.

⁴⁹⁰ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 281.

próprios do matrimónio»⁴⁹¹. De acordo com o Papa Francisco, «a linguagem do corpo requer uma aprendizagem paciente que permita interpretar e educar os próprios desejos em ordem a uma entrega de verdade»⁴⁹². É preciso ajudar os filhos a preparar-se seriamente para o amor, embora atualmente – segundo o Papa Francisco – se torne um pouco difícil encontrar alguém que os possa ajudar a preparar-se para um amor grande e generoso, porque não se leva a sério a educação sexual⁴⁹³. Mas é importante que se encontrem tais pessoas para os filhos, particularmente os jovens, e que estes com a ajuda dos pais, possam realmente ajudá-los a preparar-se para o amor.

3. Perspetiva Missionária

No matrimónio ao serem um só, os cônjuges formam uma família unida pelos laços de amor. O Concílio Vaticano II ao dizer-nos que a família «é uma íntima comunidade de vida e de amor»⁴⁹⁴, relembra-nos – no dizer de J. Flecha – que «a sua missão concretiza-se em ser cada vez mais o que já é, quer dizer comunidade de vida e de amor, numa tensão que, do mesmo modo que toda a realidade criada e redimida, encontrará o seu cumprimento no Reino de Deus»⁴⁹⁵. Daí ser importante reafirmar que de um modo mais concreto a família, pelo sacramento do matrimónio, recebe a missão de guardar, revelar e comunicar o amor⁴⁹⁶. A este amor que a família é chamada a guardar, revelar e comunicar, podíamos chamar, parafraseando as palavras do Papa Bento XVI na sua mensagem para o 80º dia Mundial das Missões (2006), de “alma da missão”⁴⁹⁷, pois é por meio deste amor que nos congregamos e formamos comunhão.

Esta missão da família, de revelar e comunicar o amor, não se limita simplesmente a procriação responsável, todavia continua a ser exercida com a tarefa educativa que promove os membros da família na consolidação dos valores fundamentais como «o serviço da verdadeira justiça»⁴⁹⁸ e o «sentido do verdadeiro amor, como solicitude sincera e serviço desinteressado para com os outros, especialmente com os mais pobres e necessitados»⁴⁹⁹, que se encontram na nossa sociedade⁵⁰⁰. Trata-se, portanto, de

⁴⁹¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 283.

⁴⁹² FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 284.

⁴⁹³ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 284.

⁴⁹⁴ GS 48.

⁴⁹⁵ J. R. FLECHA, *Família, lugar de evangelização*, p.56.

⁴⁹⁶ Cf. J. R. FLECHA, *A família, lugar de evangelização*, p.57.

⁴⁹⁷ Cf. A. COUTO, *Os desafios da nova evangelização*, (Paulus, Lisboa 2014), p.73.

⁴⁹⁸ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 37.

⁴⁹⁹ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 37.

⁵⁰⁰ Cf. J. R. FLECHA, *Família, lugar de evangelização*, pp.59-60.

apresentar a beleza do matrimónio vivido pelas famílias; o que passará naturalmente por um testemunho credível, por meio de palavras, gestos ou atitudes que norteiam, digamos assim, a vida da família. Mas antes das famílias começarem a testemunhar fora, esta missão que lhes foi confiada por Deus, convém que comecem, primeiramente, no seu interior, de tal modo que sejam coerentes com aquilo que realmente querem testemunhar aos outros.

3.1 A beleza do matrimónio cristão

A beleza do matrimónio cristão está no testemunho alegre que as famílias cristãs na sua vida matrimonial dão e vivem à luz da mensagem evangélica. Segundo o Papa Francisco, «não se trata de uma simples cerimónia que se faz na Igreja, com flores, vestido ou fotografias»⁵⁰¹, trata-se, portanto, da vivência deste sacramento cristão que tem lugar na Igreja, dando início a uma nova comunidade familiar⁵⁰². Tal vivência, portanto, resume-se no testemunho alegre dos casais; que fiéis a vocação cristã para o amor, acreditam na beleza do gesto criador de Deus e procuram viver aquele amor que os impele a ir mais além de si mesmos e da sua família⁵⁰³. Isto, porém, exige um grande sacrifício da parte dos cônjuges, porque implica discernimento⁵⁰⁴, diálogo, renúncia, coerência e um testemunho credível.

Ao destacar a dimensão missionária do matrimónio cristão, contida na decisão de “desposar no Senhor” que significa ter no coração a disponibilidade de ser porta-voz da bênção de Deus e da graça do Senhor para todos⁵⁰⁵, o Papa Francisco convida os esposos a participarem na missão da Igreja. Por isso, «a celebração do matrimónio não pode excluir esta corresponsabilidade da vida familiar, em relação à grande missão de amor a Igreja»⁵⁰⁶, porque assim como a vida da Igreja se enriquece todas as vezes com a beleza desta aliança esponsal, do mesmo modo ela se depauperava cada vez que ela é desfigurada⁵⁰⁷.

Apesar das dificuldades que isto implica - pois «é preciso ter coragem»⁵⁰⁸ - é importante que cada matrimónio percorra o caminho do amor a exemplo do amor que

⁵⁰¹ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.59.

⁵⁰² Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.59.

⁵⁰³ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.60.

⁵⁰⁴ Cf. D. CUNHA, *Pensar e decidir em família. O discernimento à luz da Amoris Laetitia*, p.20.

⁵⁰⁵ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.60.

⁵⁰⁶ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.61.

⁵⁰⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.61.

⁵⁰⁸ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.60.

Cristo tem pela Igreja, tal como nos diz S. Paulo na analogia que ele faz entre marido-esposa e Cristo-Igreja. É claro que se trata de uma analogia imperfeita, tal como já tivemos a ocasião de referir ao longo do nosso trabalho, mas reiteramo-lo por causa do «seu sentido espiritual que é deveras excelso e revolucionário, e ao mesmo tempo simples, ao alcance de cada homem e mulher que confia na graça de Deus»⁵⁰⁹. Portanto, é desta forma que devemos entendê-lo.

No matrimónio cristão, o indivíduo é capaz de entender o amor como doação recíproca e como motivo de alegria ao se doarem juntos na formação da sociedade, começando pela aceitação e educação dos filhos, fruto da sua união, e da convivência fraterna com as pessoas⁵¹⁰. Daí a necessidade de fazer transparecer este amor (que os uniu) no dia-a-dia, de tal modo que os esposos ao vivê-lo em “beleza e verdade” se sintam cada vez mais comprometidos e alegres em celebrá-lo em cada acontecimento das suas vidas⁵¹¹.

3.2 O testemunho alegre do matrimónio

O Sínodo Extraordinário dos Bispos descreve o testemunho do casal como «um ponto-chave para a promoção de uma pastoral autêntica e incisiva»⁵¹². Para o referido Sínodo «o testemunho é essencial, não só de coerência com os princípios da família cristã, mas também da beleza e da alegria que proporciona o acolhimento do anúncio evangélico no matrimónio e na vida familiar»⁵¹³. Porém, tal testemunho dos casais só será deveras alegre se for vivido à luz da mensagem evangélica.

Deste modo, só podemos falar em testemunho alegre do matrimónio cristão se os casais ao viverem à luz do evangelho, que são chamados a anunciar com alegria⁵¹⁴, forem capazes de mostrar aos outros que na vida familiar quando as famílias creem e seguem realmente os ensinamentos evangélicos não apenas como algo verdadeiro e justo, mas como belo, são capazes de cumular a vida dum novo esplendor e duma alegria profunda,

⁵⁰⁹ FRANCISCUS PP., *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, p.59.

⁵¹⁰ Cf. G. ROCCA, *Consciência e liberdade*, (Paulus, S. Paulo 1993), pp.121-122.

⁵¹¹ Cf. X. CARRERO, - F. DÍAZ, “O noso matrimonio a través da Exhortación Apostólica *Amoris Laetitia*”, pp.60-61.

⁵¹² RELATIO SYNODI 2014, 59.

⁵¹³ RELATIO SYNODI 2014, 59.

⁵¹⁴ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 200.

mesmo diante das dificuldades, das provações e dos desafios com que elas se confrontam no dia-a-dia⁵¹⁵.

Assim sendo, os casais que permanecem unidos e vivem, não obstante os problemas e as dificuldades, de maneira feliz o seu matrimónio, dão um testemunho especial aos outros, especialmente aos jovens que pretendem contrair matrimónio e aqueles que pretendem fortificar cada vez mais o seu matrimónio. A alegria de viver o matrimónio tem de caracterizar a família cristã. Pois o testemunho e a beleza da família está, sem dúvida, em viver o seu matrimónio a partir do amor, e a fazer com que este amor cresça⁵¹⁶ e se torne cada vez mais fecundo⁵¹⁷.

Olhando para aquilo que deve ser realmente o testemunho alegre do matrimónio cristão, parece-nos interessante a afirmação do Papa João Paulo II, quando diz que «a experiência de comunhão e participação, que deve caracterizar a vida diária de uma família, é o seu primeiro e fundamental contributo à sociedade»⁵¹⁸. No nosso ponto de vista, um dos contributos essenciais e fundamentais que deve caracterizar os casais é, obviamente, a alegria de testemunhar a beleza do matrimónio vivido à luz do evangelho. Pois a nossa sociedade precisa de testemunhos destes para fazer face às ruturas, separações que assistimos com frequência nos nossos dias.

Neste testemunhar a alegria e o amor que se vive no matrimónio, os filhos têm um papel importante nesta missão, porque eles são os continuadores do legado dos pais⁵¹⁹. Isto, por sua vez, só será possível se tiverem uma boa formação cristã e forem capazes de partilhar tal formação com os outros. Deste modo, torna-se um bem não só para os filhos, mas também para os outros, daí a necessidade de partilhá-lo. Aliás, não há maior alegria do que partilhar um bem⁵²⁰. E como o que se quer é provocar a felicidade dos outros por meio do testemunho alegre do matrimónio, é importante que as famílias se empenhem nisto, pois, «as alegrias mais intensas da vida surgem quando se pode provocar a felicidade dos outros».⁵²¹ Daí o convite do Papa Francisco em chamar as famílias cristãs a crescer cada vez mais no amor, pois é deste modo que elas poderão não só testemunhar

⁵¹⁵ Cf. RELATIO SYNODI 2014, 59. Cf. FRANCISCUS PP., *Evangelii Gaudium*, 167.

⁵¹⁶ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 133-134.

⁵¹⁷ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 165.

⁵¹⁸ IOANNES PAULUS PP. II, *Familiaris Consortio*, 43.

⁵¹⁹ Cf. X. CARRERO - F. DÍAZ, “O nosso matrimónio a través da Exhortación Apostólica *Amoris Laetitia*”, pp.63-64.

⁵²⁰ Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 129.

⁵²¹ FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 129.

a beleza do matrimônio cristão, mas também a vivê-la por meio da palavra de Deus que ilumina os seus caminhos e dá novo vigor as suas vidas. Esta vivência à luz da palavra de Deus, vai fazer com que as famílias amem e ensinem a amar⁵²², pois é justamente ali onde reside a sua força.

⁵²² Cf. FRANCISCUS PP., *Amoris Laetitia*, 53.

CONCLUSÃO

Ao refletirmos sobre o significado unitivo do matrimónio a partir da *Amoris Laetitia*, tivemos como objetivo primordial apresentar a centralidade do amor no matrimónio, pois no matrimónio os esposos unem-se por amor e é por meio deste amor, que se desdobra na procriação, que os esposos fortificam e testemunham a beleza e a alegria de viver o matrimónio, que é, segundo o Papa Francisco, sacramento do amor.

Diante disto que tivemos a ocasião de refletir, ao longo deste nosso trabalho, intitulado “O matrimónio como testemunho alegre do amor” cabe-nos apenas dizer, de forma sucinta, que ao nos propormos refletir teologicamente sobre o significado unitivo do matrimónio (o convite a crescer no amor) à luz da *Amoris Laetitia*, gostaríamos de destacar à guisa de conclusão três aspetos muito importantes.

O primeiro aspeto diz respeito a reflexão bíblica sobre a família e o matrimónio. Aqui ao apresentarmos, em primeiro lugar, os desafios atuais que as famílias enfrentam no seu dia-a-dia, bem como as possíveis soluções ou propostas que o Papa Francisco nos apresenta diante dos grandes desafios, queremos simplesmente salientar que é importante que as famílias percebam, de antemão, que apesar das dificuldades que cada família possa enfrentar, deve-se ter sempre o cuidado de não destruir a família, mas protegê-la e conserva-la, pois o bem da família é necessário e decisivo para o bem da sociedade. Todavia, para que isto se concretize, é necessário que os casais tenham em conta que o primeiro dever dos esposos é a vida matrimonial vivida de forma íntegra. O homem e a mulher criados por amor são chamados a viver e a testemunhar este amor que é, tal como tivemos o ensejo de sublinhar ao longo deste trabalho, comunhão.

Portanto, podemos obviamente dizer que os desafios apresentados pelo Papa Francisco só podem ser ultrapassados ou evitados se as famílias no seu discernimento tiverem em conta a palavra de Deus. Pois por meio dela as famílias são capazes de perceber claramente que o matrimónio é uma união baseada no amor. Os esposos, ao se unirem pelo sacramento do matrimónio, intensificam os seus laços de amor e abrem-se à vida. Isto porque se trata de um amor fecundo, capaz não só de gerar vida, mas também de fazer com que este amor cresça cada vez mais no seio das famílias. Mas, para isto é muito importante que as famílias ao viverem o seu matrimónio, não confundam, tal como nos diz o Papa Francisco, “liberdade genuína com a ideia de que cada um julga como lhe

parece”, isto porque se assim procederem o ideal do matrimónio como um compromisso de exclusividade e de estabilidade fica deveras destruído.

Em segundo lugar ao falarmos do matrimónio a partir da Sagrada Escritura vimos que o ideal do matrimónio como um compromisso de amor entre os esposos (homem e mulher) é querido pelo Criador desde o princípio tal como nos atesta o livro do Génesis nos seus dois relatos da criação (Sacerdotal e Javista). Esta mesma ideia é mais tarde recuperada por Jesus, restabelecendo desta forma o matrimónio na sua integridade original e elevando-o a sinal sacramental, tal como diz a *Amoris Laetitia* nos seus números 61 e 71. Nesta reflexão sobre o matrimónio e a família que a Sagrada Escritura nos apresenta, o Papa Francisco faz questão de acentuar a união matrimonial baseada no amor. Na nossa opinião, esta visão do Papa Francisco parece ser mais completa porque nos fala de um amor que está aberto à vida. Daí podermos destacar não só o amor que une as famílias no matrimónio, mas também os frutos que advêm deste amor.

O segundo aspeto diz respeito ao matrimónio como sacramento do amor na *Amoris Laetitia*. Na *Amoris Laetitia* o Papa Francisco apresenta-nos a centralidade do amor no matrimónio, pois é fundamental que os casais estejam unidos por amor e sejam capazes de crescer nele. Só deste modo é que as famílias serão capazes de testemunhá-lo e vivê-lo no dia-a-dia. Este amor no matrimónio é chamado a tornar-se fecundo, bem como a manifestar-se e a crescer. Portanto, não se trata de um amor fechado em si mesmo, todavia trata-se de um amor que estando aberto a vida é capaz de manifestar a beleza do matrimónio cristão. É este matrimónio que de forma alegre e bela o Papa Francisco nos convida a testemunhar. Tal testemunho passará, por conseguinte, pela abertura ao diálogo ameno e saudável, pela disponibilidade, pelo crescimento na caridade conjugal, pela atenção ao outro e pela vivência dos sacramentos. É pertinente sublinhar que o amor de que o Papa Francisco nos convida a ter sempre presente numa família, é, sem sombras de dúvida, um amor vivido e aperfeiçoado pelo sacramento do matrimónio. Daí a necessidade de acentuarmos a importância do amor no matrimónio como condição “*sine qua non*” para unidade dos cônjuges. Assim sendo, podemos dizer que o matrimónio é sacramento do amor porque a graça do matrimónio destina-se, antes de mais, a perfeição dos cônjuges.

O terceiro aspeto diz respeito ao sacramento do matrimónio como fonte de crescimento e alegria espiritual. Nesta temática tornam-se fundamentais, no nosso ponto de vista, a vivência espiritual do matrimónio, pois se trata de um sacramento que ao unir

os dois seres (homem e mulher) num só, faz com que os cônjuges aperfeiçoem o seu amor.

Dito isto, podemos dizer que o convite a crescer no amor é dirigido, obviamente, a todas as famílias, daí a necessidade de primarmos por ele onde quer que estejamos. Mas é fundamental que esta centralidade do amor no matrimónio seja bem entendida, de tal modo que as famílias ao viverem o amor no matrimónio sejam capazes de se abrir à vida, pois é deste modo que o amor crescerá cada vez mais e, em consequência imediata, se tornará cada vez mais fecundo. Portanto, agindo desta forma com ajuda da palavra de Deus que nos dá luzes para discernirmos bem, estaremos a viver e a testemunhar realmente a beleza do matrimónio cristão.

Por conseguinte, podemos dizer que apesar deste tema relativo ao significado unitivo do matrimónio ser um assunto que deixa em aberto alguns problemas ou assuntos relativos ao matrimónio, nós procuramos sublinhar que ao invés de acentuarmos apenas o significado procriativo do matrimónio, devemos também acentuar o significado unitivo do matrimónio, pois é fundamental para a unidade dos cônjuges. Isto porque não se percebe um matrimónio sem amor. Aliás se primarmos apenas pelo significado procriativo estaremos a pôr de parte aquelas pessoas que não podem ter filhos porque são estéreis ou por razões médicas. A nosso ver, parece-nos importante que os dois significados caminhem juntos, pois só desta forma é que poderemos testemunhar e viver a beleza do matrimónio cristão. Portanto, mas do que acentuar apenas um dos significados do matrimónio (unitivo ou procriativo), podemos dizer que o Papa Francisco convida as famílias a assumir o matrimónio como um caminho de amadurecimento onde cada um dos cônjuges é um instrumento de Deus para fazer crescer o outro. Por meio desta proposta os esposos chamados a crescer no amor, fortalecem os laços de amor pelo qual estão unidos no matrimónio e tomam consciência da grandeza deste sacramento. Mas para isto é necessário que se faça um bom discernimento; pois é por meio do discernimento que os esposos poderão fazer com que o seu amor seja fiel e verdadeiro.

À luz desta nossa reflexão feita ao longo deste trabalho podemos dizer que este convite a crescer no amor e no ideal de ajuda mútua, de que o Papa Francisco nos propõe na *Amoris Laetitia*, além de ser essencial na experiência cristã do matrimónio e da família, é fator de unidade e de comunhão entre os cônjuges.

BIBLIOGRAFIA GERAL

1. Fontes

BENEDICTI PP. XVI, *Litterae Encyclicae Caritas in Veritate*, in AAS 101 (2009).

_____, *Litterae Encyclicae Deus Caritas est*, in AAS 97 (2005).

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA, (Paulinas 1997).

CONCÍLIO ECUMENÍCO VATICANI II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo*, Gaudium et Spes (1965).

_____, *Declaração sobre a educação cristã*, Gravissimum Educationis (1965).

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO, Apostolado da oração (Braga 2007).

FRANCISCUS PP., *Adhortatio Apostolicae post-Synodalis Amoris Laetitia*, in AAS 108 (2016).

_____, *Adhortatio Apostolicae Evangelii Gaudium*, in AAS 105 (2013).

_____, *Bula Misericordiae Vultus*, in AAS 107 (2015).

_____, *Litterae Apostolicae Misericordia et Misera*, in AAS 108 (2016).

_____, *A família gera o mundo. Catequeses sobre a família*, (Paulus, Lisboa 2016).

IOANNES PAULUS PP. II, *Adhortatio Apostolicae Familiaris Consortio*, in AAS 74 (1982).

_____, *Litterae Encyclicae Laborem Exercens*, in AAS 73 (Roma 1981).

PAULUS PP. VI, *Litterae Apostolicae Humanae Vitae*, in AAS 60 (1968).

RELATIO SYNODI – III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos, *Os desafios pastorais da família no contexto da evangelização*, (Cidade do Vaticano 2014).

RELATÓRIO FINAL DOS BISPOS – XIV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos, *A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo*, (Cidade do Vaticano 2015).

2. Obras / Estudos

AAVV., *Acompanhar, discernir, integrar. Guia para uma pastoral familiar a partir da Exortação «Amoris Laetitia»*, (Lisboa: Aletheia Editores 2017).

ADNÈS, P., *El Matrimonio*, (Herder, Barcelona 1969).

ALMEIDA, J. M., *O pensamento social do Papa Francisco*, (Editorial Cáritas, Lisboa 2016).

AUGUSTIN, G., *Matrimónio e Família*, (Paulinas, 2014).

- CAMPOS, A., *A família e a educação hoje*, (Lisboa 2003).
- CASTAÑO, H., - FERNANDEZ, M., *Formación de la pareja, ritos de casamento y familia hoy*, (Salamanca 1993).
- CERETI, G., *Amor, amizade, matrimónio*, (Paulistas, Lisboa 1989).
- CHARBONNEAU, P. – E., *Sentido Cristão do Casamento*, (Herder, S. Paulo 1965).
- COUTO, A., *Os desafios da Nova Evangelização*, (Paulus, Lisboa 2014).
- CUNHA, D., *Pensar e decidir em família. O discernimento à luz da Amoris Laetitia*, (Paulus, Lisboa 2017).
- _____, *Só o amor gera vida, pessoa, família e sociedade*, (Paulus, Lisboa 2015).
- DODARO, R., *Permanecer na verdade de Cristo. Matrimónio e comunhão na Igreja Católica*, (Lucerna, Cascais 2015).
- DOMINGUEZ, B., *Sacramento e vida cristã, coerente, saudável e operativa*, (Paulinas, Porto 2009).
- DUARTE, L. M., *Creio na família: proposta para casais*, (Paulinas, S. Paulo 1986).
- ELL, E., *Matrimónio e Sexualidade*, (Paulistas, Lisboa 1972).
- EVDOKIMOV, P., *Sacramento del Amor*, (Ediciones Ariel, Barcelona 1966).
- FENOY, E. - ABAD, J., *Amor e Matrimónio*, (Palabra, S.A Madrid 2001).
- FLECHA, J. R., *Familia, lugar de evangelização*, (Edição Portuguesa, Coimbra 2007).
- FLORIDO, R., *A família comunhão de amor*, (Madrid 1994).
- HÄRING, B., *Graça e existência dos sacramentos*, (Braga 1964).
- HERVADA, J., *Diálogos sobre o amor e o matrimónio*, (Palavra e vida, Braga 1974).
- HORTELANO, A., *Eu e tu, comunidade de amor*, (Perpétuo Socorro, Porto 1970).
- KASPER, W., *O evangelho da família*, (Paulinas, Itália 2014).
- _____, *Teologia del matrimonio cristiano*, (Sal Terrae, España 1980).
- MARCOZZI, V., *O sentido do amor*, (Paulistas, Lisboa 1966).
- MIRALLES, A., *El Matrimonio: teología y vida*, (Palabra, Madrid 1997).
- MOURISCA, F. M., *Decálogo do Matrimónio*, (Paulistas, Lisboa 1972).
- MÜLLER, G. L., *A esperança da família*, (Paulinas, Madrid 2014).
- OLIVEIRA, L., *A família cristã hoje*, (Perpétuo Socorro, Porto 2005).
- PAREDES, J. G., *O que Deus uniu. Teologia da vida matrimonial e familiar*, (Paulus, Lisboa 2013).
- RAVASI, G., *Papa Francisco. Que teologia?*, (Paulinas, Itália 2016).
- ROCCA, G., *Consciência e liberdade*, (Paulus, S. Paulo 1993).

ROCHA, G., *Humanizar a sociedade. Responsabilidade de todos, contributo dos mais vulneráveis*, (Editorial Cáritas, Lisboa 2013).

SARMIENTO, A., *El Matrimonio Cristiano*, (EUNSA, España 1997).

SOBRINHO, J. A., *Casais em crise*, (BAC, Madrid 1984).

SUMBELELO, E., *A constituição do dote e as suas implicações na pastoral familiar*, (Secretariado Diocesano de Pastoral, Uíge 2009).

THURIAN, M., *Matrimónio e Celibato*, (Perpétuo Socorro, Porto 1985).

3. Artigos / Dicionários

AAVV., *Dicionário de Teologia Bíblica*, (Vozes, S. Paulo 1977).

_____, “Família e fé cristã”, in *Revista Eclesiástica Brasileira*, (Vol.76, n.302, Abril – Junho 2016).

_____, *Nuevo Diccionario de Liturgia*, (Paulinas, Madrid 1987).

_____, *Nuevo Diccionario de Teologia Moral*, (Paulinas, Madrid 1992).

ALBANO, E., “Lidentita di essere famiglia: la chiesa. Una rilettura di Amoris Laetitia I e II”, in *O Odigos* (Anno XXXV, Gennaio-Marzo 2017) 11 – 17.

ALMEIDA, M., “Acolher a Amoris Laetitia”, in *Brotéria 184* (2017) 37 – 56.

ALVES, J., “Viver a fã no coração da família”, in *Eborensia* (Vol. XXIX, n.50, 2016) 7 – 14.

ANDRÉS, J. F., “Hacerse prójimo del que sufre”, in *Nova et Vetera* (Año XL, ns.81-82, Enero-Diciembre 2016) 1 – 17.

ARÁMBULA, A. A., “Amor y Fecundidad”, in *Medellín* (Vol.XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016) 319 – 347.

BARBA, C., “Claves educativas en Amoris Laetitia”, in *Moralia 40* (2017) 97 – 134.

LÁZQUEZ, N., “La Exhortación Apostólica Amoris Laetitia. El amor en la familia” in *Studium* (Vol. LVI, fasc. 2, 2016) 235 – 269.

BOÑUEL, M. B., “Amoris Laetitia”, in *Phase 56* (2016) 33 – 43.

CALMEYN, M. L., “Amoris Laetitia: discerner à la lumière de la parole de Dieu” in *Nouvelle Revue Théologique* 138, n.3 (Juillet – Septembre 2016) 387 – 397.

CARRERO, X. - DÍAZ, F., “O nosso matrimónio a través da Exhortación Apostólica Amoris Laetitia” in *Medellín 201* (Xaneiro – Fevereiro 2017) 60 – 69.

CASTELAO, P., “A criatura, o amor e o infinito. A propósito dalgunha intuición dos capítulos centrais da Amoris Laetitia”, in *Encrucillada 201* (Xanero-Fevereiro 2017) 26 – 41.

CONFENZA EPISCOPALE CAMPANA, “Pastorale familiare: quali novità. Prosegue la recezione dell’Amoris Laetitia da parte delle chiese locali. Chi è per un rinnovamento della pastorale familiare e chi contro”, in *Il Regno* (Anno LXII, n.1255, Aprile 2017) 214 – 223.

D’ALMEIDA, B. C., “A dinâmica e a realização do amor segundo o quarto Evangelho”, in *Itinerarium* (Ano LXII, n.214, Janeiro-Abril 2016) 75 – 86.

ELIZARI, F. J., “Impresiones y reflexiones de un proceso sinodal”, in *Moralia* 39 (Vol. XXXIX, n.149, Enero-Marzo 2016) 47 – 87.

_____, “Situación de los divorciados en Amoris Laetitia. Acceso a los sacramentos”, in *Moralia* 40 (Vol. XL, n.153, Madrid 2017) 53 – 96.

FARIAS, J. J., “Matrimónio: sacramento in fieri do amor conjugal” in *Jornadas de Teologia: O divórcio. A unidade da família em questão?* (1994) 50 – 60.

FORNASIER, R. C., “Linhas para uma hermenêutica do fenómeno familiar em contexto social e eclesial”, in *Revista Eclesiástica Brasileira* (Vol.76, n.302, Abril-Junho 2016) 304 – 330.

FORTÍN, L., - VALLE, E., “Perspectivas pastorales para iluminar crisis, angustias y dificultades en las familias en la Exhortación Apostólica Postsinodal Amoris Laetitia”, in *Medellín* (Vol.XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016) 251 – 272.

GALVEZ, M. E., “Fortalecer la educación de los hijos. Exhortación Apostólica Postsinodal Amoris Laetitia”, in *Medellín* (Vol.XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016) 365 – 388.

GARCIA, C., “Aportaciones y retos del documento final del Sínodo de la familia” in *Manresa*, (Vol.88, n.347, Abril – Junho 2016) 143 – 154.

GUERRERO, P., “Presentación da Exhortación Apostólica Amoris Laetitia sobre o amor na família”, in *Encrucillada* 198 (Maio-Xuño 2016) 73 – 81.

HIDALGO, C. D., “Claves de política pública de familia planteadas por Amoris Laetitia: comentario al capítulo segundo «realidade y desafíos»”, in *Medellín* (Vol.XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016) 273 – 300.

IRRAZÁBAL, G., “Amoris Laetitia, un documento de transición?” in *Moralia* 39 (2016) 29 – 51.

JIMÉNEZ, R. C., “El amor en el matrimonio. Capítulo IV Exhortación Apostólica Postsinodal Amoris Laetitia”, in *Medellín* (Vol.XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016) 301 – 317.

KASPER, W., “O futuro da família segundo a perspectiva cristã” in AUGUSTIN, G. (Cord.), *Matrimónio e Família*, (Paulinas, 2014) 131 – 150.

LÓPEZ, J. M., “Unha moral do discernimento. Contribución Amoris Laetitia”, in *Encrucillada* 201 (Xaneiro-Febreiro 2017) 42 – 59.

MACKENZIE, J. L., *Dicionário Bíblico*, (Paulus, S. Paulo 1983).

- MARAMBIO, J. T., “Acompañar, discernir e integrar la fragilidad. El capítulo VIII de Amoris Laetitia”, in *Medellin* (Vol.XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016) 389 – 414.
- MIETH, D., “Êxito e fracasso no amor e no matrimónio. Alegação em favor de uma forma adequada de abordar o fracasso irreversível e os novos começos”, in AUGUSTIN, G. (Cord.) *Matrimónio e Família* (Paulinas, 2014) 199 – 229.
- MORA, G., “Posibilidades de atención religiosa que ofrece la Iglesia ante el matrimonio”, in *Phase 57* (2017) 9 – 20.
- MORAIS, A., “Desafios e perspectivas à pastoral familiar a partir da Amoris Laetitia” in *Atualidade Teológica*, (Ano XX, n.54, Setembro – Dezembro 2016) 580 – 598.
- MOYA, J., “La ética de la sexualidade positiva en Amoris Laetitia”, in *Moralia 39* (2016) 339 – 362.
- MULLER, G. L., “O matrimónio: «verdadeiro sacramento da nova aliança»” in AUGUSTIN, G.(Cord.), *Matrimónio e Família*, (Paulinas 2014) 93 – 114.
- _____, *Interpretação final da Amoris Laetitia*, (Fevereiro 2017). (cf. www.icatolica.com (Consultado no dia 28 de Junho de 2017)).
- NAVAS, J. L., “La familia, un valor? En un mundo en cambio”, in *Carth 27* (2011) 359 – 383.
- NETO, S. C., “Projecto pessoal de vida, acompanhamento pessoal e etapas do seguimento”, in *Horizonte Teológico* (Vol. 15, n.29, Janeiro-Junho 2016) 54 – 77.
- NEVES, V. M., “Fidelidade conjugal: harmonia das diferenças”, in *Jornadas de Teologia* (1994) 60 – 69.
- OBISPOS DE LA REGIÓN BUENOS AIRES, “Criterios básicos para la aplicación del capítulo VIII de Amoris Laetitia”, in *Medellin* (Vol. XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016) 483 – 486.
- OLAGUIBE, L., “Comentarios a la Exhortación Apostólica Amoris Laetitia: capítulo VI «algunas perspectivas pastorales de S. S. Papa Francisco»”, in *Medellin* (Vol. XLII, n.165, Mayo-Agosto 2016) 349 – 364.
- PAGLIA, V., “A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo”, in *Eborensia* (Vol. XXIX, n.50, 2016) 15 – 30.
- PEREIRA, N. B., “A Amoris Laetitia e sua fundamentação bíblica”, in *Revista Eclesiástica Brasileira*, (Vol.76, n.303, Julho – Setembro 2016) 732 – 748.
- PIANA, G., “O magistério moral do Papa Francisco. Entre radicalidade e misericórdia”, in G. RAVASI (Cord.), *Papa Francisco. Que teologia*, (Paulinas, Itália 2016) 143 – 215.
- PIÉ-NINOT, S., “Sobre la enseñanza de «Amoris Laetitia»: magistério a acoger y practicar”, in *Phase 56* (2016) 53 – 57.
- PORTUGAL, A. A., “O discernimento espiritual: acompanhar e ser acompanhado”, in *Revista de Espiritualidade* (Ns.97-98, Janeiro-Junho 2017) 3 – 4.

REPOLE, R., “Por uma Igreja à medida do evangelho. A eclesiologia no magistério do Papa Francisco”, in G. RAVASI (Cord.), *Papa Francisco. Que teologia*, (Paulinas, Itália 2016) 75 – 142.

RODRIGUES, F. J., “Soluciones jurídico-pastorales ante la situación del matrimonio en crisis” in *Revista Española de Teología* 76 (2016) 453 – 474.

RODRIGUES, P. G., “La família. «Llegó donde él y, al verlo, se conmovió» (Lc 10,33). Cuidar de las familias heridas”, in *Sal Terrae* 104 (2016) 627 – 638.

ROJAS, G. S., “Amoris Laetitia y la centralidade de la família”, in *Revista Teológica Limense* (Vol. L, n.2, 2016) 157 – 188.

SANTOS, E. A., “A relação matrimonial na atualidade”, in *Revista Eclesiástica Brasileira* (Vol.76, n.302, Abril-Junho 2016) 331 – 355.

SCHOCKENHOFF, E., “O futuro da família. Fundamentos antropológicos e desafios éticos”, in AUGUSTIN, G. (Cord.) *Matrimónio e família* (Paulinas, 2014) 15 – 30.

SERRA, R. B., “La vivencia del amor en el ministerio ordenado, en la vida consagrada y en el matrimonio. Una reflexión a la luz de la palabra y con la guía del magisterio: «Deus caritas est» y «Amoris Laetitia»”, in *Seminarios* (Vol. LXII, n.217, Mayo-Agosto 2016) 27 – 66.

_____, “Indisolubilidad matrimonial y segundas nupcias civiles de los bautizados” in *Selecciones de Teología*, (Vol.55, n.219, Julio – Septiembre 2016) 171 – 181.

SPADARO, A., “Estrutura e significado da Exortação Apostólica Pós-Sinodal do Papa Francisco”, in *Brotéria* 182 (2016) 229 – 253.

ÍNDICE

RESUMO	2
SIGLAS E ABREVIATURAS	3
INTRODUÇÃO	4
CAPÍTULO I: A REALIDADE DA FAMÍLIA E O MATRIMÓNIO À LUZ DA REVELAÇÃO BÍBLICA	8
1. Os desafios das famílias	9
1.1. As relações interpessoais	11
1.2. A solidão e o isolamento no ambiente familiar	13
1.3. O silêncio e a comunicação	14
2. A teologia do matrimónio no relato da criação	15
2.1. O matrimónio e a fecundidade	18
2.2. A ternura e o valor do trabalho	20
2.2.1. Males a evitar	22
2.2.2. Possíveis soluções	23
3. O matrimónio segundo o acontecimento cristão	24
3.1. Cristo e o amor conjugal	27
3.2. O matrimónio cristão como resposta a uma vocação de amor	29
CAPÍTULO II: O MATRIMÓNIO COMO SACRAMENTO DE AMOR NA AMORIS LAETITIA	32
1. O amor matrimonial	34
1.1. As características do amor entre os esposos	37
1.2. As dimensões do amor matrimonial	40
2. O amor fecundo e indissolúvel	43
2.1. A disponibilidade para acolher uma nova vida	44
2.2. A unidade indissolúvel do amor	45
2.3. A procriação responsável	48
3. O amor que se manifesta e cresce	50

3.1. Crescer na caridade conjugal	53
3.2. A abertura ao diálogo	54
CAPÍTULO III: O SACRAMENTO DO MATRIMÓNIO FONTE DE CRESCIMENTO E ALEGRIA ESPIRITUAL	56
1. Perspetiva Pastoral	57
1.1. A espiritualidade da comunhão matrimonial	57
1.2. A espiritualidade da solícita misericórdia	59
2. Perspetiva Pastoral	62
2.1. A fidelidade matrimonial	62
2.2. A dinâmica: discernir, acompanhar e integrar	65
2.3. A educação dos filhos	71
3. Perspetiva Missionária	78
3.1. A beleza do matrimónio cristão	79
3.2. O testemunho alegre do matrimónio	80
CONCLUSÃO	83
BIBLIOGRAFIA	86
ÍNDICE	92